

Reginaldo Sarto

A COMUNIDADE DO REINO: AMOR E FRATERNIDADE
A Configuração da Comunidade Noiva do Cordeiro

Dissertação de Mestrado

Orientador: Prof. Dr. Jaldemir Vitório

Apoio CAPES

Belo Horizonte
FAJE – Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia
2021

Reginaldo Sarto

A COMUNIDADE DO REINO: AMOR E FRATERNIDADE
A Configuração da Comunidade Noiva do Cordeiro

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Teologia da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Teologia.

Área de concentração: Teologia Sistemática

Orientador: Prof. Dr. Jaldemir Vitório

Coorientador: Prof. Dr. Sinivaldo Silva Tavares

Belo Horizonte
FAJE – Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia
2021

Sarto, Reginaldo

S251c A comunidade do Reino: amor e fraternidade, a configuração da Comunidade Noiva do Cordeiro / Reginaldo Sarto. - Belo Horizonte, 2021.

145 p.

Orientador: Prof. Dr. Jaldemir Vitório

Coorientador: Prof. Dr. Sinivaldo Silva Tavares

Dissertação (mestrado) – Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, Departamento de Teologia.

1. Reino de Deus. 2. Comunidade. 3. Amor fraterno. 4. Partilha. 5. Comunhão. I. Vitório, Jaldemir. II. Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia. Departamento de Teologia. III. Título

CDU 248.412

Reginaldo Sarto

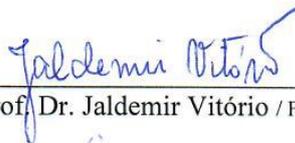
A COMUNIDADE DO REINO: AMOR E FRATERNIDADE

A Configuração da Comunidade Noiva do Cordeiro

Esta Dissertação foi julgada adequada à obtenção do título de Mestre em Teologia e aprovada em sua forma final pelo Curso de Mestrado em Teologia da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia.

Belo Horizonte, 23 de setembro de 2021.

COMISSÃO EXAMINADORA:



Prof. Dr. Jaldemir Vitorio / FAJE (Orientador)



Prof. Dr. Sinivaldo Silva Tavares / FAJE



Prof. Dr. Edmar Avelar de Sena / PUC Minas (Visitante)

“Não se pode falar de Deus à margem de seu Reino;
só se pode aceder a Ele realizando sua vontade na história.
Para Jesus não existe um espaço religioso privilegiado e autônomo
à margem e por cima da relação inter-humana.
Por isso, quando falamos de Reino de Deus,
não devemos entender como um lugar ou espaço,
mas como uma ação, um reinado”.

María Stella Rodríguez Arenas

AGRADECIMENTOS

À Companhia de Jesus, pela confiança;
Ao meu orientador e professor, pela paciência
e presteza na elaboração desta Dissertação:

Prof. Dr. Jaldemir Vitória.

Ao coorientador Prof. Dr. Sinivaldo Silva Tavares.

Aos professores e colegas da pós-graduação da FAJE.

Ao meu superior religioso padre Kleber Chevi,
pelo apoio durante todo o mestrado;

Aos companheiros jesuítas de comunidade
que me acompanharam nessa trajetória.

Aos amigos e amigas que me motivaram na realização deste trabalho.

À Comunidade Noiva do Cordeiro que inspirou esta pesquisa
e sempre nos acolhe com alegria e afeto em seu meio.

“O presente trabalho foi realizado com apoio
da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de
Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001”

RESUMO

A presente pesquisa aprofunda a experiência do Reino de Deus no amor fraterno e na vida comum da Comunidade Noiva do Cordeiro, um grupo sem religião, porém, constituído por pessoas tementes a Deus e configurado segundo o modo de viver de uma Comunidade do Reino. A história de vida e de fé dessa comunidade abarca episódios fascinantes e, em sua atual feição, identifica-se profundamente com o *ethos* das primitivas comunidades cristãs, cultivando o amor mútuo e a partilha dos dons. Apesar de não ser confessional, a experiência de fé da Comunidade Noiva do Cordeiro, centrada na vivência dos valores cristãos, convida à reflexão sobre como a Igreja e as outras comunidades cristãs são desafiadas a testemunhar o amor mútuo que torna presente o Reino de Deus, tema central do anúncio de Jesus. O Reino não é um lugar geográfico no qual se possa entrar, tampouco, privilégio de um grupo religioso; é fidelidade ao modo de proceder de Jesus, por isso, não se pode conceber a vida eclesial à margem do Reino de Deus. Com o aporte teológico obtido nesta pesquisa, chegou-se à conclusão de que é possível uma comunidade estabelecer-se como Comunidade do Reino, mesmo fora das fronteiras institucionais da Igreja. Pôde-se constatar que a Comunidade Noiva do Cordeiro apresenta-se como exemplo de comunidade identificada com os valores do Reino de Deus. Como uma tarefa continuada, essa pesquisa abre novas possibilidades de se refletir sobre o papel do testemunho da fraternidade na vida eclesial como um elemento vital da experiência do Reino de Deus.

Palavras-chave

Reino de Deus, Comunidade, amor fraterno, partilha, comunhão.

ABSTRACT

This research deals with the *Comunidade Noiva do Cordeiro's* experience of living the Kingdom of God in fraternity and shared life. This group is composed of people who do not profess any religion. Still, they believe in God, and their existence is organized according to what can be called a "Community of the Kingdom". The lifestyle of this community is fascinating, profoundly identified with the *ethos* of the primitive Christian communities that cultivate relations of love and that, joyfully, shares life. *Comunidade Noiva do Cordeiro* is not a confessional community, but it is shaped by the Christian values, which are witnessed through how the members of this community live. Witnessing and building the Kingdom of God are central themes of Jesus' mission. The *Comunidade Noiva do Cordeiro's* way of approaching their faith can function as an invitation to reflect on how the Church and the Christian communities could live their own faith. The Kingdom of God is not a geographic place in which someone can get inside. It is neither a privilege of one specific group. Instead, it is the fidelity to Jesus' *praxis*. For that reason, the Church cannot be conceived at the margins of the Kingdom of God. With the theological outcomes of this research, it is possible to affirm that a community can be established as a Community of Kingdom even outside the institutional borders of the Catholic Church. The *Comunidade Noiva do Cordeiro* is an example of such a community,

identified with Jesus' values. As an ongoing task, there is still some reflection to do on the role of witnessing fraternity in ecclesial life as a vital element of experiencing the Kingdom of God.

Keywords

Kingdom of God, Community, fraternal love, sharing, communion.

ABREVIATURAS E SIGLAS

<i>BJ</i>	<i>Bíblia de Jerusalém</i>
<i>CDC</i>	<i>Código de Direito Canônico</i>
<i>CNBB</i>	<i>Conferência Nacional dos Bispos do Brasil</i>
<i>CONIC</i>	<i>Conselho Nacional de Igrejas Cristãs</i>
<i>DAp</i>	<i>Documento de Aparecida</i>
<i>DM</i>	<i>Dives in Misericordia</i>
<i>DZ</i>	<i>Denzinger</i>
<i>EE</i>	<i>Exercícios Espirituais</i>
<i>EG</i>	<i>Evangelii Gaudium</i>
<i>FT</i>	<i>Carta Encíclica Fratelli Tutti</i>
<i>GE</i>	<i>Gaudete et Exsultate</i>
<i>GS</i>	<i>Gaudium et Spes</i>
<i>LG</i>	<i>Lumen Gentium</i>

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
1. CAPÍTULO I: A EXPERIÊNCIA DO AMOR FRATERNAL COMO CAMINHO DE SUPERAÇÃO E LIBERTAÇÃO DO SOFRIMENTO E DO ISOLAMENTO NA COMUNIDADE NOIVA DO CORDEIRO.....	18
1.1 Breve histórico da Comunidade Noiva do Cordeiro.....	18
1.2 Questões pertinentes acerca da fé.....	21
1.2.1 Experiências frustrantes com a religião que impôs longo tempo de sofrimento e isolamento a um povo.....	22
1.2.2 O início de um processo de exclusão: de um matrimônio forçado, válido, a uma união livre, condenável.....	24
1.3 O Período protestante: nasce a igreja Noiva do Cordeiro.....	26
1.3.1 Preconceito e difamação vividos pela Comunidade Noiva do Cordeiro nesse tempo.....	28
1.3.2 Do rigor de um fundamentalismo insustentável ao despertar para uma vida feliz e com sentido.....	31
1.3.3 O rompimento com a instituição Igreja e o início de um novo período.....	36
1.4 A alegria: um tesouro escondido que foi encontrado.....	39
1.4.1 O que parece faltar ainda à comunidade Noiva do Cordeiro?.....	45
1.4.2 Superação da exclusão.....	47
1.5 À guisa de conclusão	49
2. CAPÍTULO II: O PROJETO DE VIDA DA COMUNIDADE DO REINO COMO RESULTADO DA CONSCIÊNCIA DESPERTADA POR JESUS NOS DISCÍPULOS.....	50
2.1 O que é, afinal, este Reino?	50
2.1.1 A mensagem e a vida de Jesus em profunda relação com o Reino de Deus e a realidade humana.....	51
2.1.2 Dimensão escatológica do Reino: presente e futuro, realidade e eternidade.....	54
2.1.3 A justiça e o amor: sinais do Reino na superação do mal no mundo.....	56
2.1.4 A misericórdia que brota do amor de Deus: uma fonte que deve jorrar na Comunidade do Reino.....	59
2.2 O Reino de Deus anunciado por meio das parábolas.....	61
2.2.1 Reino de Deus e Igreja.....	64

2.2.2	O Projeto de Vida das primeiras Comunidades do Reino.....	68
2.2.3	A <i>Koinonia</i> na vida da comunidade.....	69
2.2.4	A Igreja como Comunidade do Reino chamada a promover a acolhida e o cuidado humano.....	73
2.3	Os desafios enfrentados pela Comunidade do Reino: a proximidade do Reino de Deus ante as forças do antirreino.....	76
2.4	A alegria decorrente da descoberta do valor inestimável do Reino de Deus a partir das parábolas do tesouro e da pérola.....	81
2.4.1	O tesouro encontrado e a alegria que contagia (Mt 13, 44)	83
2.4.2	A pérola preciosa: O Reino de Deus se deixa encontrar por aquele que o procura (Mt 13, 45-46)	86
2.4.3	O que essas parábolas nos ensinam?	88
2.5	À guisa de Conclusão.....	93
3.	CAPÍTULO III: A COMUNIDADE NOIVA DO CORDEIRO E A EXPERIÊNCIA DO REINO MANIFESTADA EM JESUS COMO CAMINHO DE SALVAÇÃO.....	94
3.1	A religião e a fé na comunidade Noiva do Cordeiro.....	94
3.2	A instituição religiosa é necessária para a salvação?.....	100
3.2.1	A compreensão do Mistério Salvífico no magistério da Igreja.....	102
3.2.2	A concepção de salvação na tradição protestante.....	105
3.2.3	A salvação para além do que concebem as Igrejas.....	106
3.3	Ausência de “religião” e presença de valores cristãos.....	108
3.3.1	A transmissão dos valores espirituais na vida da comunidade.....	112
3.3.2	Sinais do Reino na vida comum e na comunhão dos corações.....	116
3.3.3	Partilha da mesa e dos dons.....	117
3.3.4	A festa como dimensão celebrativa na comunidade Noiva do Cordeiro.....	119
3.3.5	A peculiaridade da Comunidade Noiva do Cordeiro.....	123
3.3.6	O matrimônio e a concepção familiar na vida da Comunidade Noiva do Cordeiro.....	122
3.4	Realidade humana como lugar de salvação.....	125
3.4.1	Lugar onde o Reino se faz próximo.....	132
3.4.2	A fidelidade ao projeto de Jesus constitui a Comunidade do Reino.....	134
3.5	À guisa de conclusão.....	136
	CONCLUSÃO.....	138

Referências bibliográficas.....	142
---------------------------------	-----

INTRODUÇÃO

O anúncio do Reino de Deus é central na mensagem de Jesus. Assim sendo, não podemos conceber um cristianismo sem o Reinado de Deus. Para ser fiel à Boa Notícia de Jesus, a Igreja tem a missão de despertar a consciência dos fiéis para a conversão ao Reino de Deus, isto é, para que dêem crédito aos ensinamentos do Cristo e sejam fiéis ao projeto de vida que Ele veio trazer. Durante muito tempo a Igreja se impôs como uma instituição de poder, fazendo prevalecer sua autoridade. Desse modo, o institucional se sobrepôs à mensagem do Reino, fundamento do anúncio cristão. O atual sumo Pontífice, Papa Francisco, insiste em que a Igreja deve anunciar o Reino e não ser autorreferencial.¹ Corre-se o risco de gastar tempo na defesa de doutrinas e preceitos religiosos, colocando de lado a essência da mensagem que Jesus nos apresenta: “o Reino de Deus está próximo. Converti-vos e crede no Evangelho” (Mc 1,15).

Só se pode construir a Comunidade do Reino testemunhando com a vida o mandamento de amor uns aos outros que Jesus nos deixou. Conseqüentemente, a fidelidade ao amor de Deus reflete-se em todas as dimensões da vida do cristão. Uma comunidade de fé que se deixa guiar por esse amor permite que haja no seu meio vida em abundância.

Olhando para as diversas realidades da Igreja, podemos facilmente identificar em muitas comunidades uma grande dificuldade para serem fiéis à proposta de Jesus. Por outro lado, muitas pessoas ou grupos, mesmo sem professar a fé numa Igreja, encarnam a proposta de Jesus com grande entusiasmo e fidelidade. Isso mostra que a dinâmica do Reino de Deus se faz presente para além das fronteiras institucionais da Igreja. Quando se acolhe a mensagem de Jesus, trilhando um caminho de fidelidade à sua proposta, o Reino de Deus torna-se realidade; faz-se próximo daqueles que tomam consciência do projeto de vida oferecido por Ele e, assim, testemunha-se com o agir humano seus ensinamentos.

Tendo presente o Reino de Deus como centro da mensagem de Jesus, buscar-se-á nesta pesquisa apresentar uma realidade concreta, na qual se pretende mostrar sinais visíveis da presença do Reino, apesar da marginalização eclesial. A opção por esta pesquisa deve-se ao fato de nessa realidade, uma comunidade real, objeto desse estudo, não existir nenhum vínculo com a Igreja institucionalizada. No entanto, sua fascinante história de vida proporciona importantes elementos para se fazer uma reflexão eclesial sobre a realidade do Reino de Deus.

A comunidade em questão denomina-se *Noiva do Cordeiro* e localiza-se na cidade de Belo Vale, região central do Estado de Minas Gerais. A família que lhe deu origem e a fez

¹ TRIGO, Pedro. *Papa Francisco. Expressão atualizada do concílio Vaticano II*. São Paulo: Paulinas, 2019, p. 169.

crescer, foi excomungada pela Igreja Católica há mais de um século. O motivo foi o fato de uma mulher obrigada pelo pai a se casar com um homem com quem não queria, ter abandonado o marido de um casamento forçado e ido morar com outro que ela amava. O ato ousado daquela mulher, na época, a levou à “excomunhão” da Igreja, juntamente com o homem com quem fora morar. A excomunhão deveria estender-se a toda sua descendência por quatro gerações. Desse modo, constituiu-se uma família que se manteve por várias gerações sob o jugo da “maldição”, como era chamado o castigo. Como se não bastasse, esse povo sofreu todo tipo de discriminação e isolamento por parte da comunidade católica da região.

O interesse por conhecer mais a fundo e pesquisar a Comunidade Noiva do Cordeiro vem desde os meus estudos de graduação em Teologia, na Pontifícia Universidad Javeriana de Bogotá, Colômbia, quando um jornal local publicou uma matéria sobre a comunidade. Aquela foi a primeira informação obtida sobre a comunidade e, de imediato, chamou-me a atenção o modo de viver desse povo. A partir de então buscamos mais informações, até que nos despertou o interesse pelo tema desta pesquisa, pois o modo de vida pelo qual a comunidade optou tinha forte relação com a compreensão que tínhamos, até então, sobre o Reino de Deus. Desse modo, começamos a pensar o projeto de pesquisa com o interesse de estudar a vida da comunidade, na perspectiva do Reino de Deus. Se a mensagem do Reino de Deus foi o centro do anúncio de Jesus, deve ser central também na vida de todos os que têm Cristo como mestre e guia. Com esse foco, buscaremos, por meio dessa experiência concreta, averiguar como o Reino de Deus pode fazer-se presente, realmente, na vida de uma comunidade.

A Comunidade Noiva do Cordeiro passou por diversos períodos, dentre eles, o protestantismo que impôs aos membros uma doutrina extremamente rígida que em nada contribuiu para a superação da exclusão sofrida, mas, ao contrário, acarretou ainda mais privações. No extremo do isolamento e da opressão, os membros da comunidade romperam com a Igreja Evangélica que deu ao local o atual nome e buscaram superar o sofrimento, a opressão e o isolamento. Assim, constituiu-se uma comunidade fundada no princípio do amor fraterno, trabalhando pelo bem comum de todos os seus membros e partilhando os bens com alegria e simplicidade de vida. Essa comunidade descobriu a alegria de viver do trabalho coletivo, da partilha, vivendo o respeito mútuo, contudo, desvinculando-se da religião que, durante muito tempo, foi motivo de opressão. O fato de viverem fora das fronteiras institucionais de uma igreja, não significa ausência de fé em Deus. Uma situação pontual levou-os a abandonar uma “religião” que exclui, para viver a “religião” do amor fraterno que une. Mesmo com a ausência da religião institucionalizada, o povo da comunidade manifesta, a todo

tempo, sua fé. Na prática de vida, este grupo humano, que fez a opção de viver sem religião, construiu um projeto de vida que parece identificar-se profundamente com o de uma *Comunidade do Reino* que, a exemplo das comunidades cristãs primitivas, coloca seus bens em comum e partilha tudo com alegria.²

A breve contextualização anterior ajuda a compreender o objetivo desta pesquisa: mostrar como a Comunidade Noiva do Cordeiro se configura como Comunidade do Reino, com seu modo de viver pautado na experiência do amor fraterno e da vida comum. A pertinência desse tema está no fato de apontar como o testemunho de vida daqueles que descobrem a alegria de viver o amor uns aos outros, configurando-se como Comunidade do Reino, pode contribuir para abrir caminhos que inspirem a vivência do Reino de Deus. Por outro lado, interpela a olhar as realidades onde prevalece a dificuldade de vivê-lo e ver nelas um espaço para refletir sobre o que impede a concretização do Reino. Ao se fazer uma leitura eclesial sobre o Reino de Deus, a partir de uma realidade concreta, destaca-se a importância de se focar na essência da mensagem cristã, confrontando o conceito Reino de Deus com o modo como o povo de Deus responde à proposta de Jesus na vida cotidiana.

Para o desenvolvimento deste trabalho será utilizada a pesquisa bibliográfica. O estudo específico sobre a vida da Comunidade Noiva do Cordeiro se fundamentará em outros estudos de campo já realizados na comunidade, incluindo outras áreas de conhecimento, como a ciência da religião, a administração, os documentários e reportagens jornalísticas. Esses documentos fornecem informações importantes sobre a história e o modo de viver da comunidade que serão úteis para o presente estudo. No campo da Teologia, foi possível o acesso somente a dois artigos sobre a comunidade, os quais serão enriquecedores para a leitura teológica que se fará de sua realidade.

Vale ressaltar que existem muitos conteúdos escritos e reportagens sensacionalistas, disponíveis na internet, que mostram aspectos específicos e, muitas vezes, distorcidos sobre a Comunidade Noiva do Cordeiro. Contudo, o objetivo deste trabalho consiste em fazer uma leitura histórico-teológica com foco no aspecto eclesiológico, tendo presente também o social. Para isso não interessam conteúdos que fogem ao aspecto desejado nesta pesquisa. O contexto da comunidade se limitará à sua história, à questão teológica que levou a comunidade à decisão de não ter mais religião e ao modo de vida que escolheu após a ruptura com a Igreja. A opção de vida da comunidade será o ponto relevante para o desenvolvimento deste estudo.

² “Todos os que tinham abraçado a fé reuniam-se e punham tudo em comum: vendiam suas propriedades e bens, e dividiam-nos entre todos, segundo as necessidades de cada um”. At 2,44.

O material bibliográfico específico da Teologia se concentrará nas áreas bíblica, cristológica e eclesiológica para se compreender o fundamento da mensagem do Reino de Deus e, assim, se fazer uma leitura teológica no contexto da Comunidade Noiva do Cordeiro. Tendo presente os aportes teóricos, analisar-se-á a realidade estudada em vista de mostrar como o Reino de Deus pode tornar-se presente na dinâmica da vida comunitária. Para isso, a pesquisa será dividida em três capítulos.

No primeiro capítulo, se fará uma leitura histórico-teológica da Comunidade Noiva do Cordeiro para mostrar como se formou e como foi sua relação com a fé, ao longo de sua existência, até chegar à atual configuração. Buscar-se-á evidenciar como seus membros entram em conflito e rompem com a instituição Igreja para serem fiéis à fé e como tal escolha os colocou em sintonia com o propósito do Evangelho. Nesse processo será necessário considerar sua relação social e religiosa com a população vizinha e com a Igreja. Muitos elementos estão presentes nessas relações e, portanto, será importante compreendê-los e analisá-los à luz da fé. O caminho feito pela Comunidade Noiva do Cordeiro, mesmo permanecendo no mesmo lugar geográfico, representa um grande êxodo em busca de libertação. Não será sem sacrifícios, sem opressões, tampouco sem sofrimentos, até chegarem ao tempo da esperança, à superação de tudo quanto a impedia de ter uma vida feliz. A libertação se dará, sobretudo, a partir da experiência do amor fraterno.

O segundo capítulo será uma secção exclusiva para mostrar o projeto de vida comunitária dos discípulos do Reino, a partir dos Evangelhos. O estilo de vida da comunidade do Reino deve resultar da consciência que Jesus despertou nos discípulos. Assim, será mostrada a compreensão do Reino de Deus com o aporte de alguns teólogos. O conceito Reino de Deus é vasto e muitos autores o estudaram sob várias perspectivas. Trata-se de um assunto que não se esgota, mesmo com o vasto filão bibliográfico elaborado ao longo do tempo. Aqui, no entanto, se buscará compreender o Reino de Deus como realidade que já está presente, já nos foi dada por Deus e se manifesta na história de quem abraça a proposta cristã com fidelidade. A partir dos ensinamentos de Jesus, temos a missão de fazer do Reino de Deus um evento próximo e viver, já hoje, como Comunidade do Reino. Não se pretende empreender uma abordagem exaustiva, mas compreender a essência da mensagem de Jesus sobre o Reino de Deus para, então, fazer a leitura da experiência concreta de um povo a partir da mensagem evangélica, cujo centro é o anúncio do Reino de Deus.

O terceiro capítulo detalhará os aspectos da vida da Comunidade Noiva do Cordeiro na sua atual configuração, a relação humana entre seus membros, o sentido de pertença e como

vivem e transmitem os valores espirituais para, então, se mostrar como a experiência do Reino reflete-se na vivência da comunidade. Para isso, será necessário ler os elementos de sua vida comunitária à luz da mensagem evangélica para verificar se o que buscam viver corresponde à proposta da comunidade do Reino de Jesus. Significa mostrar a prática de vida de seus membros interpretada a partir da compreensão do Reino, apresentada no segundo capítulo, e verificar se o que vivem está em sintonia com a mensagem do Evangelho. Não se tem a pretensão de apresentar a comunidade Noiva do Cordeiro como comunidade perfeita, sem conflitos, mas sim sublinhar que o grupo tem consciência de que, apesar de suas fraquezas, internalizou o essencial da mensagem cristã para a vida comunitária que é o amor uns aos outros.

Ao pesquisar o tema do Reino de Deus, de modo particular, no contexto latino-americano, se encontra um conteúdo vasto, com o enfoque no Reino de Deus como o lugar dos pobres. De fato, os pobres foram os principais destinatários da mensagem de Jesus e continuam clamando por libertação em um contexto de opressão. As teologias feitas nesse contexto assumem um caráter profético de denúncia das situações de exploração, injustiça, desigualdades sociais etc. A leitura que se faz nesta pesquisa se insere também nesse contexto. Todavia, se pretende mostrar a real possibilidade de concretização do Reino de Deus quando, numa comunidade ou grupo social, todos tomam consciência da máxima cristã: “amai-vos uns aos outros” (Jo 15,17). O amor uns aos outros supera todas as situações que produzem forças contrárias ao Reino.³ Nesse sentido, a dimensão do amor fraterno será sempre o ponto norteador ao longo desse trabalho para enfatizar que, na experiência concreta de um povo, esse amor torna-se fundamental para a vida comunitária.

Como já foi dito, muitos estudos foram feitos sobre a Comunidade Noiva do Cordeiro em outras áreas de conhecimento. Nesta pesquisa, a novidade se encontra no fato de se refletir sobre a presença do Reino de Deus no contexto de uma comunidade fora das fronteiras institucionais da Igreja. Esta se constitui uma importante contribuição para se refletir a experiência cristã na vida eclesial. Se a Igreja não for capaz de testemunhar o que anuncia, o Reino de Deus não se faz próximo. O testemunho configura-se como fundamental na vida das comunidades eclesiais para que possam se identificar verdadeiramente como comunidades do Reino. Nesse sentido, esse estudo pretende focar a Igreja e examinar seu modo de seguir a Cristo como comunidade de fé.

³ A narrativa do hino à caridade em 1Cor 13,4-7 mostra que a experiência do amor fraterno vivida com fidelidade supera todas dificuldades e sem esse amor não seria possível viver o Reino de Deus.

CAPÍTULO I:
1 A EXPERIÊNCIA DO AMOR FRATERNAL COMO CAMINHO DE SUPERAÇÃO E
LIBERTAÇÃO DO SOFRIMENTO E DO ISOLAMENTO NA COMUNIDADE
NOIVA DO CORDEIRO

Neste capítulo faremos uma leitura histórico-teológica da comunidade Noiva do Cordeiro – atualmente, uma comunidade não confessional – porém, com uma experiência de vida pautada no amor fraterno e na alegria que testemunha a proximidade do Reino de Deus. O estudo implica, também, verificar o contexto da comunidade católica da região à qual pertence, geograficamente, desde o início de sua existência. Para isso, será necessário apresentar esse contexto, bem como o caminho percorrido pela comunidade até chegar à atual configuração. Nossa intenção, no entanto, não será simplesmente apresentar a história da comunidade Noiva do Cordeiro ou tomar sua defesa, mas mostrar como entra em conflito e rompe com a igreja institucionalizada para viver o processo de humanização, cuja essência da vida é o amor fraterno que gera felicidade. O caminho da fidelidade à fé nem sempre é o da religião institucional. O critério de discernimento e decisão que leva a comunidade a fazer essa opção de vida é o cerne da questão que desejamos mostrar no presente capítulo. Desse modo, mostraremos como a comunidade se constituiu, as etapas vividas ao longo de cento e trinta anos de história, os desfechos que foram se dando nessas etapas, os conflitos vividos com os católicos da região, os dilemas enfrentados, as lutas e as conquistas. Esses fatos configuram-se como um grande êxodo rumo à libertação de um povo. Tais elementos serão fundamentais para compreendermos como a comunidade Noiva do Cordeiro chegou ao que é, hoje, estabelecendo-se como uma comunidade fortalecida pelos vínculos do amor fraterno. Tudo isso será abordado à luz da Boa Notícia do Reino anunciado por Jesus, uma vez que o foco de nossa pesquisa é identificar a comunidade Noiva do Cordeiro como comunidade do Reino.

1.1 Breve histórico da Comunidade Noiva do Cordeiro

A comunidade Noiva do Cordeiro localiza-se numa área rural do município de Belo Vale – MG, cerca de 85 km da capital mineira. A comunidade originou-se a partir de uma família excomungada pela Igreja católica há cerca de cento e trinta anos, em 1891. A excomunhão aconteceu pelo fato de uma mulher ter abandonado o marido com o qual foi obrigada a casar-se por imposição de seu pai, mesmo sem dele gostar e começar um relacionamento com outro homem. De acordo com narrativas das pessoas da comunidade, a

punição caberia, não só à mulher e a seu novo parceiro, mas se estenderia a todos os seus descendentes por até quatro gerações.¹

A Igreja de Belo vale, hoje, pertence à Arquidiocese de Belo Horizonte, mas, na ocasião, estava sob a jurisdição da Diocese de Mariana, mais tarde elevada a Arquidiocese. Em 1891, ainda não havia sido criado o município de Belo Vale. Tratava-se de um distrito pertencente ao município de Bomfim, MG, chamado São Gonçalo da Ponte. Nele já existia a paróquia com o mesmo nome, hoje, matriz da cidade.

Após o evento da excomunhão, a família constituiu-se em total isolamento. Ela cresceu e multiplicou-se, todos os seus membros sob o jugo da maldição² por vários anos. Schultz destaca três períodos da comunidade: o primeiro período, o da excomunhão, foi de 1891 a 1953, quando foi criada a Igreja evangélica Noiva do Cordeiro, que hoje dá o nome à comunidade.³ O período posterior corresponde ao protestantismo, situando-se entre os anos 1952 e 1991. Não bastasse a exclusão e o isolamento sofridos pelos membros da comunidade por parte dos católicos da região, neste tempo, de acordo com Schultz, sobreveio “grandes privações e carestia de bens necessários à vida.”⁴ Por último, vem o período correspondente aos tempos atuais, que começa em 1991, quando a comunidade decide romper com a religião institucional e viver uma vida pautada no amor, no cuidado, no respeito mútuo e na partilha dos bens produzidos.

Mais de um século de história se passou em Noiva do Cordeiro, e esse povo já vive, hoje, a quinta geração desde a excomunhão do casal que deu origem à comunidade, em 1891. Atualmente moram no local mais de 300 pessoas. Teologicamente, podemos afirmar que o “período de exílio” e de sofrimento passou, e esse povo vive um tempo de graça, no qual, sinais do Reino de Deus tornam-se visíveis, como podemos observar na narrativa de uma moradora mostrada por Alves: “A gente vive aqui em união, em harmonia, nada é de ninguém, tudo aqui

¹ ALVES, A. *Documentário Noivas do Cordeiro*. [Rio de Janeiro:] Globo Filmes/GNT, 2008, min: 3:35. Disponível em: <[Documentário NoivaS do Cordeiro](#)>. Acesso em: 21 de jun. 2021.

² De acordo com moradores do lugar, eles eram tidos como filhos da maldição como podemos ver no seguinte relato: “*Tinha separação no cemitério de enterrar a família da maldição, são os pagãos, né! Tem uns três anos, quatro anos que eles tiraram a separação de dentro do cemitério. Meu avô mesmo, as coisas que ele colhia, os outros não comia, não bebia, o queijo que ele fazia não podia comer... é da maldição, né! Tinha que levar num lugar que ninguém conhecia ele pra vender: Vender o queijo, vender a carne, o frango, ovos... Tudo, tudo era da maldição, então tinha que levar num lugar aí que eles não conheciam pra vender*”. Elias, morador de Noiva do Cordeiro (MOREYRA, E. Fernando Gabeira: *Visita a Noiva do Cordeiro*. [Rio de Janeiro:] *Globo News Jornalismo*, 2014, min 06:07). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=nkyzWQ-k6M>>. Acesso em 4 de jun. 2021.

³ SCHULTZ, A. Pós-protestantismo: descrição e análise de um caso de dissidência religiosa na comunidade rural Noiva do Cordeiro, em Belo Vale, MG. *Protestantismo em Revista*, São Leopoldo, v. 30, p. 108 Jan./Abr. 2013. Disponível em: <<http://periodicos.est.edu.br/index.php/nepp/article/view/745>>. Acesso: 21 de jun. 2021.

⁴ SCHULTZ, 2013, p. 108.

é de todo mundo e ninguém aqui tem mais do que ninguém, é tudo igual. Isso é o que acho mais importante aqui, ninguém se destacar uns dos outros.”⁵ Ainda que não professem a fé numa religião, o modo de vida, como é descrito pela moradora do lugar no documentário *Noivas do Cordeiro*, identifica-se com o modo de viver das primeiras comunidades cristãs, como podemos ver na mensagem dos Atos dos Apóstolos: “todos os que tinham abraçado a fé reuniam-se e punham tudo em comum: vendiam suas propriedades e bens, e dividiam-nos entre todos, segundo as necessidades de cada um. [...] Partiam o pão pelas casas, tomando o alimento com alegria e simplicidade de coração” (At 2,44-46).

Noiva do Cordeiro viveu um processo de resiliência para chegar ao que é hoje. Os períodos anteriores foram marcados por muitos sofrimentos. Apesar disso, seus membros sentem-se orgulhosos e gratos por terem superado os tempos difíceis. De acordo com Rodríguez, para haver resiliência de uma desgraça passada, é necessário que uma pessoa ou grupo tenha sido vulnerado, ferido, traumatizado e, tendo atravessado por tal situação, descobre no mesmo ambiente que o rodeia, meios para voltar à vida de forma ainda mais enriquecida pela experiência, conservando, contudo, a memória do trauma.⁶

Apesar de o tema da resiliência ser mais comumente relacionado a outras ciências humanas, é importante para a teologia, pois esta, afirma Rodríguez, “interroga pelo sentido último da existência humana [...], portanto, não deve estar alheia ao conhecimento que emerge de outros saberes e ciências em torno do que acontece na vida de homens e mulheres que se debatem em contínuos interrogantes sobre o sentido do sofrimento.”⁷ Ao anunciar a chegada do Reino de Deus, Jesus se identifica a si mesmo como a Boa Notícia do Reino. Seus gestos são distintivos marcantes desse Reino e correspondem ao anúncio feito no início de sua vida pública: “Enviou-me para proclamar a libertação aos presos e aos cegos a recuperação da vista, para restituir a liberdade aos oprimidos e para proclamar um ano de graça do Senhor” (Lc 4,18). Ao ir ao encontro dos descartados da sociedade como os cegos, cochos, aleijados, endemoninhados, pecadores, Jesus se coloca na contramão da sociedade que oprimia esses vulnerados, pois não tolera o que oprime e gera morte. Por isso mesmo, quer libertar os cativos e oferecer a alegria de viver a essas pessoas. Nesse sentido, Jesus promove a resiliência “como manifestação do Reino de Deus”⁸, conclui Rodríguez.

⁵ ALVES, 2008, min 42:14.

⁶ RODRÍGUEZ ARENAS, M. S. *La resiliencia como vivencia del Reino de Dios*. Bogotá: PUJ, 2015. p. 37-40. Todas as citações referentes a esta obra são traduções feitas por nós.

⁷ RODRÍGUEZ ARENAS, 2015, p. 16.

⁸ RODRÍGUEZ ARENAS, 2015, p. 18.

1.2 Questões pertinentes acerca da fé

Muitos cristãos, mesmo afirmando-se fiéis à igreja à qual pertencem, destoam da proposta do Reino por causa das atitudes incoerentes com a mensagem de Jesus. O excesso de moralismo e a absolutização das doutrinas impostas pela religião, em detrimento da mensagem salvífica do Evangelho, muitas vezes, impede o acolhimento do Reino de Deus. Quando o que se prega na igreja torna-se algo pesado, difícil de se cumprir, impõe pesados jugos, condena e exclui o próximo, não há nela a presença do Reino de Deus. Conforme Castillo, “na religião ocorre com frequência que os pecadores, os hereges, os infiéis são castigados, ameaçados e, se possível, excomungados. [...] Um mundo assim seria insuportável.”⁹ O povo de Noiva do Cordeiro viveu anos de exclusão e discriminação por parte da vizinhança e dos moradores da cidade que o julgava a partir de um juízo moral tradicionalista assimilado na Igreja Católica. Quanto aos que sofriam o peso do jugo, espezinhava a ideia da maldição que lhes fora imposta. Não suportando mais o pesado fardo que carregava, esse povo procurará um caminho de libertação onde possa desfrutar a dignidade e a vida feliz.

Ao fazermos uma leitura teológica de Noiva do Cordeiro, devemos considerar todo o contexto que envolve a comunidade. Esse implica a relação da história de vida desse povo com a fé dos católicos da circunvizinhança. Todo processo vivido, os desfechos que foram sendo forjados têm relação direta com a fé e a religião cristã que abarca a vida de todos. Por isso, ler a comunidade com o enfoque teológico exige necessariamente fazer o mesmo com a comunidade católica implicada nessa história. Assim, ao refletirmos essa realidade, consideraremos como se revelam os protagonistas envolvidos nessa trama. Servir-nos-emos de matérias e estudos já realizados, em torno dessa realidade, e, a partir deles, refletiremos como os critérios evangélicos contidos na mensagem do Reino de Deus influenciaram na origem e na consolidação da comunidade. De acordo com Schultz, é importante também atentar para se fazer uma leitura criteriosa, evitando-se apologias.

O jeito de ler Noiva do Cordeiro precisa evitar fazer apologia da forma lá desenvolvida e tentar captar o espírito que move aquela forma, mostrar os fatos e eventos que envolvem as pessoas, fazer uma espécie de exegese do fenômeno. [...] é um modo radical e autêntico de humanidade. É uma forma de vida que dá testemunho do processo de humanização, ou de busca de essencialização [...]. O que vemos aí é um apelo à essência, um ensaio de um processo de essencialização do ser humano.¹⁰

⁹ CASTILLO, J. M. *O Reinado de Deus*. São Paulo: Loyola, 2016. p. 41.

¹⁰ SCHULTZ, 2013, p. 104.

Não se trata, portanto, de nos colocarmos em defesa da comunidade, mas fazer uma leitura teológica a partir de seu contexto que oferece importantes elementos para essa reflexão. O processo vivido por Noiva do Cordeiro apresenta questões pertinentes acerca da fé, da vida eclesial e da comunidade do Reino sonhada por Jesus. Seu estilo de vida comunitária, embora desvinculado da igreja institucionalizada, tem muito a ensinar. Para Sobrino temos muito a aprender de todas as pessoas de boa vontade que, objetivamente, estão à nossa frente na proximidade com o Reino de Deus.¹¹

1.2.1 Experiências frustrantes com a religião que impôs longo tempo de sofrimento e isolamento a um povo

A experiência das primeiras gerações de Noiva do Cordeiro com a religião, mais precisamente através da relação com o catolicismo, foi totalmente negativa. Durante muitos anos sofreram completa exclusão por parte dos católicos da região. No período de 62 anos compreendidos entre 1891 e 1953, a família cresceu e conviveu com o estigma de “filhos da maldição”. Numa localidade e período em que a fé católica era marcada pela religiosidade popular, devoções, superstições e tradicionalismo religioso, pode-se deduzir como esse contexto contribuiu para a reprovação dos católicos aos excomungados, gerando neles sofrimento e exclusão, o que, de acordo com Castilho, contradiz a mensagem do Evangelho, pois, “quando os evangelhos falam do Reino de Deus, indicam-nos que a Igreja e nós, cristãos devemos apenas ensinar que, nesta vida, todos deveriam fazer o que Deus quer e o que Deus gosta.”¹² Se uma comunidade cristã condena, discrimina, exclui, difama e maltrata o próximo, então o Reino de Deus não pode estar presente entre esses cristãos, pois isso contradiz a mensagem do Evangelho. Um aspecto absolutamente central na compreensão que Jesus tem acerca do Reino de Deus é que não se vive de forma teórica, tampouco confessando a fé numa igreja, mas é uma experiência de vida que, conforme Rodríguez, “se deve acolher vitalmente.”¹³ Assim, a presença ou privação do Reino de Deus dependerá da atitude das pessoas e não necessariamente do credo.

Nessa trama, podemos identificar dois grupos, estando os católicos de um lado e os “pagãos” de outro. Esses não se sentiam no direito de se defenderem da acusação daqueles, pois

¹¹ SOBRINO, J. Jesús y el Reino de Dios. Significado y objetivos últimos de su vida y misión. *Revista de Teología Pastoral*, Barcelona, v. 66, n.5, p. 363, Mayo, 1978. Todas as citações referentes a este artigo são traduções feitas por nós.

¹² CASTILLO, 2016, p. 13.

¹³ RODRÍGUEZ ARENAS, 2015, p. 47.

carregavam o peso de uma culpa que lhes fizeram crer como castigo, como nos mostra Alves: “Amaldiçoados e difamados, castigo tamanho por decisão tão corajosa.¹⁴ [...] Quanto mais se isolava, maior era o preconceito e a discriminação contra os membros da comunidade que se fez sentir em todos os ambientes.”¹⁵ No contexto onde a voz de um padre da Igreja católica tinha grande influência sobre os fiéis, é possível compreender a atitude repreensiva dos católicos contra um povo considerado pecador. Este contexto nos remete ao distanciamento entre judeus e samaritanos, como podemos ler nos relatos evangélicos.¹⁶ Num ambiente de repreensão e sofrimento, torna-se difícil ver sinais da presença do Reino de Deus, tanto do lado dos que se acham no direito de julgar, quanto do lado dos acusados que carregam o peso do sofrimento. Ao contrário, o que se vê são sinais do antirreino, como concebe Sobrino:

Jesus ensina que para Deus a vida tem precedência sobre qualquer outra coisa; Deus é Deus da vida, portanto a sociedade deve estar organizada em torno à vida. [...] Jesus desmascara o anti-reino e suas raízes, os mecanismos pelos quais o anti-reino se faz passar por Reino, as tradições religiosas criadas pelos homens para anular a vontade de Deus e manter a opressão em nome de Deus. Jesus rechaça esses grupos sociais e a sociedade configurada por eles. A sociedade que produz tantas vítimas é o anti-reino e isso é o que deve mudar para que seja segundo a vontade de Deus. Daí se deduz um mínimo importante do que seja o Reino. Este será o contrário do anti-reino; não haverá opressão de uns para com os outros. O Reino será de justiça, uma sociedade organizada em torno da vida, que superará o que produz morte e opressão. O “amor” como formulação da substância do reino terá que ser concretizado na justiça.¹⁷

Todavia, é justamente nesses ambientes que Jesus deseja fazer irromper o Reino de Deus. O fundamental para isso não é a pertença a uma religião, tampouco a conversão a uma igreja ou outra. Para que o Reino oferecido por Deus seja acolhido¹⁸, é necessário mudar a atitude interior. Concordamos com Montcheuil que “o poder de sua ação é interior e só interiormente pode ser reconhecido.”¹⁹ A pessoa que deseja mudar uma situação necessita, primeiramente, mudar a si própria; seu modo de proceder deve testemunhar em favor do que gera vida, pois Deus reina realmente onde há vida. Se Deus manifesta em Jesus sua vontade de

¹⁴ Refere-se à decisão de Maria Senhorinha de Lima, a mulher que abandonou o marido arranjado pelo pai e fugiu com outro homem e, por isso, recebeu o castigo da excomunhão que serviria a seus descendentes por quatro gerações.

¹⁵ ALVES, 2008, min 4:14.

¹⁶ Jo 4,9; Jo 8,48; Lc 10,33 – “De um lado, quem estava em Israel, mais obrigado a observar a lei da caridade, e de outro, o estrangeiro e o herege, do qual não se esperava normalmente senão o ódio”. (BÍBLIA de Jerusalém. VI ed. São Paulo: Paulus, 2010. p. 1808, nota “d” a Lc 10,33).

¹⁷ SOBRINO, J. La centralidad del reino de Dios en la teología de la liberación. *Revista Latinoamericana de Teología*. El Salvador: UCA. p. 260. 1986. Disponível em: <<http://www.redicces.org.sv/jspui/bitstream/10972/1017/1/RLT-1986-009-B.pdf>>. Acesso: 01 fev. 2021. Todas as citações referentes a este artigo são traduções feitas por nós.

¹⁸ “O Reino de Deus está no meio de vós” (Lc 17,21).

¹⁹ MONTCHEUIL, Y. de. *As exigências do reino de Deus*. São Paulo: Duas Cidades, 1961. p. 49.

implantar seu reino, há de se concluir que é sua vontade destruir o antirreino e a via para isso é a conversão da atitude interior das pessoas.

1.2.2 O início de um processo de exclusão: de um matrimônio forçado, válido, a uma união livre, condenável

Conforme o CDC, para ser válida a união matrimonial, deve haver o consentimento de livre e espontânea vontade de ambas as partes que desejam contrair matrimônio. Portanto, se uma das partes é coagida a contrair matrimônio com a outra, sem a possibilidade de evitá-lo, ele se torna inválido. Ainda de acordo com o CDC, “antes de se celebrar o matrimônio, deve constar que nada obsta à sua válida e lícita celebração” (CDC, 1066). O caso que gerou a excomunhão do casal em questão, na história de Noiva do Cordeiro, teria sido evitado se cumpridas as observações deste código legal da Igreja. Conforme mostra o documentário de Alves no depoimento de Delina, considerada matriarca da Comunidade Noiva do Cordeiro, que também é neta de Maria Senhorinha de Lima, sua avó abandonou um matrimônio a que foi forçada a contrair.

Ela falava que o pai dela obrigou ela a casar com o ex-marido dela, que ela largou (o Pierre)²⁰ e eles não tinham vida de casamento, ele não aceitava ela como esposa e ela gostou do meu avô que é o vô Chico e começou encontrando com ele e naqueles encontros ela ficou grávida. Quando ela se viu grávida, ela ficou apertada... e agora? Eu não durmo com ele, como é que vou aparecer grávida? Ela foi embora, mudou pra casa da irmã dela [...] depois construíram a casa que hoje é o casarão que deu origem ao lugar.²¹

Podemos observar duas questões desfavoráveis ao matrimônio legítimo no relato de Delina: a primeira delas é a coação externa para contrair matrimônio, sendo a mulher obrigada a conviver com um homem contra sua vontade. Conforme o CDC, “é inválido o matrimônio celebrado por violência ou por medo grave, incutido por uma causa externa, ainda que não dirigido para extorquir o consentimento, para se libertar do qual alguém se veja obrigado a contrair matrimônio” (CDC, 1103). No contexto de sua época, a desobediência ao pai seria algo

²⁰ “A história da comunidade se inicia por volta de 1890 quando Maria Senhorinha se casa por imposição com Artur Pierre e, infeliz no casamento foge com Chico Fernandes. Ocorre então a excomunhão pela igreja católica seguida do preconceito e da discriminação por toda a redondeza”. (FAZENDEIRO, S. R. *Espiritualidade e subjetividade: um estudo sobre a transmissão dos valores espirituais na comunidade Noiva do Cordeiro*. 2016. 99 p. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Faculdade de Filosofia, PUC-MG, Belo Horizonte, 2016, p. 69.

²¹ ALVES, 2008, min 11:48.

grave. Por isso, é possível deduzir a violência interna que a filha sofreu, ao não poder evitar o matrimônio que foi obrigada a contrair. Em segundo lugar, o casal não tinha vida de casamento, o marido não a aceitava com esposa. Em outro lugar do CDC, se afirma que “o matrimônio não consumado entre batizados ou entre uma parte batizada e outra não batizada pode ser dissolvido pelo Romano Pontífice por justa causa, a pedido de ambas as partes ou só de uma, mesmo contra a vontade da outra” (CDC, 1142). O fato de a mulher se encontrar com outro homem fora do casamento e, ao engravidar, se depara com o dilema de não poder esconder que o filho é de outro, uma vez que não dorme com seu marido, sugere um matrimônio não consumado. Se esta hipótese for levada em conta, o matrimônio de Maria Senhorinha de Lima com Artur Pierre seria passível de dissolução.

Obviamente, pessoas sem instrução a respeito destes temas não faziam ideia da possibilidade da invalidade do casamento. Entretanto, o pároco que proferiu a excomunhão, ainda que tenha sido verbal,²² deveria ser o primeiro responsável a evitar danos à vida dos fiéis de sua Igreja. Possivelmente, a pessoa mais instruída para orientar o caso seria o ministro ordenado. Isso implica conhecimento de causa e, a partir daí, proceder de forma que o desfecho seja em benefício dos implicados. Contudo, no caso em questão, essa hipótese parece não ter sido levada em conta. Pelo relato das testemunhas, a atitude primeira do padre foi excomungar a mulher e o amante, além de infligir o castigo a seus descendentes, como podemos constatar em Alves: “a excomunhão da parte da Igreja deveria servir para o casal e para a descendência por quatro gerações.”²³

Fato é que, a partir de então, nasce uma família estigmatizada com a marca de maldita. As pessoas dessa família carregarão, por muitos anos, o peso desta mancha, além de uma história de tristeza, isolamento, exclusão e difamação. Apesar de tudo, elas acatavam tudo isso como castigo por um erro. Conforme a mensagem do Reino de Deus anunciada por Jesus, não é possível identificar esse Reino num ambiente marcado por sofrimento e hostilidade. As portas da Igreja pareciam fechadas a este povo. Não parece ter havido, neste tempo, sinais de misericórdia dos cristãos para com os “pagãos”. Entretanto, onde existem obstáculos que impedem a irrupção do Reino de Deus, é que Jesus anseia por sua acolhida. Jesus “anuncia a

²² Não tivemos acesso a nenhuma documentação onde conste a excomunhão feita pelo Ordinário do lugar, que na época, era o bispo da Diocese de Mariana, Dom Antônio Maria Correia de Sá e Benevides. O que se tem conhecimento é de uma excomunhão verbal feita pelo pároco da cidade, de acordo com o testemunho do povo do lugar. A única informação obtida sobre o nome do padre é que se chamava Jacinto e era “um santo homem”. (Informações disponíveis em: <<http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:bXyyukT93z0J:bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/getulio/article/download/61825/59988+&cd=3&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>>. Acesso em: 09 nov. 2020).

²³ ALVES, 2008, min 3.35.

chegada iminente do Reino: ele está muito próximo (Mc 1,15), ele está aí (Mt 4,17), está no meio de vós. Mas, por outro lado, conforme Montcheuil, “o Reino não deve realizar-se, a não ser progressivamente”²⁴, é uma vinda que contínua. O caminho feito pela comunidade Noiva do Cordeiro é progressivo. Até chegar à experiência de vida pautada no amor fraterno, no respeito, na alegria da partilha dos dons, enfrentará, ainda, muitos sofrimentos.

1.3 O Período protestante: nasce a igreja Noiva do Cordeiro.

Schultz, ao analisar as etapas vividas pela comunidade de Noiva do Cordeiro, contextualiza três momentos de dissidência religiosa desse povo em relação à sociedade, quanto às estruturas religiosas marcadas pela hegemonia católica:

- a. A excomunhão de Dona Senhorinha de Lima, a partir do seu ato de dissidência de rejeitar o casamento imposto pela família e viver sem estar casada com outro homem.
- b. A dissidência protestante vivida a partir do surgimento da Igreja Evangélica Noiva do Cordeiro, em 1953 até 1990;
- c. A dissidência ímpar, a decisão de não ter mais religião, sendo forjado um tipo de espiritualidade sem contornos muito claros, que já dura duas décadas (1991 a 2013)²⁵, mas que conjuga uma memória difusa tanto do período fora-do-catolicismo (1891 a 1953) quanto do período na-igreja-evangélica (1953-1991).²⁶

Esse segundo período da dissidência protestante é essencial para entendermos o seguinte e atual momento vivido pela comunidade. Esta vivia em total exclusão social e sofria difamação como consequência do ato de dissidência de Senhorinha de Lima em rejeitar o casamento imposto pelo pai que a levou à excomunhão, juntamente com a família que constituiria. Mais de 60 anos se passaram até a chegada do pastor Anísio na comunidade. De acordo com relatos de moradores de Belo Vale, no documentário *Noivas do Cordeiro*, o pastor Anísio não era bem querido na cidade. Começou a frequentar a região, então chamada Roças Novas, onde morava a família “pagã”. Lá conheceu Delina Fernandes e se apaixonou por ela. Casaram-se e fundou no local a Igreja Noiva do Cordeiro, com cujo nome a comunidade tornou-se conhecida.²⁷

Ainda de acordo com testemunhos de moradores mostrados no documentário realizado pela Globo News, sob a direção de Moreyra, alguns membros da família já haviam abraçado a fé protestante. Na Igreja católica, predominante na região, não havia abertura para acolher membros dessa família. Conta um morador da comunidade que um amigo de seu pai queria

²⁴ MONTCHEUIL, 1961, p. 12.

²⁵ O artigo citado foi publicado em 2013. Assim sendo, o atual modelo de vida da comunidade já dura três décadas.

²⁶ SCHULTZ, 2013, p. 113.

²⁷ ALVES, 2008.

batizá-lo, quando ainda era menino. Assim diz: “ele queria me batizar e chamava meu pai de compadre, mas aí, nem com advogado ele conseguiu batizar por que a Igreja não aceitava a gente entrar dentro da Igreja... é difícil a vida, foi muito difícil.”²⁸ Nesse contexto, aconteceu a chegada do Pastor Anísio vindo já de outra igreja protestante e instruiu os moradores do local na fé protestante dando, assim, início à nova fase da comunidade.

Com esse evento a comunidade já estava na terceira geração, vivendo à margem da religião e da sociedade. O anúncio do Evangelho ainda não havia chegado até esse povo. Assim, a mensagem contida na pregação do pastor foi recebida como mensagem de salvação. Contudo, a experiência dos que viveram essa fase mostra que foi um tempo muito difícil. Viveram muitas privações, escassez de comida; faltava o necessário à vida, foi um tempo sofrido. Alves, ao dar voz à comunidade, afirma: “por conta de tantos preceitos rigorosos o isolamento piorou e com os vizinhos católicos nossas relações azedaram de vez.”²⁹ O rigor, o moralismo pregado pelo pastor na igreja recém-fundada tornou-se um pesado fardo a seus membros. Uma moradora da comunidade, já da terceira geração firma:

Olha, a igreja era muito difícil, a gente tinha muitos preceitos, não podia nada [...], não podia ter amizade lá fora com gente que não fosse da igreja [...]. Como ia trabalhar, se tinha que fazer três jejuns por semana, tirar três vezes por dia 40 minutos de oração? E muita criança, porque não podia anticoncepcional.³⁰

De um lado, o rigorismo da religião tornou-se um peso na vida dos membros da igreja, de outro lado, a exclusão que já sofriam por parte dos católicos aumentou. O projeto da Igreja de Cristo nem sempre coincide com os projetos humanos. Estes podem arruinar aquele projeto que Jesus desejou para a humanidade, quando se moraliza a mensagem salvífica. Quando isso acontece, de acordo com Rodríguez, “podem conduzir a situações de desumanização das pessoas e comunidades humanas.”³¹ Os sinais do Reino de Deus apontam noutra direção. A proposta da Boa Nova do Reino anunciado por Jesus busca superar as alienações que tantas vezes oprimem e sufocam a dignidade humana, restituir sua integridade, comunicar vida, dar pão às multidões necessitadas, e despertar a consciência dos desprezados.³² Muitas vezes a alienação e a opressão ocorrem nas igrejas, seja por meio da imposição de seus líderes, seja pelo comportamento de seus membros. Esse movimento afeta a vida da comunidade Noiva do

²⁸ Narrativa de Elias que também é neto de Maria Senhorinha de Lima. (MOREYRA, 2014, min 08:40).

²⁹ ALVES, 2008, min 06:24.

³⁰ ALVES, 2008 min 06:35.

³¹ RODRÍGUEZ ARENAS, 2015, p. 106.

³² RODRÍGUEZ ARENAS, 2015.

Cordeiro, sobremaneira, como podemos constatar nos testemunhos de pessoas que vivenciaram ou presenciaram as situações de discriminação.

1.3.1 Preconceito e difamação vividos pela Comunidade Noiva do Cordeiro nesse tempo

A situação de conflito vivida entre a comunidade Noiva do Cordeiro e os católicos da região parece ir na contramão da proposta de Jesus. Concordamos com Kasper que “na Igreja, deveria pulsar a dinâmica do amor suscitado pelo Espírito de Cristo.”³³ A situação enfrentada pelos membros da comunidade clamava por misericórdia. Esta é indissociável do amor a que Cristo nos chama para sermos imitadores de Deus como filhos bem-amados e proceder com amor (Ef 5, 1). No entanto, a concepção religiosa da época era fortemente marcada pelo princípio do julgamento em detrimento da atitude misericordiosa. Assim, Noiva do Cordeiro passou a carregar um jugo ainda mais pesado.

Moradores, tanto os de Noiva do Cordeiro, quanto os da cidade de Belo Vale dão testemunho das relações vividas entre eles. Os da comunidade sentiam que havia um muro de separação, difícil de se romper, que impedia as relações e não havia explicações fundamentadas para esse fato. As dificuldades eram enfrentadas em todos os ambientes. Nas áreas da saúde, da educação, no comércio, em todos os lugares haviam apatia e descaso, quando membros da comunidade precisavam atendimento no setor público. Mas o que mais doía, conforme mostra Alves, era a difamação. “Indiferença, desconfiança, nada disso é pior que a difamação. Somos vítimas disso em toda parte e de todas as formas.”³⁴ A discriminação por parte do povo da região foi tão forte que desfizeram famílias originárias da comunidade que haviam tentado uma vida independente na mesma região. Delina Fernandes, mulher, cuja voz tem grande influência sobre os membros da comunidade, acolheu pessoas dessas famílias oferecendo aconchego e apoio, como podemos ver no depoimento de uma moradora:

Ela criou a gente igual os filhos dela mesmo. Com amor, carinho, tudo o que eu sei hoje ela me ensinou. Ela ensinou nós a amar, o que é o amor, eu não sabia, sabe! O que é amar uns aos outros, respeitar, o que é união, o que é você trabalhar em comunidade, o que é importante na vida da gente. O que é importante não é você ter dinheiro, você vestir bem, nada disso. É você ter seus verdadeiros amigos à sua volta.³⁵

³³ KASPER, W. *A Misericórdia: condição fundamental do Evangelho e chave da vida Cristã*. São Paulo: Loyola, 2015. p. 237.

³⁴ ALVES, 2008, Min 16:39.

³⁵ ALVES, 2008, min 18:20.

A resposta que a comunidade, pouco a pouco, aprendeu a dar à rejeição sofrida, foi não reagir, mas mostrar com o testemunho de vida que o amor fraterno é mais forte e mais importante na vida deles. Mesmo diante da barreira criada pela população, ainda com toda dificuldade enfrentada, a comunidade começou a demonstrar sinais da presença do Reino de Deus em suas vidas. São sinais desse Reino, de acordo com Castilho, “levar a sério que Deus é o Pai de todos e que todos são irmãos. [...] O Reino de Deus depende da honra, da bondade e do sentido de responsabilidade que cada um tem e vive.”³⁶

Moradores da cidade reconhecem, também, as dificuldades enfrentadas pelo povo de Noiva do Cordeiro e relatam como viam as relações, a partir do ponto de vista do lugar onde estavam. O seguinte testemunho de um morador da cidade mostra que, de certa maneira, a discriminação partia de dentro da Igreja.

E o povo de Belo Vale muito católico, com o padre que tinha aqui, discriminava tremendamente os evangélicos. E aí começou uma discriminação com o povo de Noiva do Cordeiro muito violenta, muito grande e inclusive começaram a pichar as mulheres de Noiva do Cordeiro como prostitutas.³⁷ [...] E isso aí ficou durante muitos anos. Inclusive quando elas vinham à cidade, eram discriminadas, ninguém cumprimentava, todo mundo olhava assim meio atravessado porque todo mundo achava realmente que era aquilo que o padre dizia.³⁸

No entanto, para o contexto da época não é estranho notar certa rivalidade entre católicos e protestantes. Esta é uma realidade constatada em diversas realidades e cidades Brasil afora. É apenas um elemento a mais, entre outros fatores que aferravam a vida da comunidade que, há anos, já sofria a exclusão em diversos níveis da vida.

Outro ambiente no qual a comunidade se viu muito prejudicada foi na escola. As crianças, os adolescentes, os jovens enfrentavam enorme dificuldade nas relações com os alunos de fora. Por causa das ofensas verbais que os alunos de Noiva do Cordeiro sofriam dos outros, acabavam se isolando dentro da sala de aula. Com tanta pressão negativa, muitos não aguentaram e abandonaram os estudos. Era preciso muita determinação e coragem para romper as barreiras e seguir em frente com o propósito da educação, como no caso de Claudia Lima que narra uma experiência vivida:

³⁶ CASTILLO, 2016, p. 36-37.

³⁷ O número de mulheres era relativamente superior ao número de homens na comunidade. Além disso, os homens buscavam trabalho em outras cidades durante a semana para complementar a renda da comunidade, que vivia da agricultura, e só retornavam no final de semana. Enquanto isso, as mulheres permaneciam na comunidade cuidando do trabalho no campo. O fato de elas estarem em sua maioria o tempo todo na comunidade gerou o boato de que naquele local havia um prostíbulo. (MOREYRA, 2014).

³⁸ ALVES, 2008, min 07:26.

O meu sonho era estudar, o meu sonho era ser veterinária na época, cismada, né! Aí eu falei, não, eu não desisto, eu não desisto. Daí quando chegou uma época que eu tirei a oitava (nono ano fundamental) e ia fazer o segundo grau, daí eles barraram a condução, aí foi farra da prefeitura mesmo, discriminando o pessoal daqui. As outras meninas todas já tinham desistido de estudar, ninguém mais aguentou a pressão. Falei, não, eu não desisto! Aí eu fiquei sabendo que o prefeito avisou para as outras comunidades todas que se tivesse dezesseis alunos, ele colocava uma Kombi. Daí eu levei dezessete. Eu lembro que eu juntei os meninos, eu não cheguei com número, eu cheguei com pessoas. Eu falei: tenho dezessete alunos, por favor coloca condução pra mim. Eles falaram que pra Noiva do Cordeiro, nem com trinta, nem com trinta alunos. Eu desisti de tentar com eles. Aí fui morar de favor na Piedade, aí lá estudei. Foi muito difícil, sabe, até hoje eu fico um pouco emocionada pra falar disso, dói muito, sabe! Você vê seu sonho ser despedaçado, você despedaçar o sonho de uma criança é muito triste.³⁹

Mesmo diante dos traumas sofridos, algumas pessoas fixaram-se no horizonte da esperança. Com isso começam a forjar processos de resiliências que estarão presentes na vida da comunidade. Para Rodríguez, “a resiliência supõe uma atitude esperançosa, uma confiança ativa na construção de um futuro melhor, que se faça realidade transformar o sofrimento em possibilidade de vida.”⁴⁰ A experiência vivida pela moradora Claudia, como vemos no depoimento citado anteriormente, é um exemplo de alguém que vivencia esse processo de resiliência. Mesmo diante do sofrimento e dos obstáculos, ela não desiste, mas luta para vencê-los e alcançar o que busca.

Quando uma pessoa ou um grupo vive uma situação de sofrimento causado por princípios religiosos e não se vislumbram sinais de libertação, torna-se difícil acolher a mensagem de Jesus que convida a ir até Ele todos os que estão cansados sob pesados fardos e n’Ele encontrar descanso (Mt 11, 28). Uma fé cristã manipulada e oprimida pela religião torna-se prisioneira e enfrenta no opressor uma barreira para a libertação da vida. Jesus enfrentava as situações de opressão; suscitava processos de resiliência nas pessoas. Jesus agia em vista de devolver a vida aos descartados da sociedade marcada pelo sofrimento prolongado ante a indiferença de religiosos piedosos. Um exemplo de semelhante situação é a cura, num dia de sábado, da mulher encurvada, há dezoito anos, sem poder endireitar-se. Após a realização da cura feita por Jesus, o chefe da Sinagoga fica indignado por Ele ter realizado tal feito em um dia de sábado (Lc 13, 14-17). Concordamos com Rodríguez, ao comentar essa passagem, que a Comunidade do Reino deve ter, acima de tudo, o cuidado, a compaixão, o respeito e a solidariedade entre todos.

³⁹ ALVES, 2008, min 20:10.

⁴⁰ RODRÍGUEZ ARENAS, 2015, p. 64.

Jesus o chamou de hipócrita por não haver querido, durante tanto tempo, estabelecer um vínculo de cura e aceitação com a mulher encurvada pelo sofrimento. [...] O contexto redacional é a oposição entre judeus e cristãos na comunidade que foi a destinatária da passagem. No fundo, se trata da questão relativa à forma como se agrada a Deus e se faz sua vontade. A resposta judaica se encontra em guardar o sábado; a resposta cristã vai além e em sentido oposto ao dos judeus: é o bem-estar e a vida humana o que Deus quer e, portanto, o respeito pela vida, a solidariedade e a compaixão que o discípulo do reino há de assumir.⁴¹

Os religiosos moralistas de ontem, de hoje e de sempre, continuam a julgar e a condenar aqueles que se encontram fora de seus padrões religiosos. O julgamento sofrido pelos moradores de Noiva do Cordeiro não é diferente da situação vivida pela mulher encurvada. Durante muitos anos sofreram calados⁴², sem que alguém desejasse a libertação daquele povo, sem que agissem com o princípio da misericórdia para devolver a dignidade da vida dilacerada pelo peso de um “castigo”. Desse modo, se prolongou por anos o conflito entre católicos e a comunidade, antes pagã, e, posteriormente, protestante.

1.3.2 Do rigor de um fundamentalismo insustentável ao despertar para uma vida feliz e com sentido

Um século se passou para a comunidade Noiva do Cordeiro. Geração pós geração, habituou-se a um estado de vida sem perspectiva de melhores condições. Além da difamação ao longo dos anos, conviveram com muita privação, como destaca Alves: “a igreja do pastor Anísio nos impunha uma igreja pobre, cheia de sacrifícios. Sem condições de produzir o que comer, sem conseguir outro tipo de trabalho, vivemos anos de pobreza extrema que não tem nem como descrever”⁴³. Com o passar dos anos, o povo foi sentindo o peso da doutrina imposta pelo pastor da igreja Noiva do Cordeiro. Começou a dar-se conta dos processos que “solapam sua dignidade e que se efetivam por meio da exclusão econômica (pobreza), da exclusão social (discriminação e preconceitos) e da exclusão religiosa (violência moral)”⁴⁴, como afirmam

⁴¹ RODRÍGUEZ ARENAS, 2015, p. 69.

⁴² Assim podemos constatar no documentário Noivas do Cordeiro: “*Cem anos se passaram desde o primeiro insulto e nós continuamos caladas e isoladas. Talvez fosse o medo, medo de lutar, de dar murro em ponta de faca, medo de enfrentar essas pessoas, medo da maldição que nos rogaram quando ainda nem existíamos*”. (ALVES, 2008, min 23:53).

⁴³ ALVES, 2008, min 08:13.

⁴⁴ ROESE, A; SCHULTZ, A. Modos de vida alternativos: o caso da Comunidade Noiva do Cordeiro. *Revista Tecer*. Belo Horizonte, v. 3, n. 5, p. 156, nov. 2010. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/228520507_Modos_de_Vida_Alternativos_O_Caso_da_Comunidade_Noiva_do_Cordeiro/fulltext/000994e223463d040088c5d7/Modos-de-Vida-Alternativos-O-Caso-da-Comunidade-Noiva-do-Cordeiro.pdf>. Acesso: 21 jun. 2021.

Roese e Schultz. Esses fatores, ainda de acordo com Roese, conduzirão as pessoas desta comunidade a um processo de ruptura e reação contra os sistemas de exclusão.

É importante ressaltar que o isolamento da comunidade, no período protestante, não se deve apenas à discriminação que já sofria no período anterior. Tem grande peso nesse tempo a influência do pastor Anísio que pregava o distanciamento, como podemos ver em Fazendeiro numa entrevista com moradores da comunidade:

A exclusão foi total. As gerações que vieram depois acabaram por sofrer mais. Porque eles não tinham culpa. Essa exclusão foi até 2004. Não era assim uma exclusão comum. Era 100% isolado. A Noiva do Cordeiro era como se fosse outro mundo dentro do município. Não tinha contato com ninguém. Dois fatores que contribuíram: a história da Senhorinha e aí vem a parte da igreja evangélica que também tinha essa filosofia de não deixar as pessoas que pertenciam a igreja conviver com as que não pertenciam. [...] Era uma seita. Pregava o distanciamento.⁴⁵

O pastor pregava um distanciamento, quiçá com a ideia de separação de um grupo “eleito” para a salvação. Por esse motivo, seus membros não poderiam misturar-se com os outros e virem a perder-se. É evidente a alienação religiosa por trás dessa doutrina. Uma moradora da comunidade, ao comentar sobre a rigidez e os sofrimentos impostos pela Igreja, comenta: “a gente começou a ver que aquilo lá era mais um fanatismo mesmo, não era possível passar tanto trabalho⁴⁶ para ir para o céu.”⁴⁷

O tema do sofrimento está presente em toda história da salvação, sendo uma fonte inesgotável para a reflexão teológica. A fé de muitos mostra que no horizonte da experiência de sofrimento está sempre a esperança. Esta esperança move o ser humano a enfrentar a dor com a confiança em tempos melhores, onde possa reinar a vida feliz. Jesus convida seus discípulos a segui-lo no sofrimento que está associado à sua cruz (Lc 9,24). É com a graça de seu Espírito que o discípulo do Reino enfrenta as cruces do caminho. Contudo, Jesus identifica o Reino de Deus à libertação das situações de sofrimento que sufoca a dignidade humana, aprisiona e aparta a esperança das pessoas. Os Evangelhos mostram vários encontros de Jesus com pessoas condenadas ao sofrimento e sem esperança em suas vidas. Ele próprio torna-se a esperança de libertação do sofrimento para essas pessoas⁴⁸. Nesses mesmos relatos bíblicos, Jesus mostra-se indignado com os líderes religiosos pela indiferença ante o sofrimento delas.

⁴⁵ FAZENDEIRO, 2016, p. 49.

⁴⁶ A palavra trabalho, aqui refere-se a experiência de sofrimento contínuo que viviam.

⁴⁷ ALVES, 2008, min 8:56.

⁴⁸ Mt 12,9-14 – cura do homem da mão atrofiada; Lc 7,11-17 – liberta a viúva de Naim do sofrimento; Lc 13,10-17 – cura da mulher encurvada; Mc 1,40-42 – cura de um leproso; Mc 2,3-12 – a cura de um paraplégico; Mc 5,25-34 – cura da hemorroíssa; Mc 10,46-52 – cura do cego de Jericó.

Quando uma igreja, enquanto instituição religiosa, não promove a vida em abundância, como a deseja Jesus (Jo 10,10), priva seus fiéis da proposta do Reino de Deus. A fidelidade ao Reino, longe de consistir em preceitos moralistas, é promoção da dignidade humana. O moralismo religioso pisoteia a mensagem de amor e misericórdia do Evangelho. A Boa Nova do Evangelho está comprometida com a vida. “Ser cristão não é o resultado de uma decisão ética ou uma grande ideia, mas o encontro com um acontecimento, com uma Pessoa que oferece à vida um novo horizonte e, assim, a direção decisiva” (EG, n. 7).

O povo de Noiva do Cordeiro começou a questionar-se sobre a relevância dos preceitos impostos pela instituição igreja à salvação de suas almas: tem sentido passar por tanto sofrimento para entrar na vida eterna? Os questionamentos eram a ressonância do clamor de um povo que durante toda a vida conviveu com o sofrimento e, agora, as perguntas pelo sentido da vida assinalam para um novo horizonte. Começaram a conversar uns com os outros sobre essas questões. Ainda que sem respostas, as perguntas já vislumbravam uma possibilidade de mudança. Maria, uma moradora da comunidade partilha sobre as questões que mais incomodavam:

E depois foi ficando muito pesado porque, criança demais, a vida foi ficando muito difícil e a gente começou a pensar assim: – eu mesma pensei – será que para ir pro céu, precisa de tudo isso? E agente começou a pensar assim também que, igual ele (o pastor Anísio) falava que só quem pertencia àquela igreja que ia pro céu e nós éramos muito pouca gente. Será possível? A gente começou a pensar: e as outras pessoas? O mundo tem tanta gente, será que só nós vamos pro céu? Aí, foi indo assim, a gente foi mudando a cabeça.⁴⁹

Neste depoimento, encontra-se a questão teológica posta pelas pessoas da comunidade que, na visão deles, justificaria o fim da igreja. A pergunta coloca em dúvida a pregação do pastor de que só a comunidade se salvaria e, com isso, o sentido de tal afirmação começa a apresentar-se como sem fundamento para a fé que viviam. Soma-se a isso as dificuldades enfrentadas nos níveis econômico e social que, de certo modo, estavam relacionadas com o rigorismo moralizante pregado na igreja. Tudo isso passou a ser visto como insustentável a partir dos questionamentos feitos entre eles. Esses fatos ocorrem quando a igreja já tinha cerca de quarenta anos de existência, nos inícios dos anos noventa. Um fator preponderante que levou os membros da comunidade a manifestarem essas questões foi fato de a saúde do pastor, que se encontrava em idade avançada, estar debilitada. Além disso, já havia perdido a liderança da igreja, sem deixar nenhum substituto.

⁴⁹ ALVES, 2008, min 20:22.

É característico na contemporaneidade a liberdade do ser humano na busca de novas experiências de crenças no intuito de encontrar algo que dê um sentido à sua existência. A fé cristã, seja no catolicismo ou no protestantismo, já não é estimada por muitos, se não responde suas perguntas pelo sentido da vida. Se, antes era abraçada sem questionamentos, hoje só é sustentada se o crente a vive como experiência que atribua sentido à sua vida. O parágrafo 12 do documento final da V Conferência Episcopal Latino-americana em Aparecida afirma:

Não resistiria aos embates do tempo uma fé católica reduzida a uma bagagem, a um elenco de algumas normas e de proibições, a práticas de devoção fragmentadas, a adesões seletivas e parciais das verdades da fé, a uma participação ocasional em alguns sacramentos, à repetição de princípios doutrinários, a moralismos brandos ou crispados que não convertem a vida dos batizados (DAP, n. 12).

A afirmação do documento é pertinente não só para a fé católica, mas pode ser levada em conta também por credos de outras denominações cristãs. Os questionamentos que começaram a surgir na comunidade Noiva do Cordeiro, em torno da fé, mostra que o conjunto de regras duras impostas pelo pastor começou a perder forças, quando as pessoas começaram a questionar-se pelo sentido de tudo aquilo que era imposto sobre elas. O Documento de Aparecida afirma ainda que para se fazer uma experiência autêntica de fé, “a todos nos toca recomençar a partir de Cristo” (DAP, n. 12)⁵⁰. Se a experiência da fé cristã não comunicar sentido pleno de vida, como na Boa Nova anunciada por Jesus, perde o sentido e não terá mais importância para os que buscam sentido para a existência.

O anúncio da Boa Notícia trazida por Jesus convida a viver a alegria. Concordamos com Gourgues que “um cristianismo eivado de moralismo e formalismo, uma fé desprovida de alegrias, dificilmente se poderia reconhecer – nesta experiência – uma resposta entusiasmada ao apelo da Boa Nova cristã.”⁵¹ O Papa Francisco, em seu pontificado, insiste bastante no tema da alegria. Sua mensagem teológica é pautada no evangelho de vida que Jesus veio trazer e, por isso, está estreitamente relacionado às circunstâncias concretas da vida do povo de Deus. Sobre seu magistério recai o tema da alegria e do amor⁵² e, com frequência, ele insiste nesses termos que estão marcadamente presentes em sua linguagem. Fumagalli ressalta que a “alegria entendida por Francisco não é redutível ao nível emotivo e sentimental, mas se refere

⁵⁰ A afirmação é tirada do documento pontifício *Deus caritas est*, n. 1, é retomado pelo Documento de Aparecida e também citado em *Evangelii Gaudium*, n. 7.

⁵¹ GOURGUES, M. *Fé, felicidade e sentido da vida: uma releitura atual das bem-aventuranças*. São Paulo: Paulinas, 1999. p. 6.

⁵² FUMAGALLI, A. *Caminhar no Amor. A teologia moral do Papa Francisco*. Brasília: CNBB, 2019.

propriamente ao nível moral da experiência amorosa.”⁵³ Essa alegria é graça que decorre do amor misericordioso de Deus e, portanto, deve ser a experiência fundante da vida cristã. Desse modo, o cristão é chamado a viver e a crescer no amor.

Importa salientar, com isso, que não se deve confundir felicidade e prazer, reduzindo a felicidade a uma visão superficial tal como concebida por muitas pessoas. O sentido de felicidade, aqui, identifica-se com o Evangelho, com a experiência de encontro com a pessoa de Jesus. São “Bem-Aventurados” os que têm disposição interna para confiar em Deus e para Deus orientam suas vidas e, assim, reconhecem que a felicidade é dom de Deus, está pautada na relação com Ele, bem como na relação com o próximo. A dimensão relacional entre as pessoas é condição para a felicidade. Esta também está essencialmente relacionada à dimensão do amor misericordioso a que todos são chamados a viver nas relações humanas. Tanto para aquele que tem fé, como para o que não tem, o ideal do perdão e do amor é caminho para a felicidade. Quando estes se abrem a viver esse espírito de vida, o Reino dos Céus se faz próximo deles. Esse aspecto do dom do amor vivido nas relações é condição para a felicidade, como virtude do Reino dos Céus. Assim, a vida feliz é já penhor de pertença ao Reino dos Céus.⁵⁴

Os questionamentos dos membros da igreja Noiva do Cordeiro buscavam responder, fundamentalmente, como poderiam realmente ser fiéis à fé para alcançar a salvação. Já haviam se dado conta de que aquele modelo de igreja não sustentava mais a fé que viviam. Os sofrimentos impostos, a carência de bens essenciais à vida, a falta de esperança, a ausência da felicidade como experiência a partir do Evangelho, corroboraram para entrarem em conflito com a fé. Este conflito os levarão a romper com a instituição igreja para serem fiéis à fé. O abandono, contudo, não acontece de forma repentina, mas através de um processo, como apresenta Fazendeiro.

A comunidade chegou a um grau de pobreza extrema e a liderança do pastor Anísio se torna enfraquecida [...]. A partir das entrevistas realizadas com a comunidade, notamos que foi um processo e não uma ruptura brusca com a igreja evangélica. Houve uma conscientização dos indivíduos da comunidade. No documentário *Noivas do Cordeiro* (2008), notamos na fala das pessoas o questionamento de como somente aquela pequena comunidade iria para o céu? Será preciso tanto sofrimento e tanta miséria para agradarmos a Deus? E então esses questionamentos foram cada vez mais frequentes e a necessidade de sair de todo aquele estado de miséria e escassez se fazia mais forte [...]. Prenuncia o fim de um tempo de uma determinada configuração religiosa que privilegiou discursos e práticas que alinham a tudo e a todos ao status quo, sem brechas para a autonomia e a responsabilidade.⁵⁵

⁵³ FUMAGALLI, 2019, p. 27.

⁵⁴ Este sentido de felicidade sintetiza a obra *Fé, felicidade e sentido da vida* (GOURGUES, 1999).

⁵⁵ FAZENDEIRO, 2016, p. 69-70.

Como podemos notar, várias questões terão em conta como critério de discernimento e decisão que os conduzirão a uma opção de vida em vista do bem maior. Contudo, nesse processo reconhecerão algumas virtudes que serão fundamentais para a história que desejam construir dali em diante.

1.3.3 O rompimento com a instituição igreja e o início de um novo período

Vimos, até aqui, nos dois períodos de existência de Noiva do Cordeiro, que juntos somam um século, como a comunidade viveu os conflitos em torno da fé. O primeiro conflito com o povo do município provocado por uma questão moral ligada à Igreja católica. Marcou este tempo a exclusão econômica, social e religiosa, deixando seus moradores em completo isolamento por cerca de sessenta anos. No segundo período acentua-se a exclusão; contudo, a comunidade entrará em conflito também com a fé pregada na igreja Noiva do Cordeiro.

Muitos elementos em torno dos quais a comunidade começou a interrogar-se sobre a fé vivida na igreja Noiva do Cordeiro já foram apresentados. Contudo, um evento marcante a levará a uma descoberta determinante para dar o primeiro passo na decisão de abandonar a igreja. O evento será um casamento de uma mulher da comunidade; serão as bodas da filha de Delina. A jovem que se casaria, nos mostra Schultz, “pediu para ter música na celebração e na festa. Pela primeira vez depois de tantos anos as pessoas dançaram, e muitos ouviam música pela primeira vez.”⁵⁶ Vale a pena destacar a narrativa de moradores da comunidade, como a da própria Delina Fernandes, mãe da jovem que se casaria, como podemos ver em relatos extraídos do documentário Noivas do Cordeiro.

O inevitável fim da Igreja começou numa festa de casamento no casarão aqui da comunidade: “foi o casamento de uma filha minha, nesta casa aqui” (Delina Fernandes). “A Noeli ia casar e ela pediu que queria música na igreja. A emoção dela entrando na igreja e aquela música deu uma emoção gostosa na gente porque a gente não podia ouvir música”. (Maria Doraci). “E de noite fizeram um forrozinho aqui e danaram na dança” (Delina Fernandes). “E a gente dançou [...] – todo mundo dançou e gostou – isso foi o primeiro acontecimento” (Maria Doraci).⁵⁷

O relato das duas mulheres no trecho acima explicita que as pessoas sentiram emoção e alegria em experimentar algo novo, até então proibido. A experiência que marcou a vida de muitos nessa festa de casamento manifestou-se como uma descoberta. Para muitos era a

⁵⁶ SCHULTZ, 2013, p. 108.

⁵⁷ ALVES, 2008, min 9:12.

primeira vez que ouviam música, a primeira vez que dançavam. E viram que era bom e a descoberta fazia bem a eles; mais ainda, todos ficaram muito felizes. Curiosamente, o motivo da tristeza sobrevinda sobre a comunidade durante tantos anos está relacionado a um casamento, entretanto, um casamento forçado e, por conseguinte, abandonado. Aqui, a alegria experimentada está associada também ao contexto do casamento. O primeiro casamento na história da comunidade gerou tristeza por muitos anos. Em um novo contexto acontece outro casamento. Será um novo casamento, que, ao contrário do primeiro, irá provocar alegria em todos, uma alegria que permanece desde então. A festa foi somente a ocasião para descobrir a alegria de sentirem-se livres. Com isso, perceberam, então, que esta alegria poderia permanecer entre eles.

No contexto judaico, a festa de casamento poderia durar dias. O vinho era a bebida comumente oferecida para os convivas comemorarem a vida dos esposais. Todos participavam, assim, da alegria do casal que dava a festa. Ora, faltar vinho na festa seria algo vergonhoso para quem dá a festa e oferece o vinho para proporcionar alegria a todos. Foi neste contexto que Jesus participou de um casamento em Caná da Galileia. O vinho da festa havia acabado. A própria mãe de Jesus lhe diz: “Eles não têm mais vinho” (Jo 2,1-3). Dentre tantos elementos que este primeiro sinal da transformação da água em vinho que Jesus realiza em Caná da Galileia exprime, queremos destacar aqui o tema da alegria da festa. O banquete do Reino de Deus é um banquete da alegria. O que não pode faltar na festa é alegria. Assim, na festa do Reino, a alegria é um sinal marcante. Desse modo concebe Castilho, quando comenta o sinal da transformação da água em vinho nas bodas de Caná:

Na casa das bodas havia seis jarras de pedra, que continham 600 litros de água. Mas aquela quantidade de água não era usada nem para beber, nem para lavar, mas para os ritos religiosos aos quais os judeus eram obrigados pela religião. Pois bem, o que Jesus fez foi converter toda aquela água em vinho, para que as pessoas ficassem felizes. Deste modo Jesus quis dizer que os ritos religiosos não interessavam, mas que eram importantes sim (e continuam sendo) a celebração, a festa e usufruir do banquete de casamento. Assim, o que Jesus está nos dizendo é que ele entende a religião de modo a que os ‘rituais religiosos’ e as ‘purificações sagradas’ podem faltar em uma casa. O que não pode faltar de nenhum modo? A alegria, a paz, o respeito, o bem-estar, a felicidade, desfrutar o viver juntos. Tudo o que representa e produz o bom vinho.⁵⁸

A alegria experimentada na festa do casamento torna-se, assim, um critério determinante que levará a comunidade a tomar a decisão de abandonar a instituição religiosa que para seus membros era um sinal de tristeza. Este evento os fez descobrir que a vida imposta pela religião

⁵⁸ CASTILLO, 2016, p. 15.

causava opressão e sofrimento. Obviamente que, se eles atribuem a causa dos males à religião, é porque a experiência de fé que tiveram na igreja foi negativa. Isso não quer dizer que a religião é ruim, mas porque a viveram de forma distorcida. Para acolher o Reino é preciso abrir-se à boa notícia portadora da alegria que afasta toda tristeza. Jesus não propõe um caminho de infelicidade, ainda que alerta para os sofrimentos que o discípulo do Reino há de enfrentar. Mesmo encontrando cruces, ele é chamado a viver na alegria.

Tomemos outra parábola de Jesus (Mt 22,1-10), na qual Ele compara o Reino de Deus a um rei que celebrou as bodas de seu filho e mandou chamar convivas para a festa. Aqui o Reino de Deus é comparado a um grande banquete, uma festa para celebrar a alegria. É imprescindível no Reino de Deus fazer com que as pessoas se sintam felizes. Castilho, ao comentar esta parábola, afirma:

Jesus apresentou o Reino de Deus como uma festa na qual os seres humanos se sentem felizes. Por isso mesmo pode-se assegurar que onde não se busca e não se faz o possível para que as pessoas se sintam bem, sejam felizes e possam gozar a vida, o Reino de Deus não está presente. Dito de forma mais simples: o que Deus quer em primeiro lugar não é que as pessoas sejam mais religiosas ou carreguem com mais resignação e paciência os sofrimentos e humilhações que nos impomos uns aos outros. Não. Deus não quer isso. O que Deus quer mais que tudo é que estejamos ansiosos para que aqueles que estão próximos de nós se sintam bem, respeitem-se e ajudem-se, sejam felizes.⁵⁹

As regras rígidas impostas pelo pastor aos membros da Igreja Noiva do Cordeiro se tornaram um fardo pesado para carregar. A religião que deveria ser um meio para libertar o povo da comunidade dos sofrimentos vividos ao longo de décadas, tornou-se um mecanismo a mais de opressão. Quando as pessoas da comunidade fazem a experiência da alegria, um sentimento do qual foram privados, elas se despertam para algo novo e começam a se perguntar se era necessário “passar por tudo isso”⁶⁰ para ir para o céu. Na pesquisa realizada por Fazendeiro na comunidade, ele conclui:

Com os processos de singularização, os indivíduos da comunidade saem de uma lógica imposta dominante e passam à reflexão. A partir dessa reflexão eles questionam que poderiam viver de uma maneira diferente e escolhem não compactuar com toda a miséria imposta pela religião da igreja Noiva do Cordeiro, para viverem o amor que acreditam, a partilha, o respeito com o outro, o uso coletivo dos bens e serviços, na comunidade (agora não mais igreja) Noiva do Cordeiro. [...] passam a não se submeter

⁵⁹ CASTILLO, 2016, p. 22.

⁶⁰ A expressão “passar por tudo isso” refere-se ao peso da vida desumana que levavam. (ALVES, 2008, Min 20:22).

aos modos de manipulação e telecomando para construir novos modos de sensibilidade e de relação com o outro.⁶¹

Os atributos do Reino anunciado por Jesus que, posteriormente, coube aos seus seguidores dar continuidade, implica em transformar, resignificar a mentalidade e os comportamentos das pessoas, assumir novas atitudes, reformular os valores que orientam a própria vida. Para isto, os destinatários do Reino devem enfrentar as forças que se opõem à vida e à felicidade das pessoas. É tarefa do discípulo do Reino libertar os homens e as mulheres da realidade de morte e de escravidão em que eles estão mergulhados, conduzindo-os à liberdade e à realização plenas.

1.4 A alegria: um tesouro escondido que foi encontrado

O Caminho feito pela comunidade Noiva do Cordeiro até chegar à decisão de viver sem religião, como vimos, foi um processo. A experiência de religião, que seus membros tinham vivido até então, mostrou que não era possível serem felizes seguindo os preceitos em que foram instruídos, pois estes sufocavam a vida. A alegria experimentada a partir de uma experiência que extrapolava os preceitos impostos a eles suscitou forte questionamento: a religião não nos trouxe felicidade, mas a alegria do espírito comunitário que estamos experimentando, sim. Schultz observa que:

No geral há uma percepção de incompatibilidade entre o modo de vida imposto pela igreja e o modo de vida que foi sendo forjado a partir de dissidências desse próprio modo de vida. A religião estilo gueto separava, dividia, obstaculizava, fazia parte... e o espírito comunitário queria juntar, somar, facilitar. Teríamos um curioso caso onde o princípio geral comunitário permanece, e a forma que dava liga para esse princípio já não é mais necessária. Ou então: Deus (o da religião!) desaparece, e a humanidade permanece.⁶²

Entre escolher viver uma religião que oprime e uma vida sem religião, porém com valores que humanizam e trazem felicidade, não haveria dúvidas de que ser feliz seria o mais importante. A alegria experimentada não deu lugar à dúvida. Podemos compará-la ao homem da parábola que encontra um tesouro escondido no campo e, “na sua alegria, vai vende tudo o que possui e compra aquele campo” (Mt 13,44). Assim, como o personagem da parábola que descobre o tesouro e não teve dúvidas sobre o que fazer, também os membros da comunidade não hesitaram em acolher o caminho no qual descobriram uma alegria e esta era mais

⁶¹ FAZENDEIRO, 2016, p. 74.

⁶² SCHULTZ, 2013, p. 120.

importante que tudo. A alegria é como o tesouro que, de acordo com Gourgues, “é o que mobiliza o coração, o objeto das afeições, o que faz viver e que, portanto, vale a pena poder investir a fundo para possuí-lo, como o fará o personagem de nossa parábola.”⁶³ De semelhante maneira, os membros da comunidade sentiram no coração forte moção ao experimentar a alegria que motiva a viver de um modo que valha a pena. Isso os moverá a uma ação extraordinária.

Tanto na experiência dos membros da comunidade quanto na dos homens das parábolas, e nisso concordamos com Gourgues, “se passa diretamente da descoberta à reação dos personagens. A desistência total lhes parece ser evidente depois do achado que acabam de fazer.”⁶⁴ A alegria não dá lugar a dúvida. Ressalta-se que a alegria experimentada não está relacionada às alegrias efêmeras, muito comum na contemporaneidade, mas à descoberta de um horizonte de sentido que é capaz de superar a tristeza, a dor e a opressão como destaca Rodríguez:

A alegria é uma atitude que acompanha a esperança. Dificilmente uma pessoa que nada espera poderá estar alegre. E o que é que nós, os crentes, esperamos neste Deus da vida? A chegada do seu Reino [...]. O Reino de Deus que esperamos se abre caminho dia-a-dia, e temos de aprender a descobrir sua presença no meio de nós. Para o mundo em que vivemos, sem paz e concórdia, necessitado de justiça e amor, quão necessária é a resiliência e a esperança! Uma esperança que vem de Deus mesmo.⁶⁵

Ainda, de acordo com Rodríguez, esse movimento que uma pessoa ou grupo consegue fazer ao superar a tristeza, o sofrimento, a dor e resignificar o sentido da vida para tê-la em abundância, é o que consiste em resiliência. Jesus, ao propor o Reino, agiu como um tutor de resiliência, isto é, ensinou que a vida em abundância tem prevalência sobre qualquer outra coisa. Concordamos com a autora mencionada anteriormente que “a lógica do Reino se desenvolve a partir das relações que transformam, que suscitam processos de vida, e que Deus convida a agir a partir de sua lógica de vida e criação contínua, a partir do pequeno, da simplicidade, do que muda no interior.”⁶⁶ Esta é a lógica que contraria o tradicionalismo religioso, é a lógica que orientará a nova comunidade de Noiva do Cordeiro, no processo de mudança que se estabelecerá. Para Schultz, o profetismo como lugar teológico “insere Noiva do Cordeiro na tradição da dissidência sem-religião ou pós-religião de Amós, Oséias e Jesus de Nazaré, com

⁶³ GOURGUES, M. *As Parábolas de Jesus em Marcos e Mateus*: Das origens à atualidade. São Paulo: Loyola, 2004. p. 61.

⁶⁴ GOURGUES, 2004, p. 69.

⁶⁵ RODRÍGUEZ ARENAS, 2015, p. 107-108.

⁶⁶ RODRÍGUEZ ARENAS, 2015, p. 57.

seu apelo ético marcado. Outro lugar é a Teologia da Encarnação, afirmando que o lugar natal de Deus é justamente onde menos esperamos...⁶⁷ Este lugar natal de Deus contrariou as expectativas dos religiosos piedosos da época. Jesus nasceu num lugar distante do centro religioso de Israel. Não foram os que se consideravam privilegiados quem acolheram a grande alegria anunciada (Lc 2,10), mas os pequenos.

Consideramos importante enfatizar o tema da alegria como elemento relevante para a reflexão teológica acerca do Reino de Deus. Muito se falou que os privilegiados do Reino são os pobres, isto porque são os oprimidos da Terra. Enquanto tais, Deus tem pressa em socorrê-los da injustiça e da opressão. Por isso mesmo, nascerá no meio deles. Se assim acontece, isto é, se o Reino destina-se aos pobres, é porque o lugar que ocupam enquanto destinatários do Reino reivindica o que lhes falta, a saber: a esperança, melhores condições de vida, a alegria de viver a vida em abundância. A mensagem contida na Boa Nova de Jesus é de esperança. Contudo não é apenas uma esperança utópica, no sentido de que devemos esperar de braços cruzados tudo acontecer sem nos movermos.⁶⁸ Ao contrário disso, é uma esperança acompanhada de gestos concretos, de decisões capazes de levar o ser humano a agir em vista da transformação do mal em bem, da libertação da opressão, da promoção da justiça, da alegria, da paz e do amor fraterno.

Por isso a lógica do Reino de Deus contida nas parábolas de Jesus expressa transformação de vida, crescimento, fortalecimento etc. Esta lógica pode ser entendida como relações que geram vida – vale repetir – e vida em abundância (Jo 10,10). Descobrir a lógica do Reino é como encontrar um tesouro e, a partir daí, colocar todos os meios para possuí-lo. Ele não é algo abstrato, como mostra Neutzling, mas torna-se uma realidade próxima quando seus destinatários promovem processos geradores de vida.

O Reino de Deus anunciado por Jesus não é uma grandeza abstrata que se promete para um futuro distante. O Reino de Deus se deixa encontrar como o maior valor frente ao qual todo o resto fica relativizado. Esta descoberta provoca mudança na motivação e na ação. Mudança proveniente da alegria pelo que foi encontrado: a irrupção presente do Reino de Deus. O Reino de Deus constitui-se no maior valor em comparação ao qual todo o passado, tudo o que até agora era vigente, se torna secundário.⁶⁹

⁶⁷ SCHULTZ, 2013, p. 120.

⁶⁸ PANNENBERG, W. *Teología y Reino de Dios*. Salamanca: Sígueme, 1974. p. 14. Todas as citações referentes a esta obra são traduções feitas por nós.

⁶⁹ NEUTZLING, I. *O Reino de Deus e dos Pobres*. São Paulo: Loyola, 1986. p. 123.

A alegria experimentada pela comunidade Noiva do Cordeiro, caracterizada como uma descoberta de sentido, levará este povo a interiorizar muitos outros valores do cristianismo essenciais à vida de seus membros, como destaca Schultz: “é de dentro do próprio protestantismo que emergem as categorias teológicas para sustentar essa comunidade pós-igreja, uma comunidade extremamente ‘humanista’, solidária, partilhadora, cuidadora, dedicada à vida em comum”⁷⁰. Ainda que os moradores de Noiva do Cordeiro não relacionem o novo estilo de vida com Reino de Deus, o modo de viver que se configura na vida desse povo expressará, na prática, profunda identificação com a lógica do Reino. Afinal, o Reino não tem uma definição teórica, mas Jesus o apresenta por meio de comparações⁷¹, como destaca Castilho:

Jesus nunca deu uma definição do Reino de Deus. Jesus explicou o que é o Reino de Deus utilizando comparações tomadas do que acontece na vida cotidiana das pessoas. E aqui é de suma importância dar-nos conta de que Jesus disse para aquelas pessoas o que é o Reinado de Deus, antes de mais nada, *agindo*. E em segundo lugar, ensinando.⁷²

Tomando essa lógica do Evangelho que propõe Jesus, nota-se na atitude do corpo da comunidade profunda sintonia com a dinâmica da Boa Nova de Jesus. Mesmo não tematizando a ideia do Reino, reconhecem a importância dos valores contidos na mensagem cristã e, por isso, os adotarão como máxima de vida. “Quando o coração ama a Deus e ao próximo (Mt 22, 36-40), quando isto é a sua verdadeira intenção e não palavras vazias [...], à medida que reinar verdadeiramente o amor, tornar-nos-emos capazes de ver *face a face* (1 Cor 13, 12)” a Deus (GE, n. 86). Quando se passa das palavras à uma ação movida pelo amor a Deus e ao próximo, é possível ver o reinado de Deus acontecendo. À pergunta feita a pessoas entrevistadas da comunidade, realizada por Fazendeiro, sobre como transmitem os valores, elas respondem:

“Com ações, sem palavras, com exemplo mesmo”. (Carolina) [...] “Com ação. Tudo que eu aprendi foi com ações. Não tem um dia que eu não pense em tentar ser melhor. Uma coisa que aprendi é que faz bem para a gente mesmo estender a mão. [...] É prática, não é teoria”. (Josi) [...] “É ser não é falar” (Cecília).⁷³

⁷⁰ SCHULTZ, 2013, p. 120.

⁷¹ Com esta afirmação também está de acordo Sobrino ao afirmar: “Jesus, que tantas vezes usa a expressão, que tanto tenta esclarecê-la em suas parábolas, nunca disse com exatidão o que é o Reino: Jamais nos disse Jesus expressamente o que é esse Reino de Deus. A única coisa que diz é que está próximo”. (SOBRINO, 1986, p. 254).

⁷² CASTILLO, 2016, p. 20.

⁷³ Os nomes dos entrevistados são fictícios, dados pelo entrevistador. (FAZENDEIRO, 2016, p. 59).

A renúncia da religião, não significou, contudo, o abandono da fé em Deus. Ainda que a experiência de Igreja tenha sido negativa, os valores cristãos foram internalizados. Nas respostas à entrevista acima, podemos perceber que a pregação do Pastor continha esses valores. Porém, destaca uma entrevistada, não se vivia na prática, mas permanecia nas palavras (Mt 23,1-12). Tendo presente este fator e outros já mencionados anteriormente através de outros relatos de pessoas da comunidade que se queixavam da opressão vivida pela religião, podemos deduzir que havia um fanatismo que sufocava a essência da mensagem cristã. A experiência negativa da religião repercutiu na geração que não a viveu, como podemos constatar na fala de outra entrevistada: “O que sei de religião foi o que nossos pais viveram e foi muito ruim. A religião não foi boa para nossos pais e é isso que aprendemos. [...] pela experiência dos nossos pais, poderia ser bom, mas não foi.”⁷⁴

Quando não se vive na prática o que Jesus propõe no Evangelho da vida, a experiência cristã pode tornar-se frustrada. Nesse sentido, a religião foi, de certa maneira, frustrante para os membros da comunidade Noiva do Cordeiro. Contudo a chama da essência contida na mensagem do Reino que não aprenderam a viver na prática, permaneceu acesa. Esta foi assimilada, posteriormente, como valor para a vida que desejavam levar. A imagem herdada pelas crianças da última geração da comunidade sobre a religião institucional é que esta fez mal à vida de seus pais e antepassados. Reconhecem, porém, valores importantes que serviriam para orientar a vida comum entre eles. A comunidade abandonou a religião, renunciou os ritos institucionais que ela comporta, mas a transmissão dos valores se fortaleceu na vida de todos, como nos mostra Fazendeiro:

Se antes religião era sinônimo de códigos definidos, ritos enrijecidos, normas morais e discurso institucional, agora pode ser a busca pela transcendência; a busca pelo bem-estar espiritual. Uma vez que a religião institucionalizada não exerça atração em boa parte das pessoas, não significa com isso, dizer que ela deixa de ter outras manifestações e continuar atraindo. Novas formas são concebíveis: o místico substitui o doutrinário, o afetivo supera o ritual e o experiencial suplanta o institucional.⁷⁵

Assim, a Igreja Noiva do Cordeiro chegou ao seu fim. Dela restou apenas aquilo que faria daquele povo, uma comunidade diferente. A matriarca Delina, ao falar da vida da comunidade, afirma: “não tem briga, não tem inimizade, o que é de um, é do outro [...] você

⁷⁴ FAZENDEIRO, 2016, p. 54.

⁷⁵ GONÇALVES, A. S. Uma espiritualidade sem igreja: a emancipação institucional e o surgimento de novas experiências religiosas. *Protestantismo em Revista*. São Leopoldo, v. 32, p. 126, Set./Dez. 2013. Citado em: FAZENDEIRO, 2016, p. 32.

acredita que nunca vi uma discussão aqui em casa, com esse tanto de gente!.”⁷⁶ Embora escolhesse viver fora das fronteiras da igreja institucionalizada, esse povo se reconhece temente a Deus.⁷⁷ Isso podemos constatar no depoimento de Flávia, moradora da comunidade: “eu não acredito em religião, mas eu acredito muito em Deus, eu tenho isso muito presente na minha vida, eu tenho fé em Deus [...] eu falo com Ele sempre, a hora que me deito, a hora que me levanto, nos meus pensamentos, então Ele tá comigo.”⁷⁸ A Igreja acabou, mas a fé cristã permanece na vida dos dissidentes protestantes como mostra Schultz:

Em termos de eclesiologia, a “forma” Noiva do Cordeiro se legitimaria para além da institucionalidade porque está fiel ao princípio do evangelho – inclusão, autonomia, constituição de sujeitos ou do Novo Ser. [...] O critério fundamental para se decidir se está fora ou dentro, nesse caso, é se aquilo que se vive é fiel ao evangelho, se isso espelha Cristo. Noiva do Cordeiro não é uma igreja, certamente, mas vive o espírito de protesto.⁷⁹

Schultz observa ainda um importante detalhe no espaço físico da comunidade: “curiosamente, no local da igreja a comunidade decide fazer um local de encontro e alegria.”⁸⁰ Neste espaço se realizam os eventos, as festas, as apresentações culturais, a diversão etc. Tudo o que antes não tiveram a oportunidade de vivenciar porque era, terminantemente, proibido pela igreja, agora é vivido por todos nesse espaço como algo bom, que faz bem e traz alegria. Isso não quer dizer que levam uma vida desregrada ou anárquica. Pelo contrário, a comunidade se guia por princípios essenciais à vida comunitária. Enfim, é o espaço dos encontros, dos abraços, da música, do riso, lugar para as pessoas sentirem-se felizes. Concordamos com Rodríguez que este estado de espírito cobra especial atenção da reflexão teológica que, sobretudo no contexto de terceiro mundo, dedicou-se amplamente a refletir sobre o sofrimento.

Tirar o foco do sofrimento, que tanta força tem tido na reflexão teológica, para poder ver que a resiliência é também uma realidade teológica, que Deus está também no riso, nos abraços solidários, no sentido de humor que dá um respiro nas perdas e nos traumas, isto é, que bom que não falemos tanto da cruz e do sofrimento, senão da recuperação, da cura e da vida fortalecida, no aqui e agora do existir humano.⁸¹

Jesus não propôs um conceito de Reino de Deus imaginário. Antes de anunciá-lo, passou parte de sua vida oculta observando o cotidiano das pessoas. Por isso, quando fala do Reino,

⁷⁶ ALVES, 2008, min 11:12.

⁷⁷ ALVES, 2008.

⁷⁸ ALVES, 2008, min 12:28.

⁷⁹ SCHULTZ, 2013, p. 121.

⁸⁰ SCHULTZ, 2013, p. 108.

⁸¹ RODRÍGUEZ ARENAS, 2015, p. 116.

expressa a realidade vivida no dia-a-dia do povo. Desse modo, o Reino que Jesus veio propor implica transformação de vida. A vida que Deus oferece visa o bem de todos. Assim, Deus reina quando o ser humano permite que Deus nele habite, conduzindo-o pelos caminhos do amor fraterno onde o mais importante não são os discursos, mas a ação de vida vivida como irmãos (Mt 23,8). Felizes são os que encontram este tesouro e colocam todo o empenho para possuí-lo (Mt 13,44). O Reino está próximo deles.

1.4.1 O que parece faltar ainda à comunidade Noiva do Cordeiro?

Um novo ciclo começou para a vida dos moradores de Noiva do Cordeiro. A comunidade fez uma eleição significativa que deu um novo rumo à qualidade de vida de seu povo. O amor fraterno, a partilha dos bens e a vida comum estabeleceu-se como regra de vida, tornou-se a essência para a vida da comunidade. Contudo, enfrentariam ainda alguns anos de incompreensão por parte da sociedade local. A discriminação e a difamação acirraram-se ainda mais, quando decidiram deixar a igreja, como podemos destacar num trecho do documentário Noivas do Cordeiro:

Nossa vida comunitária provoca estranheza [...] nosso jeito particular de viver a vida incomoda a vizinhança, alimentando cada vez mais a incompreensão. Isso é um trem sem explicação, porque quando nós era crente, com aquela severidade, eles condenava nós também, não gostava, [...] uma discriminação danada. Nós largou a igreja pra lá e eles já passou pra outro jeito... e agora é tudo sem vergonha, cachaceiro... até minha casa de zona (prostíbulo) eles chamou, estava aqui fazendo minha casa e eles disseram que estava fazendo aqui era zona.⁸²

O povo da cidade e o da região pareciam estar decididamente dispostos a manter a condenação outrora imposta aos moradores de Noiva do Cordeiro. A vida interna da comunidade mudou significativamente para melhor com o processo de resiliência vivido pelo grupo e passou a ter outro significado para todos. Descobriram um modo de viver com sentido que emana dos valores cristãos. Apesar disso, algo continuava ainda incomodando a todos: o não acolhimento de seus moradores por parte da vizinhança e do povo do município. Assim como pudemos constatar, anteriormente no depoimento de Delina, identificamos, igualmente, no de outra moradora, que não compreendiam ser a causa da discriminação.

Até hoje eu não entendi (a causa da discriminação), porque a única coisa que eu vejo aqui é trabalho, união e alegria as coisas que a gente tem aqui dentro da comunidade

⁸² ALVES, 2008, min 14:17.

e é uma coisa que era pra servir de exemplo, uma coisa que a gente tem o maior prazer de expandir isso pra eles, de coração e, ao invés de eles receberem isso, eles jogam pedra na gente, eles excluí a gente, eles são fechados com a gente. Eu não compreendo até hoje. É uma pergunta que eu não sei te responder.⁸³

Os moradores de Noiva do Cordeiro reconhecem que o modo de viver na comunidade é, significativamente, dotado de valores que deveriam servir de exemplo para o próximo. Tudo o que vivem e desejam para o outro é o bem. Entretanto, observam que isso não toca o coração da vizinhança que se recusa a romper o muro de separação entre eles. Por isso mesmo, atribuem a essa atitude um preconceito contra eles. No começo, a divisão se dava entre os católicos de um lado e os “filhos da maldição” de outro. Posteriormente, entre católicos e protestantes. Neste novo período os católicos passaram julgar a comunidade de ser um povo “sem religião”. Dessa maneira, continuou o isolamento que se estenderia por mais alguns anos, desde que a comunidade decidiu abandonar a igreja, no início dos anos 90. Uma entrevistada de Fazendeiro afirma: “A exclusão foi total... foi até 2004. Não era assim uma exclusão comum. Era cem por cento isolado. A Noiva do Cordeiro era como se fosse outro mundo dentro do município.”⁸⁴

Considerando os dois pontos de vista, isto é, o lamento dos moradores de Noiva do Cordeiro pela exclusão sofrida e a atitude recriminatória dos católicos contra eles, pode-se deduzir que a questão distanciadora desses grupos submerge, novamente, do campo religioso. Se o comportamento social não coloca barreiras para o distanciamento e os conflitos nas relações sempre estiveram associados ao fator religião, a hipótese mais provável da animosidade é o moralismo religioso. Quando não se aceita outro grupo, porque não pertence à mesma confissão religiosa ou porque ele não possui uma religião ou se comporta de modo diferente, isso configura-se como intolerância religiosa. No fundo, o que está em jogo é o velho moralismo presente na história da Igreja. Nos evangelhos, Jesus critica duramente essa atitude, já presente no seu tempo, manifestada no comportamento dos fariseus.⁸⁵

⁸³ O depoimento é de Claudia Lima, moradora de Noiva do Cordeiro. (ALVES, 2008, min 23:15).

⁸⁴ FAZENDEIRO, 2016, p. 49.

⁸⁵ “Não são os que têm saúde que precisam de médico, e sim os doentes. Ide, pois, aprendei o que significa: Misericórdia quero, e não o sacrifício” (Mt 9,12b-13a); “Se soubésseis o que significa: Misericórdia é o que quero e não sacrifício, não condenaríeis os que não têm culpa”. (Mt 12,7); “Hipócritas! Bem profetizou Isaías a vosso respeito quando disse: ‘Este povo me honra com os lábios, mas o coração está longe de mim. Em vão me prestam culto, pois o que ensinam são apenas mandamentos humanos’” (Mt 15,7-9); Os sete “ai de vós” de Jesus dirigido aos escribas e fariseus (Mt 23,13-32); “E perguntou-lhes: ‘É permitido, no sábado, fazer o bem ou fazer o mal? Salvar a vida ou matar?’ Eles, porém, se calavam. Repassando então sobre eles um olhar de indignação, e entristecido pela dureza do coração deles disse ao homem: ‘Estende a mão’. Ele a estendeu, e sua mão estava curada”. (Mc 3,4-5); “Agora vós, ó fariseus! Purificais o exterior do corpo e do prato, e por dentro estais cheios de rapina e de perversidade! Insensatos! Quem faz o exterior não fez também o interior?” (Lc 11,39b-40); As parábolas da misericórdia em resposta aos fariseus e publicanos que criticavam Jesus de receber os pecadores e fazer refeição com eles. (Lc 15,4-32); “Jesus lhes disse: ‘Vós sois os que querem passar por justos diante dos homens, mas Deus conhece os corações; o que é elevado para os homens, é abominável diante de Deus...’” (Lc

O povo de Noiva do Cordeiro passa a sentir-se feliz e realizado com a nova vida e manifesta a alegria ao mostrar a importância do sentido de pertença à comunidade, como destaca Schultz: “as mulheres não se cansam de repetir o mote da comunidade: ‘aqui nada é de ninguém; tudo é de todos.’”⁸⁶ Praticam o amor entre eles, se respeitam, nada é imposto sobre ninguém, cada um assume livremente as responsabilidades da comunidade. Todavia desejam algo mais. Querem conquistar o respeito e a confiança dos moradores do município, desejam estabelecer relações, romper a barreira da divisão que ainda causa exclusão e isolamento e isso é o que buscarão.

1.4.2 Superação da exclusão

Alguns anos já haviam passado após o abandono da religião institucional em Noiva do Cordeiro e de certa maneira, o novo estilo de vida estava consolidado. Contudo, a terra para produção não era suficiente para suprir as necessidades de tanta gente. O desejo dos moradores era que ninguém precisasse buscar emprego em outra cidade para complementar a renda da comunidade, mas que pudessem todos conviver em tempo integral, produzindo o suficiente para todos viverem bem. Se a união era a pérola da comunidade, por outro lado, a escassez de recursos era uma ameaça, pois poderia causar dispersão. Cláudia, moradora da comunidade, assim expressa: “nós não podemos deixar acabar a Noiva do Cordeiro. A gente não pode desistir assim.”⁸⁷ Por isso correram atrás de recursos. Descobriram na busca a necessidade de criar uma associação. Isso possibilitou que saíssem do confinamento, pois se empenharam e decidiram mostrar a cara. Lutaram por seus direitos e, assim, deram o primeiro passo criando uma associação comunitária.⁸⁸

Com a criação da Associação Comunitária em Noiva do Cordeiro, a comunidade elaborou projetos, começando pela informática. O acesso à internet, deu maior visibilidade ao seu povo e chamou a atenção das mídias para o estilo de vida construído e os projetos lá desenvolvidos. Assim, os moradores de Noiva do Cordeiro começaram a criar relações fora e aproximaram-se das comunidades vizinhas. O fato de terem tido o primeiro projeto de

16,15); Jesus responde aos escribas e fariseus pela atitude de condenação a uma mulher pega em adultério: “*Quem dentre vós estiver sem pecado, seja o primeiro a lhe atirar uma pedra!*” (Jo 8,1-11); Jesus responde aos escribas e fariseus que se recusavam a escutar o testemunho do cego de nascença que foi curado por Ele; eles o expulsaram da sinagoga porque questionou a fé deles e, portanto, consideravam inadmissível um pecador querer dar lição a eles: “*se fôsseis cegos, não teríeis pecado; mas dizeis: ‘Nós vemos!’ Vosso pecado permanece*”. (Jo 9,41).

⁸⁶ SCHULTZ, 2013, p. 109.

⁸⁷ ALVES, 2008, min 24,25.

⁸⁸ ALVES, 2008, min 24:54.

informática numa zona rural, atraiu canais de televisão que foram fazer matéria sobre o projeto. Com isso, a comunidade aproveitou para contar sua história. A divulgação do estilo de vida de Noiva do Cordeiro contribuiu significativamente para o desenvolvimento econômico, área em que ainda havia dificuldades. Com a repercussão, os moradores da cidade e da vizinhança começaram a conhecer como realmente viviam o povo de Noiva do Cordeiro; passou a haver respeito e, assim, foram rompendo-se as barreiras que os separavam uns dos outros. Caiu por terra a imagem deturpada que tinham, mesmo sem conhecer de fato a vida dos que ali viviam. A abertura nas relações gerou melhores condições de vida e mais dignidade a seus membros. As comunidades vizinhas que eram fechadas às relações com Noiva do Cordeiro aproximaram-se e viram o quanto tinham a aprender com o povo vizinho que mais parecia outro país. Viram isso como um aprendizado bonito, como podemos ver no depoimento:

A melhor coisa que aconteceu foi a união entre as duas comunidades: a comunidade do Palmital e a comunidade Noiva do Cordeiro, porque através dessa união [...] a gente pôde conhecer como é Noiva do Cordeiro porque até então a gente não conhecia, como é bonito a união deles aqui. A gente aprendeu ainda mais a ser unido, a correr, a batalhar, a correr atrás do que a gente quer, dos nossos objetivos.⁸⁹

Esse povo aprendeu a levantar a cabeça, enfrentar as adversidades, sem, contudo, deixar o propósito de viver tudo em comunidade compartilhando a vida e os bens. Para Schultz, o que veio no período pós-protestantismo “talvez seja uma versão profética de espiritualidade, que precisa descobrir sua força articuladora e reintegradora do ser, que precisa oferecer para a humanidade.”⁹⁰ Após tanto tempo no isolamento, os moradores de Noiva do Cordeiro romperam, enfim, com a barreira da exclusão que os colocou à margem da sociedade. Seu modo diferente de viver já não causa incompreensão. Não foi sem luta chegar até aí. Embora sempre estabelecidos num mesmo lugar, viveram um longo êxodo religioso a caminho da libertação. Assim expressa Claudia Lima, que é moradora e professora da comunidade: “hoje eu vejo que valeu a pena. Foi muito difícil, mas ao menos eu posso ajudar as pessoas.”⁹¹ Elaine Fernandes, outra moradora, destaca o que mudou na vida da comunidade.

Bem, mudou que agora a gente é muito bem recebido onde a gente vai, nas casas, nas comunidades, e também agora a gente recebe muitas outras pessoas das outras comunidades que agora vem, frequentam nossa comunidade, vem conhecer e ver de perto que não é o que eles pensavam que era.⁹²

⁸⁹ O depoimento é de Kênia dos Santos, moradora da comunidade vizinha de Palmital. (ALVES, 2008, min 26:33).

⁹⁰ SCHULTZ, 2013, p. 122.

⁹¹ ALVES, 2008, min 35:50.

⁹² ALVES, 2008, min 36:49.

O processo de libertação vivido pela comunidade reintegrou seus moradores ao convívio social. O mal que sofreram durante tantos anos foi superado com o amor uns aos outros. Isso reflete na acolhida calorosa de todos que se aproximam da comunidade.

1.5 À guisa de conclusão

Ao iniciarmos a leitura dessa história em diálogo com a teologia, abrem-se horizontes para aprofundar a reflexão teológica acerca do Reino de Deus, partindo das realidades concretas, das situações vividas, como no caso desse povo. Concordamos com Schultz que destaca, também, a necessidade de se refletir a “capacidade da religião de servir como veículo de reintegração da vida.”⁹³ A religião não é o Reino, mas deve ser portadora dele.⁹⁴ O Reino de Deus nasce do dom divino, nos é dado como dom para que nele possamos entrar.⁹⁵ E isso exige nosso trabalho e esforço, um caminho de renúncias, mas sobretudo renúncia do egoísmo para abrir-nos ao amor para com o próximo. “As exortações bíblicas convidam, com tanta determinação, ao amor fraterno, ao serviço humilde e generoso, à justiça, à misericórdia... Jesus ensinou-nos este caminho de reconhecimento do outro, com as suas palavras e com os seus gestos” (EG, 194). Na medida em que reina o amor, que nos move a testemunhar com a vida os ensinamentos de Jesus sobre o Reino de Deus, então, este se torna próximo.

À continuação desejamos aprofundar a reflexão teológica sobre o Reino de Deus a partir da experiência do amor fraterno e da vida comum, em outras palavras, a partir da *práxis* da vida cristã. Nosso horizonte será a comunidade do Reino formada em torno de Jesus, a qual Ele mesmo enviou a propagar o Reino de Deus pelo mundo.

⁹³ SCHULTZ, 2013, p. 123.

⁹⁴ A palavra religião é comumente usada pelo povo ao referir-se à igreja, seja ela a Igreja católica ou igrejas de outras denominações cristãs. Neste sentido deve ser entendido este termo na linguagem do povo do lugar.

⁹⁵ MONTCHEUIL, 1961, p. 46.

CAPÍTULO II

2. O PROJETO DE VIDA DA COMUNIDADE DO REINO COMO RESULTADO DA CONSCIÊNCIA DESPERTADA POR JESUS NOS DISCÍPULOS

Nosso objetivo neste capítulo é apresentar o projeto de vida da Comunidade do Reino.¹ O modo de viver dos discípulos do Reino resulta de uma consciência que Jesus despertou neles. Com o testemunho de vida, a comunidade dos discípulos transmitiu a fé em Jesus, propagando a Boa Notícia anunciada por Ele ao mundo. A Mensagem do Reino causa admiração e, ao mesmo tempo, aversão. Admiração nos que despertam a consciência para a nobreza da Boa Notícia de Jesus e aversão nos que se sentem confrontados por sua mensagem que denuncia os lugares de poder que ocupam. Estes estão distantes do Reino, enquanto aqueles descobrem, no coração, um tesouro escondido de valor inestimável (Mt 6,21). O fechamento no egoísmo e o apego desordenado aos bens terrenos e às diversas formas de poderes tornam-se um obstáculo para que a mensagem chegue ao coração dos poderosos e prepotentes. Por isso, o Reino de Deus encontrará também resistência; e o discípulo do Reino se deparará com os inimigos do Reino e enfrentará dificuldades na missão. Contudo, para aquele que encontrou, no seu coração, a alegria por haver descoberto o tesouro escondido do Reino, identificando-se com a causa de Cristo, as forças contrárias à vida não o impedirão de ser fiel a essa causa. O discípulo é chamado a construir, hoje, a Comunidade do Reino. Essa comunidade, fundada nos valores cristãos, terá razões para alegrar-se e manter viva a chama acesa do amor que gera comunhão.

Mostraremos neste capítulo alguns traços dessa comunidade. Para falar sobre a Comunidade do Reino, apresentaremos, de forma breve, o modo como o Reino de Deus se faz próximo. Para isso, nos serviremos da leitura de alguns teólogos que aprofundaram o tema para fundamentar o conteúdo e o foco de nossa pesquisa.

2.1 O que é, afinal, este Reino?

O Reino de Deus corresponde a um tema pouco presente na pregação da Igreja, porém, muito recorrente na mensagem evangélica, sobretudo, nos evangelhos sinóticos. Vários autores procuraram definir o que seria esse Reino tão marcado no anúncio de Jesus. Muitas

¹ “A expressão ‘Comunidade do Reino’ procura captar o dinamismo de uma Igreja que encontra as suas raízes no grupo de Doze Apóstolos que viram e ouviram Jesus, que mantém a fé e as estruturas das primeiras comunidades cristãs e que busca maior fidelidade ao seguimento do Mestre”. (COLAVECCHIO, R. L. *Jesus e a Comunidade do Reino no Evangelho de São Lucas*. São Paulo: Loyola, 2013. p. 12).

interpretações foram dadas e todas são valiosas para uma compreensão fundamental a respeito desse Reino. Ainda que não se possa afirmar com precisão que o Reino de Deus é isto ou o Reino de Deus é aquilo; ou ainda: está aqui, está ali, o mais importante é compreender a proposta de vida nova oferecida por Jesus. O que significa, afinal, a proximidade desse Reino para Jesus? Com a ajuda de alguns autores, tentaremos mostrar o sentido da mensagem de Jesus que afirma: “o Reino de Deus está próximo. Convertei-vos e crede no Evangelho” (Mc 1,15).

2.1.1 A mensagem e a vida de Jesus em profunda relação com o Reino de Deus e a realidade humana

Jesus, em sua vida pública, anunciou a proximidade do Reino de Deus na realidade concreta das relações humanas. Para Kasper, “o centro e marco da pregação e atividade de Jesus é o Reino de Deus. Jamais nos diz Jesus, expressamente, o que é esse Reino de Deus. O único que diz é que está próximo.”² Os grupos religiosos de seu tempo entendiam, de modos distintos, a iminência desse Reino, de acordo com suas interpretações da Torá. Ainda, conforme Kasper, a abertura na mensagem de Jesus, isto é, o fato de não ter dito, precisamente, o que é o Reino de Deus, deu margens a muitas interpretações no início do catolicismo. Por muito se considerou a Igreja como “realização histórica do Reino de Deus”. Já na época moderna, passou a ser concebido como “um bem supremo, o reino do Espírito e da liberdade.”³ Independentemente das diferentes concepções ao longo da história, é consenso que o Reino de Deus está em estreita relação com o anúncio e a vida pública de Jesus.

Sobrino dirá que, antes de falarmos de Reino de Deus, é preciso falar de reinado de Deus. A respeito desse reinado, diz o seguinte:

Deus reina, quando os seres humanos, ‘feitos à imagem e semelhança de Deus’, reproduzem em suas vidas a bondade e a compaixão de Deus, a justiça e a reconciliação. [...] Jesus anuncia a boa notícia a pessoas bem concretas e a torna real para elas. Exige delas, pessoalmente, uma forma de vida para que Deus reine: o seguimento, uma práxis do reino e um configurar-se, segundo a mensagem e a pessoa do mesmo Jesus, na linha da parábola do samaritano, do filho pródigo, das bem-aventuranças.⁴

² KASPER, W. *Jesús el Cristo*. Salamanca: Sígueme, 1978. p. 86. Todas as citações referentes a esta obra são traduções feitas por nós.

³ KASPER, 1978, p. 86.

⁴ SOBRINO, J. La centralidad del Reino de Dios anunciado por Jesús. *Revista Latinoamericana de Teología*. San Salvador, n. 68, p. 137. Mayo, 2006. Todas as citações referentes a este artigo são traduções feitas por nós.

Nessa perspectiva, o reinado de Deus acontece de forma concreta na vida dos seguidores de Jesus na medida em que configuram suas vidas ao amor misericordioso de Deus. Esse amor move a pessoa a fazer o bem prevalecer na relação com o próximo. A Boa Notícia identificada como reinado de Deus se torna realidade no amor. O cristão que briga por sua igreja, mas não compreendeu, nem internalizou a Boa Nova do Reino, não será capaz de testemunhar, com a vida, o que Deus espera dele como membro da Comunidade do Reino. Mas, se, de fato, o incorpora em sua vida, concordamos com Sobrino, que “o cristianismo será, hoje também, Boa Notícia.”⁵ Assim, o Reino de Deus anunciado por Jesus torna-se central na vida cristã.

Ao anunciarmos a mensagem do Evangelho, hoje, não podemos deixar de contextualizá-la na realidade. Isto supõe uma abordagem da vida em todas as suas dimensões, em seu contexto político, cultural, social e nas relações interpessoais etc. É esse o lugar onde Deus irrompe com sua ação salvadora. Para Pannenberg, a justiça e o amor como distintivos fundamentais do Reino “não têm somente a ver com os indivíduos, mas também com as estruturas da convivência social dos homens. Nesse sentido, o Reino de Deus tem caráter decididamente político.”⁶ O Papa Francisco, na Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual, afirma:

As exortações bíblicas, com tanta determinação, convidam ao amor fraterno, ao serviço humilde e generoso, à justiça, à misericórdia para com o pobre. Jesus ensinou-nos este caminho de reconhecimento do outro, com as suas palavras e com os seus gestos. Para quê ofuscar o que é tão claro? Não nos preocupemos só com não cair em erros doutrinários, mas também com ser fiéis a este caminho luminoso de vida e sabedoria. Porque ‘é frequente dirigir aos defensores da ortodoxia’ a acusação de passividade, de indulgência ou de cumplicidade culpáveis frente a situações intoleráveis de injustiça e de regimes políticos que mantêm estas situações. (EG, n. 194)

Os “defensores da doutrina” criticam com frequência o fato de os teólogos e os que estão a serviço do anúncio da Palavra abordarem temas políticos ou sociais. Afirmam que deveriam falar somente de Deus e cuidar das “coisas da Igreja”. Os que se encerram no âmbito doutrinal, sem abertura para o diálogo e recusam uma Igreja envolvida com as realidades de injustiça e opressão no mundo, não entenderam que o Deus de Jesus Cristo se encarnou na realidade concreta do mundo onde acontecem as relações humanas e nela quis plantar o Reino. Pannenberg, alerta que “a Igreja deve adentrar seriamente nas formas de vida social e política existentes e julgá-las à luz da vinda do Reino de Deus. O Reino de Deus vindouro não é nenhum

⁵ SOBRINO, 2006, p. 135.

⁶ PANNENBERG, 1974, p. 51.

fenômeno extramundano ou alheio ao mundo; é a determinação futura da sociedade presente.”⁷ Uma Igreja que se torna alheia às diversas formas de injustiça não se configura como Comunidade do Reino. Para Sobrino:

Os teólogos atuais estão de acordo em que não se pode mencionar simplesmente ‘Deus’, mas fazer uma dupla afirmação: Deus ‘e’ Reino, Deus ‘e’ proximidade, Deus ‘e’ sua vontade, Deus ‘e’ paternidade etc. [...] A razão profunda pela qual Jesus não pregou simplesmente a ‘Deus’ é que Jesus herda uma série de tradições segundo as quais Deus não é nunca o Deus-em-si-mesmo, mas um Deus em relação com a história. [...] Assim, “o fim último para Jesus não é simplesmente ‘Deus’, mas Deus em sua relação concreta com a história da salvação.”⁸

Não se pode negar que Jesus anunciou o Reino de Deus e esse Reino está intimamente em relação com a vida do povo. Este é “o fim verdadeiramente último, o que dá sentido à vida, atividade e destino de Jesus”⁹, conclui Sobrino. Os evangelhos evidenciam que a Boa Nova é para ser vivida hoje. Concordamos, assim, com Schillebeeckx quando afirma que “uma ‘salvação’ que não se manifestasse aqui e agora, em seres humanos muito concretos, não teria nada de Boa Nova.”¹⁰ De acordo com Segundo¹¹, o Reino que Jesus deseja para sua comunidade passa pelo processo de humanização e exige de seus seguidores vencer a marginalização. A proximidade do Reino é cercania de Jesus com a vida dos que, no mundo, sofrem tribulações. Em Jesus, Deus abaixa-se no mais profundo da miséria humana e, com seu amor misericordioso, restabelece a vida que desejou para o ser humano, “ressarcindo a inumanidade sofrida”¹² pelos poderes opressores. Ainda, de acordo com Segundo, “os sinais da proximidade e presença do Reino de Deus devem mostrar, para serem verdadeiramente sinais, uma coerência entre os valores do coração do Rei que chega e os valores que visivelmente procuram com os milagres os interlocutores de Jesus.”¹³ Os sinais que Jesus realiza por meio das curas e exorcismos, também na perspectiva de Colavecchio, “serão sinais do Reino de Deus que liberta das várias formas de prejuízo que o mal causa nas pessoas.”¹⁴

A ação de Jesus, portanto, está em estreita relação com a proximidade do Reino anunciado por Ele. O efeito dessa ação na vida das pessoas é o estabelecimento de uma

⁷ PANNENBERG, 1974, p. 59.

⁸ SOBRINO, 1978, p. 363.

⁹ SOBRINO, 1978, p. 349.

¹⁰ SCHILLEBEECKX, E. *A História de um Vivente*. São Paulo: Paulus, 2008. p. 182.

¹¹ SEGUNDO, J. L. *La historia perdida y recuperada de Jesús de Nazaret*. De los sinópticos a Pablo. Santander: Sal Terrae, 1991.

¹² SEGUNDO, 1991, p. 195. Todas as citações referentes a esta obra são traduções feitas por nós.

¹³ SEGUNDO, 1991, p. 263.

¹⁴ COLAVECCHIO, 2013, p. 28.

sociedade mais humana, que pode ser identificada como Comunidade do Reino, “cuja prioridade será o bem-estar integral de cada pessoa humana (Lc 6,18; 7,21; 8,2.29; 9,39; 10,20; 13,11)”¹⁵, como destacado por Colavecchio. Mesmo que a comunidade cristã enfrente sofrimentos, pois o sofrimento nunca será erradicado do mundo, sua missão será sempre construir relações fraternas e cuidar para que no seu seio não haja necessidades nem divisões.

2.1.2 Dimensão escatológica do Reino: presente e futuro, realidade e eternidade

De acordo com Kasper, alguns especialistas, como Weiss, Schweitzer e Cullmann destacaram o sentido “consequentemente escatológico” do Reino. Kasper afirma que essa interpretação considera o Reino de Deus como irrealizável no presente. Outras interpretações dos últimos tempos já definem o Reino como uma “utopia política e social.”¹⁶ Não é nosso foco nesta pesquisa aprofundar a escatologia do Reino de Deus, ainda que sua mensagem, afirma Kasper, “esteja essencialmente implicada na tensão entre presente e futuro.”¹⁷ Em relação a esse tema, Schillebeeckx diz:

A Basileia tou Theou não indica um território acima ou fora deste mundo, onde Deus morasse e reinasse. Para Jesus, o termo significa um acontecimento, pelo qual Deus começa a reinar e agir como rei ou Senhor; é uma ação, portanto, pela qual Deus manifesta seu ser-Deus no mundo dos humanos. O reinado de Deus, pois, é o próprio poder divino agindo para o nosso bem na nossa história, mas significa também o estado final escatológico, pondo fim ao mundo mau, dominado por poderes nefastos, e iniciando o novo mundo onde Deus dominará plenamente: “Venha teu Reino” (Mt 6,10). Soberania de Deus e Reino de Deus são, pois, dois aspectos da mesma realidade. Soberania de Deus lembra o caráter dinâmico, referente ao hoje, do reinar divino. Reino de Deus indica mais o estado definitivo de felicidade, visado pela ação salvífica de Deus. O hoje e o futuro estão assim essencialmente ligados entre si (de uma forma que ainda teremos de definir com precisão): Deus é o Senhor da história, e ele, com plenos poderes, outorgou salvação aos humanos: é esse o teor do conceito bíblico (que nos é estranho) de “Reino de Deus. [...] ‘Deus reina’ significa, portanto, que ele executa a sua função divina como Criador soberano, como “Rei”. Ele dá salvação, felicidade, aos seres que ele criou para a vida. Que esse Reino vem, significa que Deus olha os seres humanos, a fim de tornar operacional o seu “reinar” em nosso mundo.¹⁸

Sem deixar de conceber a ideia do Reino como realização plena no plano da eternidade, importa destacar que o anúncio de sua proximidade se dá numa realidade concreta. O Deus do

¹⁵ COLAVECCHIO, 2013, p. 28.

¹⁶ KASPER, 1978, p. 87.

¹⁷ KASPER, 1978, p. 92.

¹⁸ SCHILLEBEECKX, 2008, p. 133-134.

Reino manifesta-se com seu poder salvífico na vida concreta das pessoas, tornando-as participantes de sua ação salvadora. Pannenberg afirma que:

O Deus do Reino que se aproxima se relaciona com toda realidade finita como o poder que decide sobre o futuro. [...] Não seria convincente pretender salvar, agora, aquele conhecido Deus que se localiza além do celeste, situando-o na dimensão de um vago futuro, pois, do contrário, não restaria lugar algum no mundo evidenciado pela atual compreensão da natureza. O fato de que a ideia de Deus vinculada à da irrupção de seu Reino tenha algum significado real para nossa compreensão da realidade, depende de que o mundo real se compreenda mais adequadamente, se é considerado como expressão do poder divino.¹⁹

Definir o significado preciso do Reinado de Deus nem sempre é fácil. Há muitos fatores que apontam para o sentido da mensagem de Jesus sobre o Reino. Já na época de Jesus, concebia-se uma ideia de Reino. Para os judeus, esse reinado, nos mostra Kasper, “seria a personificação da esperança em ordem à realização do ideal de um soberano justo jamais cumprido na Terra. [...] A chegada do Reino de Deus se aguardava como libertação de um ‘injusto senhorio’, estabelecendo a justiça de Deus ao mundo.”²⁰ Nesse ambiente, Jesus adota a expressão e a coloca no centro de seu anúncio. Independentemente de haver um consenso, ao definir se o Reino de Deus é uma realidade escatológica ou se está já presente no mundo, é evidente que a mensagem transmitida por Jesus com palavras e ações é portadora de salvação já no momento presente. Em Jesus, Deus liberta e salva o ser humano de diversas formas de opressões e injustiças; quer estabelecer a vida em abundância para todos. O discípulo do Reino, seguindo o exemplo de Jesus, vive o presente, na esperança da salvação futura no fim dos tempos, quando, enfim, anseia pela incorporação no Reino definitivo de Deus. Contudo, mesmo que a vida presente não esteja livre de forças contrárias à vida, a nós se oferece a oportunidade de viver, já na terra, o Reino como ação salvadora de Deus. Sobrino assim expressa:

A irrupção do Reino (Mt 10,23; Mc 13,30; 9,1) será o definitivo ‘sim’ de Deus na história. Porém, este, não nos dá, naturalmente, nenhuma notícia do que será o Reino de Deus em-si-mesmo, quando este ocorrerá em plenitude, quando realmente o mundo presente chegará ao fim. [...] O que, sim, sabemos, a partir de Jesus, é que consiste na realidade de um reino de Deus que se aproxima e correlativamente que relaciona Jesus com essa proximidade, como corresponde Jesus ao Reino que se aproxima. Esta observação nos parece importante, tanto para conhecer Jesus como para compreender a relação entre Igreja e reino de Deus.²¹

¹⁹ PANNENBERG, 1974, p. 18.

²⁰ KASPER, 1978, p. 87-88.

²¹ SOBRINO, 1978, p. 355.

A Igreja, por muito tempo, priorizou a pregação sobre o inferno e o castigo para aqueles que não seguem os preceitos divinos. Isso teve muito peso na consciência dos fiéis e, de certa forma, ainda hoje exerce grande influência na vivência da fé, apesar da mudança no discurso. Essa pregação, muito presente em nossas catequeses, fez com que a Boa Nova do Reino de Deus fosse colocada de lado ou ficasse ofuscada. Pouco se falou sobre a mensagem do amor, do respeito, do acolhimento ao próximo, tão frequente na mensagem de Jesus. Em última instância, a experiência de encontro com Jesus Cristo, o conhecimento de sua causa e a experiência do amor misericordioso de Deus que a Igreja é chamada a viver ficaram distantes da mensagem evangélica. Todos os fiéis esperam pela salvação eterna, mas, na lógica do Reino de Deus, a esperança de salvação não deve ser acompanhada, meramente, do medo do castigo eterno. A proximidade do Reino deve ser vivida na relação com o Cristo que se faz próximo da nossa realidade, deixando-nos guiar pelo amor e pela justiça divina, essência e fundamento da Comunidade do Reino, como nos faz notar o Papa Francisco na exortação apostólica *Gaudete et Exsultate*: “dado que não se pode conceber Cristo sem o Reino que Ele veio trazer, também a tua missão é inseparável da construção do Reino: ‘*procurai primeiro o Reino de Deus e a sua justiça*’ (Mt 6,33)” (GE, n. 25).

Colocar o problema da escatologia do Reino, diz-nos Sobrino, “trata-se, pois, de aprender de Jesus como viver, como ser Igreja na fé de que o reino se aproxima; e nessa proximidade se devem transformar o homem e a sociedade.”²² Para Schillebeeckx, a oração do Pai Nosso aponta para uma relação essencial entre as invocações: “venha a nós o vosso reino” e “seja feita a vossa vontade na terra como no céu”. Assim, dizer que a vontade de Deus se realiza em nossa história, “tem a ver com a vinda do reino de Deus, sempre na dialética característica de Jesus entre o ‘hoje’ e o ‘futuro’; este último é sempre maior do que o hoje, mas o hoje estimula uma praxe ético-religiosa de acordo com o Reino de Deus.”²³

2.1.3 A justiça e o amor: sinais do Reino na superação do mal no mundo

De acordo com Kasper, na tradição do Antigo Testamento, entende-se o Reino de Deus como senhorio de Deus. Assim, dizer que o Reino se aproxima significa dizer que Deus está próximo, que Ele é o único Deus e não há outro além dele (Ex 20,2-3). Seguindo ainda seu raciocínio, a ideia de proximidade do Reino, contida na mensagem de Jesus, consiste na

²² SOBRINO, 1978, p. 363.

²³ SCHILLEBEECKX, 2008, p. 147.

“soberania do amor”. Assim, a chegada do senhorio de Deus, entendida no AT, equivale à chegada do “senhorio do amor.”²⁴ Em Jesus, o amor de Deus abraça os que se encontram perdidos, inclusive devolvendo a vida ao que estava morto (Lc 15,24). Kasper afirma ainda que:

No amor, o Reino é dado (Mt 21,34; Lc 12,32) e deixado como herança (Lc 22,29). [...] A mensagem de Jesus sobre o Reino de Deus que vem no amor significa que o mais profundo fundamento e sentido de toda a realidade se torna objetividade de um modo novo e distinto, que agora se decide historicamente e de modo definitivo sobre o sentido da realidade. Com a chegada do Reino de Deus, o mundo chega à salvação.²⁵

O anúncio de Jesus não veio acompanhado de ameaça, mas de alegria. Jesus comunica alento aos que sofrem. Concordamos com Schillebeeckx que afirma que “o poder da bondade, como se manifestou em Jesus, livra o ser humano de todos os maus-tratos satânicos.”²⁶ Sua ação no meio dos marginalizados dignifica a vida, levanta os caídos que, por sua vez, se alegram por verem reestabelecida sua dignidade perdida e voltarem às relações sociais das quais, antes, estavam privados. Em Jesus, afirma Kasper, “o tempo de salvação se manifesta, realiza e atualiza agora”²⁷; ele se dá na nas ações em favor do reestabelecimento da vida que estava perdida. Não se pode esperar para libertar uma vida da opressão. Para Jesus, a libertação dos poderes do mal é urgente (Lc 13,15-16). Nas suas ações salvíficas, manifesta-se o Reino de Deus; os que se encontram perdidos voltam à vida (Lc 15,32), são reintegrados ao convívio social. O amor misericordioso de Deus, que ama e perdoa, provoca alegria. É esse amor que vence o mal no mundo, dignifica e acolhe a todos. É através desse amor que, de acordo com Kasper, se manifesta o Reino de Deus.

Experimentar o amor de Deus significa sentir-se absolutamente aceito, reconhecido e amado infinitamente e que a pessoa pode e deve aceitar-se a si mesma e ao outro. Salvação é alegria por Deus, que se traduz em alegria por causa do próximo e com o próximo. [...] Rompe o círculo de violência e vingança. [...] Em nossas comunidades, temos de nos sintonizar com a alegria de Deus sobre a volta dos pecadores (Lc 7,36-47; 15,11-32; 19,1-10). O amor de Deus que tudo supera se traduz na aceitação do homem pelo homem, na superação dos preconceitos e obstáculos sociais, numa comunicação nova, espontânea entre os homens, na cordialidade fraternal, na comunhão do sofrimento e da alegria. [...] O amor é a alma da justiça.²⁸

Sobrino também afirma que o reinado de Deus se torna real, antes de tudo, no ideal de justiça. “O Reino é dom de Deus dado a nós, mas se converte também em tarefa de um povo.

²⁴ KASPER, 1978, p. 96.

²⁵ KASPER, 1978, p. 102.

²⁶ SCHILLEBEECKX, 2008, p. 178.

²⁷ KASPER, 1978, p. 105.

²⁸ KASPER, 1978, p. 106.

É muito importante ter presente isso, ao pensar hoje na missão da Igreja.”²⁹ Jesus vai ao encontro dos rejeitados, das vítimas da exclusão, compadece-se delas, estende-lhes as mãos e as levanta, libertando-as dos seus sofrimentos. A ação de Jesus reintegra essas pessoas à Comunidade do Reino. Tudo isso se dá no amor como cumprimento de toda a justiça de Deus.

De acordo com Kasper, os apóstolos Paulo e João captaram bem a intenção da mensagem de Jesus em preferir dizer “justiça de Deus” a Reino de Deus. Deve-se entender a mensagem de Jesus sobre o Reino de Deus no horizonte de sentido da paz, da liberdade e da vida³⁰. A mensagem de Jesus sobre o Reino de Deus está sempre acompanhada de ações libertadoras. Ao anunciar “libertação aos cativos” (Lc 4,19), Ele assume essa missão, enfrentando os poderes contrários à defesa da dignidade humana. Concordamos, assim, com Schillebeeckx que “no reino, Jesus conhece apenas a abolição de todas as relações de poder que ofendem, de todo domínio repressivo de um ser humano sobre outro; é o novo reino de serviço mútuo (Mc 10,42-45).”³¹ Desse modo, o anúncio de Jesus, sempre acompanhado de gestos concretos, transforma a realidade humana, libertando-a de todo o mal que oprime e aprisiona. Para Sobrino, em Jesus, Deus manifesta seu poder contra todas as forças do mal (*Belzebu*) e outras forças malignas causadoras de opressão.

Além dessas forças demoníacas, Jesus desmascara outras forças malignas históricas, visíveis, nomináveis e beligerantes, que aparecem personificadas em grupos de poder: [...] Os fariseus com sua prepotência e hipocrisia, que lhes provêm de se acharem exemplares; os escribas, com o poder intelectual; os sumos sacerdotes, com o poder religioso e mais decisivo, o qual ia unido ao poder político (que toma decisões sobre Israel como nação), econômico (a economia girava em parte ao redor do templo), financeiro (cunhava as moedas), sociocultural (estabelecia critérios de dignidade ou indignidade dos cidadãos).³²

Todas as formas de opressão e exploração presentes na sociedade que Jesus denuncia e enfrenta são forças contrárias ao Reino. Em última análise, são ações impositivas dos homens encerrados no egoísmo e na soberba que impedem viver o amor autêntico. Esse amor, afirma Guardini, “vê no outro a dignidade de pessoa, sua característica principal é o respeito.”³³ Esse é o modo como Jesus ama e atua, é o amor com o qual o discípulo do Reino é chamado a amar o próximo e construir com ele a Comunidade do Reino. O que confessa que ama a Deus, somente concretiza esse amor amando os irmãos. “E este mandamento dele recebemos: aquele

²⁹ SOBRINO, 2006, p. 136.

³⁰ KASPER, 1978, p. 138

³¹ SCHILLEBEECKX, 2008, p. 139.

³² SOBRINO, 2006, p. 142.

³³ GUARDINI, R. *Domínio de Dios y Libertad del Hombre*. Pequeña Suma teológica. Madrid: Guadarrama, 1962. p. 69.

que ama a Deus, ame também o seu irmão” (1Jo 4,21). É condição amar o irmão para que se possa amar a Deus, “pois quem não ama seu irmão a quem vê, a Deus que não vê, não poderá amar” (1Jo 4,20). Diz-nos Agostinho, que se amamos o irmão, necessariamente, também amamos a Deus que é o próprio amor.³⁴ Esse é o amor autêntico com o qual somos chamados a amar, a construir pontes e a derrubar os muros das divisões. Esse amor se vive com testemunho e somente com testemunho se pode vencer o egoísmo dos poderosos, prepotentes e gananciosos que exercem o poder opressor que impede a proximidade do Reino de Deus. Por isso afirma o Papa Francisco em *Gaudete et Exsultate*: “quando o coração ama a Deus e ao próximo (cf. Mt 22,36-40), quando isto é a sua verdadeira intenção e não palavras vazias, então, esse coração é puro e pode ver a Deus. [...] À medida que reinar verdadeiramente o amor, tornar-nos-emos capazes de vê-lo ‘face a face’ (1 Cor 13,12)” (*GE*, n. 86).

2.1.4 A misericórdia que brota do amor de Deus: uma fonte que deve jorrar na Comunidade do Reino

O Papa Francisco, nos seus pronunciamentos, encíclicas e exortações apostólicas convoca a Igreja a ser misericordiosa, conforme a visão evangélica do bom samaritano.³⁵ A Igreja se torna verdadeiramente expressão da Comunidade do Reino quando pratica e encarna a Boa Notícia que anuncia. O anúncio da Igreja deve ser a Boa Nova de Jesus Cristo, manifestação da misericórdia divina. A misericórdia expressa o rosto de Deus no Evangelho, e uma Igreja que não manifeste em sua missão a atitude misericordiosa em face da indiferença, enfrentando as muitas formas de injustiças e opressões, não pode ser a Igreja do Reino de Deus. O Reino de Deus irrompe, afirma Kasper, “contra os poderes que destroem a vida dos seres humanos.”³⁶ Assim, para ser Igreja do Reino, a ação da Igreja deve ser fiel à mensagem de Jesus Cristo. Sobrino nos certifica que:

No período profético, do qual obtém Jesus as categorias para compreender o que é o reino de Deus, existe uma resposta à pergunta sobre o que realmente ocorre quando Deus reina. Deus é definitivamente um Deus amoroso, não é condenação, mas amor (Os 11,1; 2,18; Is 66,13; 49,15; Jr 31,33). [...] Não é somente a declaração intimista de que o último sentido da realidade consiste no amor, mas a declaração de uma realidade de acordo com o amor de Deus.³⁷

³⁴ SANTO AGOSTINO. *Comentário da primeira Epístola de São João*. São Paulo: Edições Paulinas, 1989. p. 194.

³⁵ BORGHESI, Massimo. O pensamento de Jorge Mario Bergoglio. Os desafios da Igreja no mundo contemporâneo. *Cadernos de Teologia Pública*, São Leopoldo, v. 15, n. 132, p. 7, 2018.

³⁶ KASPER, 2015. p. 87.

³⁷ SOBRINO, 1978, p. 352.

O mandamento do amor não era uma novidade para os que conheciam a Torá. Jesus, contudo, vai além e apresenta algo que surpreende seus ouvintes: Ele comunica a misericórdia divina para todos. Segundo Kasper, “Jesus abre o acesso a Deus, não só a uns quantos justos, mas a todos; no Reino de Deus, há lugar para todos, ninguém é excluído.”³⁸ Na lógica do Reino de Deus, o homem que se crê justo e, precisamente, pelo fato de se achar como tal, vê-se no direito de julgar os que não pensam como ele, indignos da misericórdia de Deus, não compreendeu o que significa “misericórdia quero, e não o sacrifício” (Mt 9,13).³⁹ O amor misericordioso de Deus é amor do Pai que ama a todos os filhos sem reservas. O critério do amor de Deus é a dignidade filial⁴⁰, por isso mesmo não faz acepção de pessoas. No seu Reino, ninguém pode ficar de fora. Por mais que um filho se tenha extraviado do caminho e andado errante, o Pai sempre espera sua volta (Lc 15,11-32). Deus quer comunicar seu amor misericordioso e salvador a todos. Assim, a Comunidade do Reino deve ser uma comunidade guiada pelo amor divino que não permite divisões entre as pessoas, mas se preocupa com o bem de todos.

A justiça divina revelada em Jesus Cristo, segundo Kasper, “não é uma justiça condenadora e castigadora, mas uma justiça que justifica, que nos faz justos apesar de nossos deméritos.”⁴¹ A justiça de Deus é misericordiosa, é a resposta do amor de Deus ao ser humano. “Crer no amor de Deus significa acreditar na sua misericórdia” (DM, n.17). O amor que se torna concreto nos gestos de misericórdia, fundamental na vida do cristão, deve ser o núcleo da Comunidade do Reino. Amar o próximo⁴² incide em sermos misericordiosos com ele como nosso Pai é misericordioso com todos (Lc 6,36) e essa misericórdia concretiza-se nos gestos e ações do discípulo do Reino. “Não existe amor a Deus sem amor ao próximo”⁴³, afirma Kasper. Independentemente do lugar ou religião onde cada um se encontra, a resposta do ser humano ao amor de Deus é real quando se concretiza nas relações humanas. Sobrino, ao referir-se à parábola do bom samaritano, afirma:

³⁸ KASPER, 2015, p. 88.

³⁹ Jesus recorre ao profeta Oseias (Os 6,6) para mostrar aos fariseus que a prática rigorosa dos preceitos simplesmente com atos aparentes para serem vistos, mas sem manifestar o verdadeiro amor a Deus que vem do mais íntimo da pessoa, de nada adianta. Esse amor se manifesta na prática da misericórdia e não nos sacrifícios externos.

⁴⁰ KASPER, 2015, p. 92.

⁴¹ KASPER, 2015, p. 102.

⁴² “Esta é a intuição profunda de João quando, sabendo-se amado por Deus, deduz a exigência do amor ao próximo: ‘Se Deus nos amou desta maneira, também nós devemos amar-nos uns aos outros’ (1Jo 4,11). E essa é também a intuição de Lucas quando afirma: ‘sede misericordiosos como vosso Pai é misericordioso (Lc 6,36)’ (SOBRINO, 1978, p. 361).

⁴³ KASPER, 2015, p. 168.

A parábola do bom samaritano ilustra que o verdadeiro amor se mede pela objetividade do que se faz e não pela intenção ou qualificação a priori de quem o faz. O desprezado samaritano vive o amor que corresponde à proximidade do reino. E entende o lugar da práxis do amor. Diferentemente do sacerdote e do levita, que dão a volta para não se encontrar com o necessitado (Lc 10,31.32), o samaritano se aproximou dele (v. 34). E, dessa forma, faz-se próximo do ferido, e não o contrário, como faz notar Jesus (vv. 29.36). Desta maneira “próximo... não é aquele que eu encontro no caminho, mas aquele em cujo caminho eu me coloco.”⁴⁴ O Reino de Deus se aproxima quando os homens buscam ativamente o amor eficaz que transforme este mundo segundo o ideal do reino que virá.⁴⁵

O amor ao próximo de que nos fala Jesus, já presente no AT, contudo, estendido a todos os povos no NT, é um amor que se deve fazer sentir na realidade concreta da vida, consistindo mais em obras que em palavras (EE 230).⁴⁶ Mesmo que todas as coisas passem, ao final, só o amor permanecerá (1Cor 13,13). Desse modo concebe também Kasper, ao afirmar que, “se o amor permanece, também permanecem suas obras; elas são a única coisa que nos fica para o juízo escatológico, a única coisa que, por assim dizer, poderemos apresentar quando chegar o dia.”⁴⁷ Toda comunidade cristã deve testemunhar o amor misericordioso de Deus no mundo. A Igreja, nos mostra Kasper, “enquanto Corpo de Cristo é sacramento permanente e eficaz da presença de Cristo no mundo e, por último, sacramento de misericórdia.”⁴⁸ Cada cristão como membro da Igreja, Corpo de Cristo, é fiel ao amor misericordioso de Deus somente quando o manifesta nas relações de proximidade que humanizam a vida da comunidade.⁴⁹ É com esse amor que se faz possível o Reino de Deus e continua fazendo-se próximo, pois a esperança, fundada no amor, não morre. Assim, concluímos com Sobrino que “Deus é absoluto somente enquanto se realiza neste mundo sua realidade de ser amor. Aqui nos parece que está o núcleo teológico do que significa a proximidade do reino de Deus.”⁵⁰

2.2 O Reino de Deus anunciado por meio das parábolas

A mensagem de Jesus incomodava vários grupos e suas ações tornaram-se afronta para os “sábios e inteligentes” que detinham o poder de interpretar as Escrituras. Por isso, caiu no descrédito desses homens. Juntava-se a isso o fato de Jesus aproximar-se dos publicanos, (Lc

⁴⁴ Sobrino faz referência a (GUTIÉRREZ, G. *Teología de la liberación: Perspectivas*. Lima: CEP, 1971. p. 245)

⁴⁵ SOBRINO, 1978, p. 360.

⁴⁶ SANTO INÁCIO DE LOYOLA. *Exercícios Espirituais*. São Paulo: Loyola, 2000. p. 91.

⁴⁷ KASPER, 2015, p. 170.

⁴⁸ KASPER, 2015, p. 193.

⁴⁹ KASPER 2015, p. 239.

⁵⁰ SOBRINO, 1978, p. 361.

19,1-10) das prostitutas (Lc 7,36-50), dos cobradores de impostos (Mt 9,9), enfim, de todas as classes de pecadores desprezados (Mt 9,10-13; Lc 5,29-32). Nesse contexto, nos mostra Kasper, “Jesus começa a falar do Reino de Deus em parábola.”⁵¹ As parábolas não oferecem uma resposta pronta para os ouvintes; elas falam de coisas presentes no cotidiano do povo. Assim, o ouvinte pode compreendê-las, julgando seu próprio comportamento, a partir de sua realidade, confrontando-a com a Palavra de Deus. A parábola é uma forma de falar do Reino de Deus como uma realidade oculta que deve ser descoberta. Está nas entrelinhas da mensagem de Jesus. É como o tesouro escondido no campo (Mt 13,46). Feliz aquele que o encontra! “Não é meta supratemporal de um esforço ético, mas sucede e acontece aqui e hoje,”⁵² conclui Kasper. O Reino de Deus está na realidade em que vivemos.

O discurso parabólico foi a forma preferida de Jesus para anunciar o Reino de Deus. Marcos afirma que “nada lhes falava a não ser em parábolas” (Mc 4,34a). O termo é utilizado 50 vezes nos evangelhos sinóticos, sendo 14 vezes por Marcos, 17 vezes por Mateus e 19 vezes por Lucas. Wegner mostra que “com o termo ‘parábolas’ costuma-se designar um grupo de narrativas que a pesquisa diferencia como parábolas propriamente ditas, narrativas parabólicas, narrativas de exemplos, alegorias e ações parabólicas.”⁵³ Cada grupo dessas narrativas contém fórmulas variáveis de acordo com a finalidade da narrativa. Independentemente da definição a que se chega com o termo “parábola”, o fato é que as narrativas estão associadas ao modo como Jesus fala do Reino de Deus. Moschner afirma que, entre as diversas formas que Jesus utilizou para expressar a ideia do Reino de Deus, as parábolas foram a que melhor possibilitou a compreensão de proximidade desse Reino.

Não há conceitos capazes de esboçar a grandeza do reino. O único meio é a nossa própria existência, tal como se apresenta aos nossos sentidos e tal como cada um a vive. De tais meios se serviu Jesus para tornar visível o seu reino, utilizando maquinalmente as coisas deste mundo para inculcar o conceito do seu reino. ‘*Quem tem ouvidos para ouvir, que ouça*’ (Mt 13,9). Há de guiar-se por Cristo, que marca rotas e traça ideais, sem parar nas imagens por Ele expostas, não obstante a sua beleza e os seus atrativos; há de avançar-se até ao ponto em que ‘já não se vê, mas crê ser’ (Jo, 20,29). É por meio da fé que se disfruta da felicidade do reino.⁵⁴

Muitos autores estão de acordo que não há conceito que defina com precisão a grandeza do Reino de Deus. Talvez porque essa grandeza esteja no pequeno, nas coisas simples do

⁵¹ KASPER, 1978, p. 91.

⁵² KASPER, 1978, p. 92.

⁵³ WEGNER, U. *Exegese do Novo Testamento: manual de metodologia*. 8. Ed. São Leopoldo: Sinodal, 2016. p. 251-259.

⁵⁴ MOSCHNER, F. M. *As parábolas do Reino*. Lisboa: Aster, 1960. p. 34.

cotidiano a ser descoberta pelo destinatário da mensagem de Jesus. Moschner firma ainda que “o Reino desfila com todas as suas relações e possibilidades na abundância das imagens em que se desenrolam as parábolas.”⁵⁵ Quem sabe seja esse o motivo de Jesus recorrer com tanta frequência a este gênero literário. Através das parábolas, Jesus quer mostrar o modo como o Reino de Deus acontece e este é o modo de proceder de Jesus. A parábola questiona o ouvinte, levando-o a confrontar-se com a novidade do Reino, a abrir-se à proposta de vida oferecida por Jesus, a refletir sobre sua vida e a mudar seu modo de pensar e de agir. As parábolas levam o ouvinte a uma reflexão pessoal necessária para compreender a proposta de vida oferecida por Jesus e descobrir em que consiste esse Reino, como mostra Moschner.

Quem tem ouvidos para ouvir, que ouça”. Eis a frase que figura no fim de várias parábolas. Mas, para ouvir, é preciso fazê-lo reta e devidamente, refletindo, pedindo, perguntando o que se ouve. As parábolas têm qualquer coisa de revelador e também de oculto e misterioso. O ouvinte fica no exterior da parábola, ou chega ao seu íntimo significado, segundo a sua disposição de espírito.⁵⁶

Os exemplos e as comparações parabólicas carregam o tema fundamental do Reino de Deus na pessoa e na ação de Jesus. Os que escutam a mensagem de Jesus e, com atenção, refletem o sentido de suas parábolas, descobrem a riqueza dos mistérios do Reino de Deus revelado em Jesus. É nesse sentido que o Reino de Deus é uma realidade oculta e, por isso, Jesus fala dessa realidade em parábolas, de modo que reconhecerão o Reino aqueles que acolhem a mensagem de Jesus no coração e o identificam como personificação do Reino de Deus. Somente quem internaliza esse mistério é capaz de tornar-se um discípulo do Reino. A pessoa, em cuja consciência Jesus despertou a sensibilidade para a realidade do Reino, é capaz de viver com fidelidade a Palavra de Deus.

A partir dos tópicos expostos até aqui, temos uma compreensão básica do sentido do Reino de Deus. Contudo, nos perguntamos como Kasper: “porém, onde está o reino de Deus? Onde se realiza? Conforme a própria palavra de Jesus, não se pode apontar o dedo e dizer: ‘está aqui ou está ali!’. Em vez disso, encontra-se incompreensível no meio de vós (Lc 17,21).”⁵⁷ O Reino de Deus se manifesta onde as pessoas permitirem que o amor de Deus seja a expressão do relacionamento entre elas. Concordamos com Kasper que “buscar o Reino de Deus não significa buscar um espaço em que se possa nele entrar, é uma transformação do proceder

⁵⁵ MOSCHNER, 1960, p. 35.

⁵⁶ MOSCHNER, 1960, p. 36.

⁵⁷ KASPER, 1978, p. 122.

humano.”⁵⁸ O tempo do Reino é agora e exige opção por parte do discípulo. Nosso proceder em concordância com os apelos de Jesus é a antecipação escatológica do Reino de Deus. Concluimos com Kasper que “a *Basileia* é o poder a que pertence o futuro, que exige agora a decidir-se e que nesse sentido está atuando no presente. [...] O futuro de Deus é salvação para quem sabe tomar o agora como presente de Deus e como a hora da salvação.”⁵⁹

2.2.1 Reino de Deus e Igreja

Em nossas catequeses, sempre nos ensinaram a obediência à Igreja, e, muitas vezes, dizer que uma pessoa não tinha religião, entendia-se que ela não pertencia a nenhuma Igreja, pois no entender do povo, em geral, religião era sinônimo de Igreja. Ensinavam-se os mandamentos bíblicos, mas não bastava. Era preciso ensinar, também, os mandamentos da Igreja. Com a propagação de muitas igrejas cristãs, as questões em torno à fé geraram debates, disputas que, muitas vezes, se tornaram apologias de uma ou de outra igreja. Para muitos cristãos, a defesa da fé significa a defesa de sua igreja. Deixa-se de lado, contudo, o cerne da mensagem de Jesus acerca do Reinado de Deus. Jesus anunciou o Reino de Deus!

A expressão “Reino de Deus” aparece cerca de 67 vezes no Novo Testamento, sendo 4 vezes em Mateus⁶⁰; 14 vezes em Marcos⁶¹; 32 vezes em Lucas⁶²; 2 vezes em João⁶³; 6 vezes nos Atos dos Apóstolos⁶⁴; uma vez em Romanos⁶⁵; 4 vezes na Primeira Carta aos Coríntios⁶⁶; uma vez em Gálatas⁶⁷; uma vez em Colossenses⁶⁸; uma vez na Segunda Carta aos Tessalonicenses⁶⁹ e uma vez no Apocalipse⁷⁰. Em Mateus, todavia, a expressão mais comum é

⁵⁸ SEGUNDO, 1991, p. 166.

⁵⁹ KASPER, 1978, p. 94.

⁶⁰ Mt 12,28; 19,24; 21,31.43.

⁶¹ Mc 1,15; 4,11.26.30; 9,1.47; 10,14.15.23.24.25; 12,34; 14,25; 15,43.

⁶² Lc 4,43; 6,20; 7,28; 8,1.10; 9,2.11.27.60.62; 10,9.11; 11,20; 13,18.20.28.29; 14,15; 16,16; 17,20a.20b.21; 18,16.17.24.25.29; 19,11; 21,31; 22,16.18; 23,51.

⁶³ Jo 3,3.5.

⁶⁴ At 1,3; 8,12; 14,22; 19,8; 28,23.31.

⁶⁵ Rm 14,17.

⁶⁶ 1 Cor 4,20; 6,9; 6,10; 15,50.

⁶⁷ Gl 5,21.

⁶⁸ Cl 4,11.

⁶⁹ 2Ts 1,15.

⁷⁰ Ap 12,10.

Reino dos Céus⁷¹, encontrada 31 vezes nesse Evangelho⁷². Além dessas duas expressões mais recorrentes no Novo Testamento, aparecem, ainda, outras referindo-se ao Reino. Em Mateus, a expressão “Evangelho do Reino”, recorre 3 vezes⁷³; “o Reino” ou realza aparece 11 vezes em todo o NT⁷⁴; “Reino de Cristo⁷⁵ consta 15 vezes e, por fim, “o Reino do Pai”⁷⁶, 7 vezes. Há, ainda, várias passagens em que a palavra aparece referindo-se a reino terreno ou reino de Satanás, cujo contexto bíblico sugere oposição ao Reino de Deus.

É significativa a quantidade de vezes em que aparece no Novo Testamento a expressão “Reino de Deus”, sobretudo nos Evangelhos, considerando que os evangelistas colocam a expressão na própria boca de Jesus, o que nos faz ver que Ele proclamou o Reinado de Deus sobre a Terra. Jesus não anunciou a proximidade da Igreja, mas a do Reino de Deus. O termo Igreja aparece apenas duas vezes nos Evangelhos, sendo as duas em Mateus. A primeira indica assembleia, a comunidade dos eleitos (*Ekklesia*)⁷⁷: “também eu te digo que tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja, e as portas do Hades nunca prevalecerão sobre ela” (Mt 16,18). A segunda vez constitui-se na assembleia dos irmãos (*Ekklesia*)⁷⁸: “caso não lhes der ouvido, dize-o à Igreja. Se nem mesmo à Igreja der ouvido, trata-o como gentio ou o publicano” (Mt 18,17). Várias outras vezes, o termo Igreja aparecerá em outros livros do Novo Testamento, sobretudo nas cartas de Paulo. Contudo, essas cartas são dirigidas já às assembleias de irmãos, isto é, às Igrejas formadas por meio do anúncio do Evangelho de Cristo. Vemos em Blanchard que “o período evangélico e o tempo da Igreja não são fundamentalmente distintos; é sempre o mesmo Senhor que se manifesta. De igual modo, para o Reino de Deus não conta o presente ou o futuro: o que importa é a certeza de que o Reino a que somos chamados é real.”⁷⁹

⁷¹ “Raramente Mateus utiliza ‘Reino’ (ou Reinado) de Deus’ (*Basileia tou Theou*). Essa expressão se encontra somente quatro vezes em seu texto (Mt 12,28; 19,24; 21,31.43). Ordinariamente fala de ‘Reino’ (ou Reinado) dos Céus’ (*Basileia tôn Ouranôn*). Geralmente se atribui este costume literário ao ambiente impregnado de judaísmo a que pertence o redator e para quem escreve: evita-se pelo respeito de pronunciar o nome divino. As poucas passagens nas quais se conservou a expressão tradicional ‘Reino (ou Reinado) de Deus’ estariam mais próximas das fontes do evangelista que, por razões difíceis de precisar, havia reproduzido, então, de forma mais servil. Porque, provavelmente, não há nenhuma diferença de sentido entre as duas expressões, apesar da opinião de alguns biblistas pensarem que era possível assinalar alguns matizes diferentes entre elas”. (BLANCHARD, Yves-Marie. *et al. Evangelio y Reino de Dios*. Navarra: Verbo Divino. 1995. p. 33). Todas as citações referentes a esta publicação são traduções nossa.

⁷² Mt 3,2; 4,17; 5,3.10.19a.19b.20; 7,21; 8,11; 11, 11.12; 13,11.24.31.33.44.45.47.52; 16,19; 18,1.3.4.23; 19,12.14.23; 20,1; 22,2; 23,13; 25,1.

⁷³ Mt 4,23; 9,35; 24,14.

⁷⁴ Mt 8,12; 13,19.38; 25,34; Mc 11,10; Lc 12,32; At 1,6; 20,25; 1Cor 15,24; Tg 2,5; Ap 1,9.

⁷⁵ Mt 13,41; 16,28; 20,21; Lc 1,33; 22,30; 23,42; Jo 18,36 (três vezes); Cl 1,13; 2Tm 4,1.18; Hb 1,8; 2Pd 1,11; Ap 11,15.

⁷⁶ Mt 6,10.33; 13,43; 26,29; Lc 11,2; 12,31; 1Ts 2,12.

⁷⁷ BJ, 2010, p.1733, nota “i” a Mt 16, 18.

⁷⁸ BJ, 2010, p.1737, nota “b” a Mt 18, 17.

⁷⁹ BLANCHARD, *et al*, 1995, p. 43.

A Igreja nasce do anúncio da Boa Notícia do Reino. Ela não é o Reino, mas deve ser testemunha do Reino de Deus, isto é, os sinais do Reino devem estar presentes na assembleia dos irmãos. Deus será soberano na Igreja quando ela testemunhar seu amor seguindo os ensinamentos de Cristo. Concordamos com Pannenberg que “toda igreja cristã que quer permanecer fiel à mensagem de Jesus deve compreender-se como comunidade em relação com o Reino de Deus anunciado por Jesus.”⁸⁰ Desse modo, a Igreja deve anunciar o Reino de Deus, não a si própria.⁸¹ Ela deve compreender-se portadora da Boa Nova do Reino, como nos apresenta Blanchard:

A Igreja não pode identificar-se com o Reino de Deus; é ‘o pequeno rebanho’ ou a ‘nação’ que o recebe do Pai para ‘dar frutos’; Jesus confia a Pedro as ‘chaves’ para que o abra aos homens (Lc 12, 32; Mt 21, 43). Jesus pregava o Reino, não a Igreja. Todavia, os discípulos, ao reunirem-se novamente depois da Páscoa, convertem-se em Igreja, acreditando não somente em Deus, mas também Naquele ‘que nos amou e se entregou por nós’, tampouco pregavam a Igreja. Pregavam a Jesus Cristo e, sobre essa nova base, o Evangelho do Reino. (Se este Reino esteve um momento concentrado em Jesus, em sua paixão e ressurreição, está feito para reunir os homens em um povo de Deus fraternal e para orientar, sustentar, corrigir sua esperança em um mundo mais humano e mais digno de Deus.⁸²

A Igreja, portanto, deve estar em profunda relação com o Reino de Deus e, no seu seio, manifestar o amor e a fidelidade a Cristo. O Reino de Deus, afirma Pannenberg, “é maior que a Igreja e esta tem sua função específica e sua importância, somente se ordenada ao Reino de Deus.”⁸³ A Igreja sempre considerou importante a doutrina da fé para manter sua unidade, contudo, se ela deixar de viver sua vocação de Igreja do Reino, estaria perdendo a essência da Comunidade do Reino desejada por Jesus. Trigo mostra-nos o foco do magistério do Papa Francisco através do discurso do próprio Pontífice que diz:

Se não seguirmos esse caminho (da Graça), estamos no Concílio de Trento, que foi uma reforma necessária, mas fundamentalmente disciplinar: tudo estava prescrito sob penas severíssimas. Os costumes realmente foram mudados, mas à custa da liberdade e, portanto, do Espírito. A lei sai ganhando. Foi conservada com boa vontade, mas a longo prazo, ou melhor, no curto prazo, logo se caiu no farisaísmo cristão: a relação com Deus, que em princípio era o mais importante, objetivou-se tanto, que o cumprimento do que estava prescrito, que se propunha como vontade de Deus, findou por substituir a relação personalizada com ele. (Entrevista com o Papa em 19 de agosto

⁸⁰ PANNENBERG, 1974, p. 42.

⁸¹ “A igreja não pode ser autorreferencial, não pode estar autocentrada. Ela está a serviço do Reino de Deus, por isso, precisa ser, antes de mais nada, Igreja de Deus e de Jesus de Nazaré; convencer-se de que é a lua que reflete a luz do sol, e não se julgar estrela que tem luz própria. E tem de saber que essa luz de Cristo não é para ela, mas para a vida do mundo”. (TRIGO, P. *Papa Francisco: Expressão atualizada do concílio Vaticano II*. São Paulo: Paulinas, 2019. p. 169).

⁸² BLANCHARD, *et al*, 1995, p. 65.

⁸³ PANNENBERG, 1974, p. 43.

de 2013). E com a lei, a instituição levou vantagem, tanto que, de fato, substitui a igreja. Se, por milagre de Deus, o Papa, seguindo este caminho, conseguisse uma cúria exemplar, a igreja sairia perdendo, porque se fortaleceria a cúria e, em última análise, a instituição eclesiástica, e não é isso o que deve ser feito.⁸⁴

Os tempos atuais interpelam a Igreja a voltar às raízes das primeiras comunidades cristãs, cuja essência era o anúncio do Reino de Deus. O Papa Francisco, em seu pontificado, aposta nesse caminho. Para ele, a Igreja deve abrir-se à graça e ao amor compassivo e misericordioso de Deus que busca unir e não aceita divisões. Na Igreja, há um grande número de fiéis que se apegam ao doutrinal; não internalizaram a mensagem do Reino e provocam a cizânia na Igreja, considerando-se os puros na fé. Esse comportamento configura-se como um farisaísmo – o de ontem, de hoje e de sempre –, resistindo converter-se à Boa Nova do Reino de Deus. Francisco afirma, em *Gaudete et exultate*, que “concebem uma mente sem encarnação, incapaz de tocar a carne sofredora de Cristo nos outros, engessada em uma enciclopédia de abstrações. Ao desencarnar o mistério, em última análise, preferem um Deus sem Cristo, um Cristo sem Igreja, uma Igreja sem povo” (GE, n. 37). Para que a Igreja seja, de fato, Comunidade do Reino, é necessária muita conversão (*metanóia*) ao Evangelho de Cristo. Ao comentar *Evangelii Gaudium*, Scannone nos diz:

A lógica do Evangelho é a da graça e do amor compassivo de Deus que busca não separar, mas voltar a integrar. Com esse desígnio e numa atitude de misericórdia, o Pontífice desmascara as tentações “sob a espécie de bem”, “os eticísmos sem bondade” (EG, n. 231) e “os intelectualismos sem sabedoria” (ibid.), pois, sob a aparência do cumprimento de normas abstratamente universais, deixam transparecer uma dureza de coração que pisoteia o evangelho da misericórdia.⁸⁵

A Igreja atual enfrenta certa crise de unidade. O grande desafio é o de unir seus fiéis em torno da mesa da partilha, da unidade, na qual Jesus se doa a cada um. O magistério de Francisco empenha-se em promover a unidade dos cristãos. Dentro da própria Igreja Católica, muitos brigam entre si para defender os princípios religiosos que lhes convêm, esquecendo, porém, a essência da vida cristã contida na mensagem do Reino anunciado por Jesus. Para além disso, muitos cristãos têm abandonado suas igrejas em busca de outro ideal que responda aos anseios de uma vida pautada no respeito, na compreensão, no amor ao próximo. A ausência de atitude acolhedora e compreensiva em nossas comunidades cristãs tem favorecido sobremaneira esse fenômeno. Para Pannenberg, “uma reestruturação configuradora de uma nova vida eclesial pode

⁸⁴ TRIGO, 2019, p. 140-141.

⁸⁵ SCANNONE, J. C. A ética social do Papa Francisco: O Evangelho da misericórdia segundo o espírito de discernimento. *Cadernos de Teologia Pública*. São Leopoldo, v. 15, n. 135, p. 16, 2018.

proceder só de uma nova reflexão sobre o centro do que vive a Igreja, isto é, sobre Jesus Cristo e sua mensagem sobre o Reino de Deus.”⁸⁶

2.2.2 O Projeto de Vida das primeiras Comunidades do Reino

Os Evangelhos nos dão conta de que Jesus reuniu em torno de si um grupo de discípulos para continuar a propagação da Boa Nova do Reino de Deus. Relatos contidos nos Atos dos Apóstolos ilustram a vivência da fé das primeiras comunidades formadas pelos discípulos de Jesus. A comunidade de fé congregada em torno de Jesus, como nos mostra Colavecchio, se expandirá como “presença visível do Reino de Deus na qual os relacionamentos se pautem pelas atitudes de Jesus – de humildade, de doação, de serviço e, de maneira especial, de partilha dos bens materiais! Isso exige muita conversão!”.⁸⁷

Poderíamos supor que a proximidade de Jesus com o grupo dos discípulos por Ele escolhidos lhes proporcionaria maior adesão ao seu projeto e, por isso, abraçariam com fervor a causa do Reino. Conseqüentemente, os primeiros cristãos que estiveram mais próximos dos discípulos estariam mais próximos do ideal do Reino e, assim, viveriam o fervor daqueles inícios em que a Boa Nova contagiava a todos. Entretanto, não é a proximidade física ou temporal com Jesus a causa da identificação com o Reino de Deus, mas o conhecimento interno de sua pessoa, o encontro com o ressuscitado, o acolhimento do dom da vida de Jesus “que passou pelo mundo fazendo o bem”, que permitirá ao discípulo do Reino identificar-se com a causa do Mestre. O testemunho evangélico de um grupo religioso, mais do que reunir-se para celebrar e orar, precisa ir além; deve haver fraternidade, acolhida⁸⁸, zelo pelo coletivo, de modo que entre seus membros, ninguém esteja privado do necessário à vida e nem submetido a qualquer forma de exclusão. Na Comunidade do Reino, a vida e os dons de cada um devem ser partilhados entre todos. A respeito dessa partilha, Gourgues afirma:

Há motivo para que se veja nessa partilha a expressão ou a transcrição exterior da união espiritual dos fiéis, que os cinco primeiros capítulos dos Atos acentuam à vontade. Isso se nota claramente, sobretudo, no segundo sumário que, ao começar a falar do pôr em comum os bens, chama a atenção para o fato de que “a multidão dos fiéis era um só coração e uma só alma” (4,32). A comunhão na fé parece chegar naturalmente à comunhão dos bens. Ou, se preferirmos, a relação vertical de abertura a Deus leva à relação horizontal de solidariedade e partilha. A fé constitui, pois, o

⁸⁶ PANNENBERG, 1974, p. 45.

⁸⁷ COLAVECCHIO, 2013, p. 12

⁸⁸ GOURGUES, M. *Atos 1-12: Missão e comunidade*. São Paulo: Paulinas, 1990. p. 14.

fundamento da unidade comunitária, que se realiza em dois níveis: da união dos espíritos e do pôr os bens em comum.⁸⁹

Para Codina, podemos ver na Igreja primitiva uma comunidade pluralista e viva. Ante os conflitos do mundo, ela oferece uma alternativa de vida – o projeto do Reino de Deus – que atraía muitos seguidores. “O núcleo desta comunidade é a dimensão de comunhão (*Koinonia*) com o Senhor e com os irmãos, com especial sensibilidade para com os pobres.”⁹⁰ Mesmo concebendo-se que a mensagem dos Atos seja uma descrição simbólica e utópica do Reino de Deus⁹¹, é vocação da Igreja viver a comunhão, empenhar-se na realização “do plano original de fraternidade, de direito e justiça para com os pobres”⁹² e marginalizados. A Igreja cumpre sua missão quando, inserida na realidade que a rodeia, constrói uma sociedade melhor, onde Deus possa reinar. Concluimos com Schillebeeckx que:

O mundo procurado, o mundo melhor, totalmente diverso - o reino de Deus como soberania divina pela força do amor, visando ao bem da humanidade - não é algo vago e indeterminado: foi historicamente concretizado na praxe da vida de Jesus, que por isso, para os que nele confiam, não é apenas inspiração e incentivo, mas dá também pelo seu próprio conteúdo, além de puro pragmatismo, uma orientação bem determinada a seu agir no mundo.⁹³

2.2.3 A *Koinonia*⁹⁴ na vida da comunidade

É bastante conhecida a perícopes do livro dos Atos dos Apóstolos⁹⁵ que narra o modo de viver das primeiras comunidades cristãs. A comunidade formada pelos que tinham abraçado a fé se mostrava assídua aos ensinamentos dos Apóstolos. Eles, ao anunciarem o Cristo ressuscitado e a Boa Nova do seu Reino, ensinavam que a comunhão fraterna transformaria a

⁸⁹ GOURGUES, 1990, p. 58.

⁹⁰ CODINA, V. *Para Comprender la Eclesiología desde América Latina*. Navarra: Verbo Divino, 1990. p. 29. Todas as citações referentes a esta obra são traduções feitas por nós.

⁹¹ A dimensão utópica do Reino de Deus é apresentada por vários autores e assim concebe também Codina sobre as primeiras comunidades apresentadas nos Atos. A intenção dos Atos dos Apóstolos, de fato, não é apresentar fatos históricos, mas fazer uma catequese. Contudo, a proposta de Jesus, contida em sua mensagem, tem uma força capaz de superar a utopia e tornar presente o Reino na vida das comunidades cristãs, quando estas se identificam com a causa do Reino de Deus.

⁹² CODINA, 1990, p. 29.

⁹³ SCHILLEBEECKX, 2008, p. 148.

⁹⁴ “O termo, que não é empregado nos Atos em outro lugar, deve designar aqui a partilha dos bens materiais ou o pô-los em comum. De fato, é disso que se trata depois do primeiro sumário, em 2, 44-45, assim como no segundo, em 4, 32.34-35, onde se encontra o adjetivo *koinos*, comum. Além disso, o termo *koinonia* é usado em outras passagens do Novo Testamento em relação à partilha dos bens materiais (2Cor 8,4; 9,13; Rm 15,26; Hb 13,16)” (GOURGUES, 1990, p. 55).

⁹⁵ At 2,42-47.

vida dos batizados se chegasse ao coração de cada um. Assim, os convertidos “reuniam-se e punham tudo em comum: vendiam suas propriedades e bens, e dividiam-nos entre todos, segundo as necessidades de cada um. [...] partiam o pão pelas casas, tomando o alimento com alegria e simplicidade de coração” (At 2,44b-45.46b). Com respeito aos bens que a comunidade primitiva colocava em comum, Gourgues esclarece:

Essa expressão, sozinha, poderia dar a entender que eles nada possuíam de próprio. No entanto, 4,32 apresenta uma nuance: ‘Ninguém considerava seu o que possuía.’ [...] Deve-se entender que os fiéis continuavam a possuir, a ter propriedades; porém, considerando-as como se elas não lhes pertencessem como coisa própria, aceitavam pô-las à disposição dos outros. [...] Não irão mais longe essas passagens, sugerindo alguma coisa na linha da renúncia e do abandono a toda propriedade privada? Todavia, observando melhor, verifica-se que as ‘propriedades e os bens’ vendidos pelos fiéis em 2,45 são, mais exatamente, ‘terrenos ou casas’ em 4,34. Assim também, enquanto 2,45 faria pensar que todos agiam desse modo (o sujeito de ‘vendiam’ e de ‘dividiam’, em 2,45, continua a ser ‘todos os fiéis’ de 2,44), 4,34 esclarece que se tratava de proprietários. [...] Portanto, não está dito que todos renunciavam a qualquer rendimento, mas que aqueles que possuíam casas e terrenos vendiam-nos para ajudar os outros em suas necessidades. Esses outros necessitados deviam ser os que tinham rendas menores e insuficientes, ou até absolutamente nenhuma (como as viúvas de 6,1). As expressões ‘segundo as necessidades de cada um’ (2,45 e 4,35) e ‘não havia entre eles indigente algum’ (4,34) supõem que, sendo diferentes as necessidades, nem todos tinham rendimentos iguais e o mesmo nível de vida, e que, portanto, cada um continuava a ganhar a vida, possuir e administrar os próprios bens.⁹⁶

Conforme Gourgues, a comunidade dos cristãos vivia plenamente a união fraterna, de modo que, entre eles, todos se preocupavam com cada membro da comunidade em particular. Na vida dos que abraçaram o projeto da Comunidade do Reino, não cabia o egoísmo, a ganância, a injustiça ou a discórdia. O testemunho das comunidades cristãs convencia a outros de que aquele modo de vida valia a pena e, por isso, “gozavam da simpatia de todo o povo (At 2,47b). Assim, continua a narrativa, “o Senhor acrescentava cada dia ao número os que seriam salvos” (At 2,47c). Os capítulos seguintes dos Atos apresentam a união vivida por eles. Desses, surgiram outros discípulos para anunciar a Boa Notícia e testemunhar a vida de Jesus (At 6,1). Mesmo que se diga que o Reino seja uma utopia, há de se reconhecer que a essência da Boa Nova no seio da comunidade é a comunhão fraterna, resultante do amor de Deus experimentado pelos que chegaram ao conhecimento interno do Cristo. Para Pannenberg, “os que aceitam a mensagem do Reino participam já da comunidade atual de Deus, são já súditos de seu Reino.”⁹⁷ Na Comunidade do Reino, nenhuma pessoa, por mais pobre que seja, deve passar necessidade, nem ser desprezada. O amor fraterno multiplica os dons e coloca-os em comum.

⁹⁶ GOURGUES, 1990, p. 59-60.

⁹⁷ PANNENBERG, 1974, p. 30.

Os que abraçam a fé, identificam-se com o projeto de Jesus. Esse deve ser o projeto de vida da Comunidade do Reino, a comunidade da *koinonia*, como nos apresenta Lucas no livro dos Atos dos Apóstolos. Assim sendo, toda comunidade que internaliza e vive na prática essa proposta, torna o Reino de Deus uma realidade presente. Concordamos com Pannenberg, quando afirma:

O futuro do Reino se faz presente – não é utopia, não é espera para se viver no outro mundo. Na perspectiva de Jesus, é possível viver o Reino hoje. [...] Jesus não se contentou com o anúncio do futuro do Reino de Deus. Ele descobriu como este futuro se convertia no poder determinante do presente por meio de sua própria mensagem e história, e encontrou o sentido último desse presente no futuro de Deus, no pensamento do amor. Por isso, o amor chegou a ser, para Ele, o critério de justiça. [...] Todas as grandes palavras e fórmulas da cristologia são verdadeiras na medida em que expressam como o futuro do Reino de Deus chegou a converter-se no poder determinante do presente da vida de Jesus e, através d’Ele, na história da humanidade. No compromisso de Jesus pelo futuro do Reino de Deus, fez-se presente o Reino de Deus, e através dele é presente a todos os homens.⁹⁸

Se o amor é critério de Justiça para Jesus, esse mesmo amor deve mover a Comunidade do Reino a partilhar a vida com docilidade, alimentando a cada dia a comunhão fraterna. Nenhuma comunidade alcança esse propósito simplesmente por meio de palavras exortativas. A conversão ao Reino exige transformação, conduta de vida em conformidade com a mensagem de Cristo, como nos apresenta Konings: “as pessoas devem converter-se, mudar sua mente e voltá-la para Deus, dando fé à boa nova. É este o objetivo da ‘evangelização’: que levemos a sério a realização da vontade do Deus bom e justo e reorientemos nosso coração e nossos atos em conformidade com isso.”⁹⁹ Dito de outro modo, é necessário que a Boa Nova do Reino chegue ao mais profundo do ser humano; penetre o coração de tal forma que desperte na pessoa a alegria da descoberta do tesouro escondido e revelado em Jesus.

A dimensão da *koinonia* é tratada também por Paulo, quando escreve à comunidade de Corinto. Esta tornou-se uma comunidade fervorosa após ser evangelizada pelo apóstolo, mas enfrentava conflitos, o que levou Paulo, por meio de suas cartas, a relembrar a essência da mensagem do Evangelho de Jesus anunciado por ele. “Não desejamos que o alívio dos outros seja para vós causa de aflição, mas que haja igualdade. No presente momento, o que para vós sobeja suprirá a carência deles, a fim de que o supérfluo deles venha um dia a suprir a vossa carência. Assim haverá igualdade” (2Cor 8,13-14). Para Gourgues, essas leituras indicam que

⁹⁸ PANNENBERG, 1974, p. 53-54.

⁹⁹ KONINGS, J. *Marcos: O Evangelho do Reinado de Deus: Comentário-paráfrase*. São Paulo: Loyola, 2018. p. 18.

os membros das comunidades dos cristãos, livremente, podiam continuar tendo posses¹⁰⁰, mas quem possuía mais ajudava aos que pouco tinham para sobreviver. Podemos já notar a *koinonia* como uma característica fundamental na Comunidade do Reino.

Essa comunhão expressa o sentido profundo da eucaristia, a refeição que une os cristãos em torno de uma só mesa partilhada, cujo alimento é a própria vida de Jesus, vida manifestada nos seus encontros, nos seus gestos de cuidado, de acolhimento, de inclusão, de atenção a cada pessoa sem exceção. A comunhão da Igreja deve estar fundada na Palavra de Deus, na comunhão com a vida de Cristo que se dá na eucaristia. Cantamos em nossas celebrações eucarísticas um canto que diz: “só comunga nesta Ceia, quem comunga na vida do irmão.”¹⁰¹ De fato, a eucaristia tem efeito na vida do cristão, quando ele comunga com a vida do próximo, quando é solidário com os necessitados de sua ajuda. Isso é identificação com a vida de Cristo.¹⁰²

O modo como Lucas refere-se à eucaristia, no livro dos Atos, sugere a partilha. Faz-nos entender que a fração do pão representa a partilha da vida, de todos os outros dons que possuímos. O texto afirma que “dia após dia, unânimes, mostravam-se assíduos no Templo e partiam o pão pelas casas, tomando o alimento com alegria e simplicidade de coração” (At 2,46). A dimensão da partilha como vivência da eucaristia no cotidiano é um traço marcante na vida das primeiras comunidades cristãs e, portanto, deve ser a de toda a Igreja. Comungar da vida do Cristo exige do cristão comprometer-se com a vida do irmão de comunidade, como mostra Gourgues.

Paulo, em 1Cor 11,17-34, denuncia o comportamento de certos cristãos que participavam dessa refeição comunitária. Se esta, diz ele, mostra divisões e ausência de partilha, não merece o nome de ‘refeição do Senhor’. Certa falta de qualidade nas relações fraternas compromete a verdade da eucaristia. Em At 2,42.46, ao contrário, Lucas só tem fatos positivos para mencionar; tudo acontece na alegria decorrente da unidade e da fé comum. [...] Essa *koinonia*, em que Lucas vê um ideal, e da qual ele releva, satisfeito, exemplos na comunidade primitiva, não dará testemunho de certa atitude cristã em relação aos bens materiais? Não há aqui idealização dos pobres, nem da pobreza. Ao contrário, o que deixa Lucas maravilhado é o fato de que ‘ninguém passava necessidade’ e que ‘não havia entre eles indigente algum’. [...] É a atitude de desapego que possibilita a partilha e a abertura aos outros. O ideal é que todos tenham o necessário para viver e que os que não o têm possam contar com a solidariedade e a generosidade dos outros. Para que o consigam, eles devem estar profundamente enraizados na fé, nas motivações e na escala de novos valores que dela decorrem.¹⁰³

¹⁰⁰ GOURGUES, 1990, p. 60.

¹⁰¹ Música “Só há Lugar Nesta Mesa”, composição de José Freitas Campos.

¹⁰² SARTO, R. Os apelos do magistério do Papa Francisco para uma Igreja em comunhão com a vida dos mais vulneráveis. *Pensar-Revista Eletrônica da FAJE*. Belo Horizonte, v. 11, no. 1, p. 121, nov. 2020.

¹⁰³ GOURGUES, 1990, p. 60.

A conduta da Comunidade do Reino deve identificar-se com o modo de proceder do próprio Jesus, ser expressão do que representou sua vida para todos aqueles que recorreram a ele e acolheram sua proposta de salvação. O ambiente da comunidade fiel à causa de Jesus torna-se, assim, lugar para expressão da fé de cada indivíduo. Desta forma, se um membro da comunidade não caminha na fidelidade com o seu propósito, o testemunho dos demais deverá corrigir e edificar os que se desviarem do caminho, pois as próprias comunidades, de acordo com Gourgues, “são chamadas a dar testemunho e a completar, desse modo, o que falta ao testemunho individual.”¹⁰⁴ Para ser fiel à tradição cristã das primeiras comunidades, esse deve ser o testemunho da Igreja hoje. Assim, concluímos com Pannenberg, que “a ideia da comunidade com Cristo como centro vital da igreja nos volta a remeter de novo a que a compreensão da igreja há de orientar-se para o Reino de Deus como fim último da história da humanidade.”¹⁰⁵

2.2.4 A Igreja como Comunidade do Reino chamada a promover a acolhida e o cuidado humano

Já dissemos que, para ser sinal do Reino de Deus entre os povos, a Igreja deve ser expressão da misericórdia divina, Igreja que promova a justiça e a partilha (*koinonia*) entre todos. Nos tempos atuais, o Papa Francisco tem insistido numa Igreja em saída, com as portas abertas para acolher a todos, uma Igreja aberta ao diálogo fraterno com todos os povos e religiões e à humanização das pessoas, num mundo em que as relações têm sido cada vez mais desumanizadas. Esses apelos estão em plena sintonia com a Mensagem de Jesus e tocam o que diz respeito ao compromisso da Comunidade do Reino no seguimento de Jesus. Esse deve ser o compromisso da Igreja de Cristo, como insiste o Papa Francisco. “O testemunho como encontro indica, para o Papa, uma proximidade pessoal, afetiva, gratuita, que não exige nada, que não deseja senão a felicidade e o bem do outro.”¹⁰⁶ A Igreja, como Comunidade do Reino deve colocar-se a serviço dos pequenos do Reino e acolher a todos com amor misericordioso, como ensina a parábola do bom samaritano, que se preocupa com a dignidade da pessoa humana. O Papa Francisco reforça o caráter testemunhal da Igreja e exorta os pastores a conduzirem seus fiéis ao verdadeiro conhecimento de Jesus Cristo e de sua mensagem.

¹⁰⁴ GOURGUES, 1990, p. 15.

¹⁰⁵ PANNENBERG, 1974, p. 46-47.

¹⁰⁶ BORGHESI, 2018, p. 13.

Francisco afirma que a religião cristã não é uma ciência abstrata, mas um conhecimento existencial de Cristo, uma relação pessoal com Deus que é amor. Talvez seja necessário insistir mais na formação da fé vivida como relação, na qual se experimenta a alegria de ser amado e poder amar. À ciência abstrata, ao compêndio de verdades, contrapõe o conhecimento existencial, a relação, seja com Deus e com Jesus, seja com os demais, uma relação pessoal que acontece na vida.¹⁰⁷

O discípulo do Reino é chamado a viver uma experiência de Jesus Cristo a partir das periferias da humanidade. Isso significa entrar na realidade dos “sem voz e nem vez”¹⁰⁸ que facilmente são colocados de lado por essa sociedade. O Pontífice assegura que “se vê melhor a realidade em sua totalidade a partir da periferia do que a partir do centro. Por isso, ele olha para a Igreja e o mundo a partir de Cristo em sua *kénosis*, a partir dos pobres e excluídos, a partir das margens.”¹⁰⁹ Jesus deixava-se mover sempre pela realidade sofredora daqueles que eram colocados de lado pela sociedade e pela comunidade religiosa de sua época. Movido de compaixão, buscava reintegrar a todos ao convívio social, devolvendo-lhes a dignidade humana tão querida por Deus. Este mesmo sentimento que moveu Jesus a compadecer-se da humanidade sofrida é o que deve mover, hoje, cada cristão como membro da Comunidade do Reino ao cuidado com a vida do próximo, para que a humanidade do outro não seja ferida. Mover-se significa experimentar uma moção¹¹⁰, um movimento interior (EE 32 e 313).¹¹¹ Alguém movido pela compaixão não sucumbe à indiferença para com os que têm sua humanidade deteriorada. São justamente essas periferias que suscitam a presença amorosa de Deus e interpelam o discípulo a ver o mundo a partir delas.

Na sua Paixão, Jesus padece, no contexto do padecimento da humanidade, como ser plenamente humano que quis ser. Jesus toma a sério sua humanidade. Aceita padecer, porque quer identificar-se com todo o ser humano e com todo o humano (EE 195).¹¹² A partir da experiência de encontro de fé com Jesus, o discípulo do Reino é movido a uma experiência de solidariedade com a humanidade sofredora e esquecida. Jesus, ao encarnar-se na realidade humana, ensina a todos os que acolhem sua mensagem salvífica a assumirem sua humanidade

¹⁰⁷ TRIGO, 2019, p. 34.

¹⁰⁸ A expressão se tornou muito usual em letra de músicas, escritos, discursos ao referir-se aos excluídos da sociedade.

¹⁰⁹ IVEREIGH, A. A opção de Francisco: como evangelizar um mundo em mudança? *Cadernos de Teologia Pública*, São Leopoldo, v. 15, n. 139, p. 18, 2018.

¹¹⁰ “Moções são dinamismos interiores que atraem a pessoa para algo. São propostas interiores (sugestões) vindas de fora do querer de quem as experimenta. Aparecem como pensamentos (‘frases interiores’ ou ‘vozes interiores’) e produzem reações emocionais (alegria ou angústia). Podem ser descritas também como movimentos ‘dentro da pessoa’ que puxam para algo, sendo sentidas como apelos, chamamentos ou atrações”. (SANTO INÁCIO DE LOYOLA, 2000, p. 121).

¹¹¹ SANTO INÁCIO DE LOYOLA, 2000, p. 121.

¹¹² SANTO INÁCIO DE LOYOLA, 2000, p. 80.

como lugar de salvação. Desse modo, ensina, igualmente, quão humana deve ser a relação entre os irmãos. Nesse sentido, o Papa Francisco propõe à Igreja um caminho de relação com a pessoa de Jesus através do Evangelho, pois é o encontro e o conhecimento interno da pessoa de Jesus que leva o cristão a solidarizar-se com a dor humana, lutar por sua superação e construir caminhos de vida.

A humanidade que brota no Evangelho e o foco emissor nesta humanidade é Jesus de Nazaré. É o próprio Jesus que evangeliza. A relação com Ele gera humanidade e todos os que se colocam a serviço do Reino devem humanizar-se e humanizar a outros, vivificar o maior número possível de pessoas. A verdadeira alegria nasce do encontro de Deus e de Jesus conosco.¹¹³

Deus se fez humano, para mostrar ao mundo que o caminho de salvação passa pela humanidade de cada um. Através de sua encarnação, ensina quão libertador e salvífico é, para o ser humano, acolher cada pessoa em sua dignidade. Isso foi o que Jesus mais fez. Ele resgatou a humanidade de muitos decaídos, os considerados pecadores e, por isso, desprezados pela sociedade e pela religião. É com essa mesma humanidade que Cristo chama a segui-lo: “deivos o exemplo para que, como eu vos fiz, também vós o façais” (Jo 13, 15). O que Jesus espera é que todos os que ouvem sua mensagem vivam com fidelidade seu seguimento, cuidando uns dos outros com cuidado humano e respeitando cada pessoa em sua dignidade. Para o Papa Francisco, identificar-se com Cristo significa abraçar a causa do Reino de Deus que Jesus inaugurou. Portanto, ser imitadores de Jesus requer de cada cristão manter os olhos fixos no Senhor, no seu proceder, para que “seu modo de proceder seja o nosso modo de proceder.”¹¹⁴ O Pontífice afirma, em uma entrevista em 2013, que:

O evangelho de Jesus realiza-se na história. O próprio Jesus foi um homem da periferia, naquela Galileia distante dos centros de poder do Império Romano e de Jerusalém. Encontrou pobres, doentes, endemoninhados, pecadores, prostitutas, reunindo à sua volta um pequeno número de discípulos e algumas mulheres que o ouviram e serviram.¹¹⁵

A Igreja, como Comunidade do Reino, hoje, é chamada a ver a realidade com o olhar de Jesus, enxergar no ser humano um próximo, mesmo que não o conheça. Proximidade inspira

¹¹³ Discurso do Papa Francisco em um encontro com seminaristas, noviços e noviças no ano de 2013. (TRIGO, 2019, p. 155).

¹¹⁴ Oração “Imitação de Jesus Cristo modelo”, do Padre Pedro Arrupe, SJ. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/42-noticias/comentario-do-evangelho/561946-o-protagonista-das-bem-aventurancas>>. Acesso em 23 jun. 2021.

¹¹⁵ TRIGO, 2019, p. 35.

cuidados, preocupação com o outro, visando sempre ao bem maior dele. Não é outra coisa o desejo Deus para seus filhos, senão o cuidado de uns para com os outros, como Jesus ensinou com suas palavras e ações. Desse modo, o discípulo do Reino não dá testemunho cristão com as palavras, mas sobretudo com ação. Se o caminho proposto pelo Evangelho de Jesus Cristo não move seu seguidor a adentrar a realidade atual com esse propósito, é sinal de que não encontrou, verdadeiramente, a proximidade do Reino de Deus trazida por Ele, Reino no qual cada ser humano se encontre feliz. Schillebeeckx afirma que

Jesus fala sobre Deus como a felicidade do ser humano. Seu Deus é um Deus que olha os humanos. Por isso, o Reino de Deus, que inspira a vida de Jesus e que ele anuncia, diz alguma coisa sobre Deus na sua relação com a humanidade, e ao mesmo tempo fala sobre a nossa relação com Deus. É uma realidade experienciada, tanto teológica quanto antropologicamente. De fato, uma realidade, porque, para o próprio Jesus, o Reino de Deus não é apenas um conceito ou doutrina, mas, em primeiríssimo lugar, uma realidade da experiência. Sua própria vida está decisivamente formada pela sua expectativa do Reino de Deus, entregando-se à soberania de Deus. Jesus está entregue ao poder do Reino de Deus, fascinado por ele, de sorte que toda a sua vida foi de um lado uma celebração desse reinado, e, do outro lado, um exemplo de como se deve viver neste Reino de Deus. Para isso ele viveu; para isso ele morreu: pela causa de Deus como causa do ser humano.¹¹⁶

Quando se fala de cuidado humano, deve-se entendê-lo, no contexto do Reino de Deus, como relação de proximidade. O próximo, nessa perspectiva, não é simplesmente o que está fisicamente perto ou aquele com o qual se tem uma relação afetiva. Mais que isso, é alguém que, mesmo não sendo conhecido, inspira cuidado, respeito e atenção. Na perspectiva evangélica, o cuidado com o próximo deve concretizar-se a partir da máxima cristã: “como eu vos amei, amai-vos também uns aos outros” (Jo 13,34). Nisso Jesus reconhecerá que todos são seus discípulos (Jo 13,35). Esse amor se concretiza no mundo quando, no encontro com a Palavra e com a pessoa de Jesus, o discípulo sente-se amado e ama com o mesmo amor de Cristo. Quem se deixa mover por esse amor, quer comunicá-lo ao próximo de maneira concreta. (EE 231)¹¹⁷ Este modo concreto pode ser compreendido como o cuidado com a vida do próximo.

2.3 Os desafios enfrentados pela Comunidade do Reino: a proximidade do Reino de Deus ante as forças do Antirreino

¹¹⁶ SCHILLEBEECKX, 2008, p. 136.

¹¹⁷ “O amor é comunicação de ambas partes. Isto é, quem ama dá e comunica o que tem ou pode a quem ama. De modo que, se um tem ciência, ou honras ou riquezas, dá ao que não as tem. E, assim, mutuamente”. (SANTO INÁCIO DE LOYOLA, 2000, p. 91).

A exigência do Reino de Deus se opõe às expectativas dos gananciosos e egoístas. A ambição pelo poder de se impor sobre os demais impede os prepotentes de acolher a proposta de vida para a Comunidade do Reino oferecida por Jesus. Por isso mesmo, farão o possível para impedir que o projeto de Jesus seja assimilado e posto em prática. Assim, para haver proximidade do Reino, é necessário profetismo, enfrentamento do poder prepotente e opressor, muitas vezes revestido de religião. A opção pelo Reino ameaça os privilégios dos ricos, orgulhosos e prepotentes. Por essa razão, muitos discípulos do Reino enfrentaram resistências no anúncio da Boa Nova e tantos foram martirizados. As primeiras comunidades não viveram somente a *koinonia*, mas enfrentaram fortemente a perseguição religiosa e muitos sucumbiram sob o poder do Império Romano. Apesar das forças opressoras que tentaram aniquilar a comunidade cristã, o testemunho (*μαρτυρία*) de muitos fortaleceu ainda mais a Comunidade do Reino. Descobriram que a vida nova do Reino era mais preciosa que qualquer valor e não estavam dispostos a renunciá-la por nada, ainda que lhes custasse a vida. A dimensão profética sempre foi uma marca do Reino de Deus na caminhada de seu povo como Igreja. Para Segundo¹¹⁸, o anúncio do Reino é conflitivo, pois busca a libertação dos pobres. Em oposição, os que buscam o poder e o prestígio através da riqueza veem como ameaça a proximidade do Reino. Não querem partilhar do que têm com os pobres e famintos. Assim, instala-se o conflito entre Reino e Antirreino, como também o concebe Sobrino.¹¹⁹

Jesus, em seu anúncio da proximidade do Reino, já enfrentou oposição à sua mensagem. Ela incomodava aqueles que não estavam dispostos a perder seus lugares de conforto e de poder. Schillebeeckx afirma que:

O Novo Testamento mostra que a praxe e atuação de Jesus nunca foram ‘anti’, mas somente ‘pró’: partindo de uma experiência pessoal (a ser analisada), a mensagem de Jesus tem orientação positiva; exatamente dentro dessa orientação positiva, diante do amor universal do Deus salvador, Jesus só é ‘anti’ tudo o que contradiz a essa mensagem central. Ora, no judaísmo do tempo de Jesus, havia em todos os grupos uma tendência oposta ao verdadeiro teor dessa mensagem central de Jesus. E é evidente que Jesus combate frontalmente tal tendência. Tudo isso deixa claro o que ele quer dizer com seu lema predileto: ‘Que Deus reine.’¹²⁰

Os sinais do Reino são acompanhados do amor ao próximo. Esse amor não se vende nem se compraz com os poderosos deste mundo; todos são chamados a viver como irmãos. A força desse amor que decorre de Jesus incomoda as estruturas de morte que, de acordo com

¹¹⁸ SEGUNDO, 1991.

¹¹⁹ SOBRINO, 1986, p. 137.

¹²⁰ SCHILLEBEECKX, 2008, p. 137.

Sobrino, não é só a “negação da vida, mas também da fraternidade. O contrário, a superação da morte infligida, é necessária para que, na humanidade, exista, não só vida para todos, mas comunhão de vida para todos”¹²¹. Assim, a proximidade do Reino de Deus exige da Comunidade do Reino o amor fraterno e a comunhão de bens. Quem ouve a mensagem do Reino e descobre seu valor, acolhe-o em sua vida ou se blinda, não permitindo que a mensagem chegue ao coração. O poder da ação do Reino de Deus, conforme Montcheuil “é interior, e só interiormente pode ser reconhecido.”¹²² A pessoa acolhe ou rejeita conforme a disposição de seu espírito, como concebe também Moschner.¹²³

A exigência do Reino deixa os homens de posses embaraçados, mesmo tendo reta intenção de acolher o Reino de Deus. Tomemos como exemplo a passagem do jovem rico que procura Jesus com boa intenção e desejoso de participar da Comunidade do Reino. Ele já observava os mandamentos, mas deseja ir além e pergunta a Jesus que mais deve fazer. À resposta de Jesus: “vende tudo o que tens, distribui aos pobres e terás um tesouro nos céus” (Lc 18,22), o homem vai embora muito triste porque era muito rico. O apego à riqueza foi mais forte do que a boa intenção de fazer parte da Comunidade do Reino. Se o ouvinte da mensagem não encontra sentido para a vida na proposta de Jesus, de maneira que a opção pelo Reino seja uma resposta feliz e entusiasmada, por se haver identificado com essa causa, não pode ser discípulo do Reino, diz Jesus.¹²⁴ A advertência de Jesus parece questionar os homens de posses apegados aos bens, incapazes de olhar para a realidade do empobrecido. Para tornar-se um discípulo de Jesus, é condição necessária o desapego de tudo o que impede a relação de amor ao próximo que o Reino exige. Assim, muitos têm boas intenções e desejam esse Reino, mas o apego às riquezas torna-se um grande obstáculo para entrarem nele.

A mensagem de Jesus é dirigida a todos, porém, chega ao coração de cada um de modo diferente. Ela pode causar alegria e fascínio, por se fazer Boa Nova, ou pode causar tristeza e rechaço, por incomodar e ameaçar derrubar os poderosos de seus tronos.¹²⁵ Conforme Montcheuil, “o Reino não é uma experiência que se tente, procurando ver, para se decidir em que vai dar. O Reino não penetra em nós, senão, na medida em que nos entregamos.”¹²⁶ Assim, entrar no Reino exige disposição do coração, um coração convertido, transformado pelo amor

¹²¹ SOBRINO, 2006, p. 139.

¹²² MONTCHEUIL, 1961, p. 49.

¹²³ MOSCHNER, 1960.

¹²⁴ “Qualquer de vós, que não renunciar a tudo o que possui, não pode ser meu discípulo” (Lc 14,33).

¹²⁵ O *Magnificat*, de Maria (Lc 1,46-55), expressa esse sentido da encarnação do Reino, identificado na pessoa de Jesus. Nesse Reino, Deus não se compraz com os corações orgulhosos, nem com os poderosos, nem com os ricos. Para entrar no Reino, Deus exige que estes repartam o pão com os famintos e levantem o humilhado.

¹²⁶ MONTCHEUIL, 1961, p. 57.

de Deus. Acontece, porém, que os ameaçados pela mensagem do Reino tornam-se ameaça para o Reino. Quando Jesus afirma: “como é difícil aos que têm riquezas entrar no Reino de Deus!” (Lc 18,24), está alertando os apegados à riqueza sobre a incapacidade de partilhar, de viver a relação fraterna e a condição de igualdade em dignidade humana que o Reino exige. Por isso mesmo, a mensagem de Jesus torna-se ameaça. Aos olhos dos gananciosos, o Reino não tem sentido e se as pessoas começam a abraçar esta causa, o lugar de destaque em que eles se encontram será colocado em xeque.

Sobrino chama a atenção para a realidade onde Jesus anuncia o Reino. Ele afirma que essa realidade “não é uma folha em branco, senão o ativamente oposto ao Reino.”¹²⁷ A mensagem de Jesus, de fato, denunciava as estruturas de poder que atentavam contra a vida humana. Essas estruturas criavam ídolos que exerciam uma força “maligna” a que Sobrino chama de “antirreino.”¹²⁸ Jesus exerceu uma atividade libertadora contra essas forças em favor dos necessitados, a fim de transformar o domínio do mal em realidade boa. Sobrino elucida que:

Jesus promove a solidariedade entre os homens. O lugar concreto de Jesus entre seu povo, sua solidariedade afetiva, mostra o que Ele entende por solidariedade. Jesus não só declara que não existe solidariedade em sua sociedade, mas se aproxima daqueles a quem a sociedade descartou (prostitutas, leprosos, impuros, samaritanos, mulheres socialmente desclassificadas) [...] No Reino de Deus que se aproxima, se corresponde quando os homens se sentam juntos ao redor de uma mesa. Jesus se aproxima do descartado, não só individualmente, mas comunitariamente, recriando-o como grupo social e, certamente, através da materialidade da mesa.¹²⁹

Jesus denuncia as atitudes daqueles que não abriam mão de seus privilégios e ainda “impossibilitavam a mesa comum” recusando, assim, o ideal do Reino.¹³⁰ Os gananciosos se esforçam para alcançar o poder em todos os ambientes e instituições da sociedade. Já no seu tempo, Jesus enfrentou essas formas de poder que atuavam contra a proximidade do Reino. Ele denunciou, sobretudo, continua Sobrino, “o poder religioso que se havia convertido em meio de obter lucros e, assim, oprimir os débeis. (Jesus acusa os detentores do poder religioso de vários pecados contra o Reino, eles privam os fracos de várias coisas) e abandonam o fundamental da Lei (Mt 23,23).”¹³¹ Os discípulos do Reino também enfrentarão as mesmas estruturas de poder no mundo e foram alertados pelo próprio Jesus sobre isso. “No mundo tereis

¹²⁷ SOBRINO, 2006, p. 143.

¹²⁸ SOBRINO, 2006, p. 144.

¹²⁹ SOBRINO, 1978, p. 358.

¹³⁰ SOBRINO, 1978.

¹³¹ SOBRINO, 1978, p. 358.

tribulações, mas tende coragem: eu venci o mundo!” (Jo 16,33). As dificuldades ou perseguições dos discípulos de todos os tempos são impostas pelo “antirreino”, ou, por assim dizer, pelos inimigos do Reino, que continuam manipulando as diversas estruturas de poder no mundo, resistindo em acolher o Reino de Deus que se aproxima.

O Reino é dom de Deus que se faz presente no amor, dado a nós para colaborar com Ele na sua obra. Não nos é imposto. Na sua liberdade, o ser humano pode ou não acolher o dom do Reino. Desse modo, muitos acolhem a Boa Nova como o dom mais precioso para a vida. Por outro lado, tantos outros rejeitam a Boa Notícia, não permitindo a comum unidade desejada por Deus. Por isso, a força do Antirreino será sempre resistência ao Reino de Deus que se aproxima. Talvez seja esse o motivo da tensão entre presente e futuro do Reino de Deus, como nos apresenta Kasper.¹³² Ainda que a plenitude desse Reino não se concretize no mundo, o discípulo do Reino é chamado ao testemunho profético contra as forças opressoras que geram injustiças, miséria, discórdia e colocam tantas pessoas em situações de marginalidade, privando-as dos bens necessários para a subsistência. Jesus combateu veementemente esse mal no mundo.¹³³ Seus discípulos são chamados a fazer como Ele, mesmo diante das perseguições que estão sujeitos a enfrentar. Nenhum fracasso será a derrota final para aquele que acolhe a mensagem de Cristo e a põe em prática.

Sem a inserção na Igreja dos pobres, não se cria disposição para entender, na prática, o que é o Reino de Deus, que está oculto aos poderosos e aos sábios e revelado aos pequenos. A necessidade de superar a desigualdade social e a opressão, assim como encontrar uma identidade popular, parece ter sido elemento essencial do início do cristianismo, frente a uma sociedade religiosa e politicamente alienada e alienante.¹³⁴ Num mundo fortemente marcado por conflitos, pela falta de amor, respeito e cuidado com a vida humana, onde se destaca “o reino do orgulho e da vaidade, onde cada um se julga no direito de elevar-se acima dos outros”

¹³² Nesse sentido, quiçá poderíamos ler a concepção de alguns teólogos, como Weiss, Schweitzer e Cullmann que ressaltaram o sentido escatológico do Reino de Deus, pois mesmo que este Reino irrompa no mundo presente, sua realização plena, quando as forças do mal, o orgulho e egoísmo humano forem totalmente vencidas, não acontecerá no tempo presente, mas na vida eterna. (KASPER, 1978).

¹³³ Quando Jesus realiza curas e expulsa demônios, liberta os enfermos da opressão, das injustiças e da exclusão (Mc 2,1-12; 5,1-20; 12,25-34; 7,24-30; 8,22-26; 9,14-29; 10,46-52); ao aproximar-se com misericórdia dos pecadores, oferecendo-lhes o perdão, devolve-lhes a dignidade perdida (Mt 9,10-13, Mc 2,15-17; Lc 5,29-32; Lc 7,36-50; Lc 19,1-10); quando criticava os fariseus pelo comportamento deles que ia contra o mandamento do amor e impunha pesados fardos à vida das pessoas, combatia as injustiças cometidas por eles (Mt 9,12-13; Mt 12,7; Mt 15,7-9; Mt 23,13-32; Lc 16,15; Jo 8,11-21) e ensinou que a partilha dos dons não permite que ninguém passe fome (Mt 14,13-21), “*Dai-lhes vós mesmos de comer*” (v.16b). Enquanto uns constroem grandes celeiros para armazenar riquezas (Lc 12,16-21), outros passam fome e esse é um mal que Jesus não tolera. Portanto a comunidade do Reino, tampouco deve permitir.

¹³⁴ ELLACURÍA, I. La Teología como momento ideológico de la praxis eclesial. *Estudios eclesiológicos*. Madrid, v. 53, n. 207, p. 457-467, 1978.

(GE, n. 71), o discípulo do Reino é desafiado a lutar contra tudo o que gera situações de morte. É chamado a Tudo viver tudo isso com mansidão, fiel ao amor misericordioso de Deus, como propõe Jesus. Embora pareça impossível, é o que Jesus ensinava a seus discípulos, e isso “contemplamos na sua entrada em Jerusalém: ‘*aí vem o teu Rei, ao teu encontro, manso e montado num jumentinho*’ (Mt 21,5; cf. Zc 9,9)” (GE, n. 71).

Assim sendo, os que acolhem o Reino de Deus se depararão sempre com as forças malignas do Antirreino. Um Reino de Deus que não confronta o poder do pecado não é o Reino do Deus de Jesus, por mais espiritual que pareça, assim como também um Reino de Deus que não entre em conflito com a malícia e a maldade da existência pessoal tampouco o é.¹³⁵ Existem muitas comunidades cristãs que dão verdadeiro testemunho de Comunidade do Reino no mundo. São comunidades empenhadas em cuidar do próximo, que enfrentam tribulação e passam por penúrias, buscam repartir o pão com o faminto, enfim, estão atentas às necessidades dos pobres e marginalizados. A Comunidade do Reino mostra que o mesmo Espírito que moveu Jesus a fazer o bem continua suscitando e movendo os discípulos de hoje a viverem pelo Reino de Deus. Ainda que enfrentem a oposição do Antirreino, a alegria do Evangelho não os permite desistir da luta, nem deixarem de acreditar que o amor é maior que o ódio e, por isso, o Reino de Deus se torna próximo. O poder de sua ação está no interior da pessoa que o acolheu.

2.4 A alegria decorrente da descoberta do valor inestimável do Reino de Deus a partir das parábolas do tesouro e da pérola

No desenvolvimento deste capítulo, vimos até aqui os traços fundamentais do Reino de Deus anunciado por Jesus e sua relação com a Igreja enquanto comunidade do Reino chamada ao testemunho da alegre notícia.¹³⁶ A alegria a que somos chamados a viver surge da identificação com algo que descobrimos ser de grande valor para nossa vida. Assim, todo aquele que, no encontro com a vida e a pessoa de Jesus, descobre a grandeza infinita do amor de Deus é feliz em seu coração porque identificou-se com o Reino de Deus. Por isso, o prefere a qualquer outro modo de vida. A alegria é um traço marcante na mensagem do Reino, e Jesus quer que seus discípulos sejam portadores dessa alegria. É Ele mesmo quem comunica a alegria para que

¹³⁵ ELLACURÍA, 1978.

¹³⁶ Na exortação apostólica *Evangelii Gaudium*, o Papa Francisco anima a Igreja e a todo cristão a descobrir a Alegria que brota do Evangelho através do encontro com Jesus Cristo. “Com Ele, renasce sem cessar a alegria” (EG, n. 1).

ela esteja presente no seio da comunidade do Reino. “Eu vos digo isso para que a minha alegria esteja em vós e vossa alegria seja plena” (Jo 15,11).

A comunidade que encontrou sentido pleno por estabelecer-se como comunidade de irmãos, unidos pelos laços do amor fraterno, sente a “alegria que se vive no meio das pequenas coisas da vida quotidiana, como resposta ao amoroso convite de Deus nosso Pai: ‘*Meu filho, se tens com quê, trata-te bem (...). Não te privas da felicidade presente*’ (Sir 14,11.14)” (EG, n. 4). Por isso, Jesus, ao falar do Reino, expressa sua realidade em forma de parábolas, pois essas, afirma Wegner, “tematizam aspectos típicos, corriqueiros e conhecidos por todos.”¹³⁷ Na cotidianidade da vida é que podemos encontrar alegria como a que sentiu aqueles homens das parábolas do tesouro e da pérola:

O Reino de Deus é como um tesouro escondido num campo, e acontece de ser encontrado por um homem. Ele o esconde imediatamente. E, cheio de alegria, vai vender tudo quanto possui, para voltar e comprar aquela propriedade. De maneira semelhante, o Reino dos Céus se parece com um comerciante que está à procura de pérolas preciosas. Quando encontra uma, especialmente valiosa, vai depressa vender todos os seus bens, para poder comprá-la (Mt 13,44-46).

As duas pequenas parábolas nos mostram, à primeira vista, que tanto o homem que achou um tesouro escondido no campo, quanto o que encontrou a pérola que tanto procurava, investem tudo o que possuem para obter aquilo que acabaram de encontrar. Na breve descrição da ação da primeira parábola, o evangelista destaca o sentimento de alegria provocado por algo precioso encontrado. No segundo caso, diz apenas que o homem vai depressa vender todos os seus bens para comprar a pérola encontrada. A descoberta move os dois personagens das parábolas a uma opção radical. O consolo não dá lugar a dúvidas, por isso, investem tudo em vista de possuir um bem maior. Com esse bem maior, Jesus compara o Reino de Deus. O importante aqui é fixar a atenção no valor do absoluto, pelo qual se abandona tudo.¹³⁸ O valor da descoberta deve ser, realmente, muito importante para a vida dos dois homens, ao ponto de desfazerem de tudo quanto tinham conquistado na vida para investir naquilo que encontraram. A opção radical feita por eles só se justifica se a descoberta traz profundo sentido para suas vidas, pois o inestimável valor da descoberta, afirma Gourgues, “faz com que eles consintam em se despojarem de tudo a fim de poder adquiri-los. O investimento do sujeito é motivado

¹³⁷ WEGNER, 1998, p. 253.

¹³⁸ MONTCHEUIL, 1961, p. 26.

pelo valor do objeto. A amplidão da exigência decorre da amplidão do dom.”¹³⁹ Vejamos um pouco mais os pormenores dessas parábolas.

2.4.1 O tesouro encontrado e a alegria que contagia (Mt 13, 44)

A primeira parábola desse conjunto, compreendida num único versículo do Evangelho de Mateus, compara o Reino de Deus ao tesouro encontrado no campo, diferentemente de outras parábolas que o comparam aos personagens.¹⁴⁰ Apesar de curta, podemos obter muitas informações no relato. Sabemos que nosso personagem não procurava por este tesouro, não possuía o campo, e possivelmente, estava lavrando a terra alheia quando, inesperadamente, encontra o tesouro. O Evangelho diz que, “na sua alegria, vai, vende tudo o que possui e compra aquele campo”. Gourgues nos informa que, naquela cultura, a prática de esconder os tesouros nos campos era comum devido à ausência de bancos. De acordo com o direito rabínico, somente um proprietário poderia possuir o tesouro achado num terreno.¹⁴¹ Isso justifica o investimento do homem da parábola naquele terreno para haver o tesouro. Contudo, essa é uma questão secundária, pois o que realmente importa é entender que o homem não é o proprietário do campo e fará tudo para possuí-lo em vista do achado. “Sua primeira medida é garantir a conservação de sua preciosa descoberta, e pode-se esperar que ele se organize para tomar posse dela.”¹⁴²

A imagem do tesouro é recorrente nos evangelhos e existem passagens que são chaves para compreendermos o sentido desta parábola. A expressão nela contida: “vai, vende tudo o que possui” corresponde, por exemplo, às palavras de Jesus dirigidas ao jovem rico: “vai, vende o que possuis”, e continua, Jesus; “dá aos pobres, e terás um tesouro nos céus” (Mt 19,21).¹⁴³ Tanto aqui como na parábola, de acordo com Gourgues, “o tesouro se apresenta como um valor que motiva todas as renúncias: ‘vai (*hypage*), vende (*pôlèson*) tudo o que tens (*hosa echeis*) e terás um tesouro no céu.’”¹⁴⁴ A imagem do tesouro aparece também outra vez no Sermão sobre a Montanha em Mateus: “não ajunteis para vós tesouros na terra (...) mas ajunteis para vós tesouros no céu...” (Mt 6,19-20). A perícopé conclui-se afirmando: “onde está teu tesouro, aí estará também teu coração” (Mt 6,21). A relação entre essas passagens assinala o valor insubstituível desse tesouro. O referido valor não corresponde aos bens materiais, que se podem

¹³⁹ GOURGUES, 2004, p. 65.

¹⁴⁰ GOURGUES, 2004, p. 61.

¹⁴¹ GOURGUES, 2004, p. 61-62.

¹⁴² GOURGUES, 2004, p. 62.

¹⁴³ Paralelos: Mc 10,17-22; Lc 18,18-23.

¹⁴⁴ GOURGUES, 2004, p. 61.

adquirir nesta vida, mas a um valor espiritual que dá sentido à vida da pessoa. No discurso da montanha, Jesus relaciona o tesouro ao coração, ou seja, o lugar mais íntimo da pessoa onde se encontra o sentido da vida, o lugar dos desejos e sentimentos mais profundos. O verdadeiro tesouro escondido deve ser encontrado aí, e, por isso mesmo, está relacionado com a opção de vida, com as escolhas feitas.

Convém notar que na parábola se diz que o homem vai vender tudo o que tem para comprar o campo onde se encontra o tesouro. Sabemos que o tesouro escondido no campo é a imagem usada por Mateus para dizer o Reino dos Céus. Na passagem do jovem rico, Jesus pede-lhe que venda o que tem para possuir um tesouro nos céus. “O tesouro escondido no campo” da parábola é expressamente comparado com o Reino dos céus. O “tesouro nos céus” da passagem do jovem rico tem um valor que denota algo muito maior que os bens materiais que alguém possui. Faz sentido afirmar que ambas as passagens acentuam o valor inestimável do tesouro do Reino de Deus. Não é um valor que se pode comparar com qualquer bem terreno. É um valor insubstituível. Somente alguém muito livre e desapegado de qualquer outra coisa de valor terreno pode acolher a Palavra de vida de Jesus e, no encontro com essa Palavra, descobrir o valor do Reino de Deus em sua vida. Gourgues nos mostra que “a reação de alegria, mencionada na parábola do tesouro, tinha sido um pouco antes, na explicação da parábola do semeador, identificada à do ‘*homem que ouve a Palavra e a recebe imediatamente com alegria*’ (13,20).”¹⁴⁵ A alegria experimentada, portanto, provém da acolhida da mensagem do Reino anunciada por Jesus. É necessário que essa mensagem chegue ao coração do destinatário e, uma vez despertada a sua consciência para o valor do Reino, busca nele entrar e por ele viver.

Se compararmos a reação do homem que encontra o tesouro no campo com a do jovem rico, notamos de imediato a oposição dos sentimentos. O primeiro expressa imensa alegria ante o tesouro descoberto, o segundo expressa muita tristeza (Lc 18,23) pelo efeito da proposta de Jesus para que venda tudo o que tem, afim de possuir um tesouro no céu. É importante notar ainda que o primeiro não procurava tesouro, apenas o encontra. No segundo caso, o jovem rico procura saber de Jesus os meios para entrar no Reino dos Céus. O homem da parábola é contagiado pela alegria de tal forma, que esquece os seus antigos projetos de trabalho e emprega tudo o que tem no objeto de sua descoberta¹⁴⁶, isto é, no campo que contém o tesouro. O jovem rico, no entanto, se entristece porque não consegue desfazer-se dos seus bens para lançar-se à vida nova proposta por Jesus. O tesouro do Reino de Deus está neste campo que é o mundo.

¹⁴⁵ GOURGUES, 2004, p. 63.

¹⁴⁶ MOSCHNER, 1960, p. 79.

Somente descobre o valor desse tesouro quem se desapega de tudo quanto o possa impedir de reconhecer o verdadeiro sentido desse Reino. Para Moschner,

O campo é este mundo..., isto é, os problemas, as preocupações, os sacrifícios e as esperanças. Nele, terá o homem de trabalhar, conscienciosa e perseverantemente. Pode também recusar-se a fazê-lo; pode perder o seu tempo, pode mostrar-se negligente e pode entregar-se à ociosidade. Mas é seu dever cavar e perfurar a terra, de cujas entranhas pode sair o inesperado, São muitos aqueles que passam diariamente pelo 'tesouro' oculto, sem notarem a sua presença.¹⁴⁷

Todo aquele que encontra esse tesouro experimenta uma alegria que nada pode tirá-la. “Existem momentos difíceis, tempos de cruz, mas nada pode destruir a alegria sobrenatural, que se adapta e transforma, mas sempre permanece pelo menos como um feixe de luz que nasce da certeza pessoal de, não obstante o contrário, sermos infinitamente amados” (*GE*, n. 125). A fonte dessa alegria se encontra no amor de Deus. Quem se sente amado, deseja comunicar o amor ao próximo. “De várias maneiras, estas alegrias bebem na fonte do amor maior, que é o de Deus, a nós manifestado em Jesus Cristo” (*EG* n. 7). O homem que não é capaz de desapegar-se do “amor” às coisas e permitir-se lançar-se à novidade da Boa Nova de Jesus, que não é outra coisa, senão uma proposta de vida edificada no amor, não possuirá o tesouro do Reino dos Céus. “Sua vida perde todo o sentido, se o maior valor, o valor incomensurável, não for o de amar a Deus”¹⁴⁸ e aos irmãos.

As riquezas não te dão segurança alguma. Mais ainda: quando o coração se sente rico, fica tão satisfeito de si mesmo que não tem espaço para a Palavra de Deus, para amar os irmãos, nem para gozar das coisas mais importantes da vida. Deste modo priva-se dos bens maiores. Por isso, Jesus chama felizes os pobres em espírito, que têm o coração pobre, onde pode entrar o Senhor com a sua incessante novidade (*GE*, n. 68).

No Reino de Deus não se entra pela metade. É preciso acolhê-lo por completo. Montcheuil bem expressa esse sentido ao dizer que “não possuímos Deus senão quando ele penetra todo o resto em nós e por consequência aceitamos nada mais possuir. É preciso, pois, para possuir Deus, ou seja, para entrar no Reino, renunciar a todas as outras coisas por elas mesmas, é preciso vender tudo”¹⁴⁹, é preciso deixar-se penetrar pela Boa Notícia para vencer o apego a tudo que impede amar. Só entra no Reino de Deus quem se permite lançar à novidade da Boa Notícia e descobre a riqueza de dons que ela contém. De fato, a mensagem é Boa Notícia

¹⁴⁷ MOSCHNER, 1960, p. 82-83.

¹⁴⁸ MONTCHEUIL, 1961, p. 27.

¹⁴⁹ MONTCHEUIL, 1961, p. 30.

para quem a acolhe no coração, de tal forma, que todo o resto em sua vida se torna relativo. Desse modo, encontrar-se no Reino é encontrar-se feliz. O Papa Francisco, na exortação apostólica *Gaudete et Exsultate*, quando fala da alegria, afirma:

Refiro-me, antes, àquela alegria que se vive em comunhão, que se partilha e comunica, porque ‘a felicidade está mais em dar do que em receber’ (At 20,35) e ‘Deus ama quem dá com alegria’ (2Cor 9,7). O amor fraterno multiplica a nossa capacidade de alegria, porque nos torna capazes de rejubilar com o bem dos outros: ‘alegrai-vos com os que se alegram’ (Rm 12,15). ‘Alegramo-nos quando somos fracos e vós sois fortes’ (2Cor 13,9). Ao contrário, concentrando-nos sobretudo nas nossas próprias necessidades, condenamo-nos a viver com pouca alegria (GE, n. 128).

Nessa perspectiva, possuir “um tesouro no céu” e experimentar as alegrias do Reino de Deus, significa estar em profunda relação com a experiência do amor fraterno. “Jesus vive e Ele mesmo propõe a prática do amor como lei de vida no Reino”¹⁵⁰, destaca Sobrino. Todo aquele que se deixa envolver por esse amor, alegra-se por compartilhá-lo com o próximo, alegra-se com a alegria do outro. Esse deve ser o distintivo fundamental da comunidade do Reino. “A comunidade, que guarda os pequenos detalhes do amor e na qual os membros cuidam uns dos outros e formam um espaço aberto e evangelizador, é lugar da presença do Ressuscitado que a vai santificando segundo o projeto do Pai” (GE, n. 145). A comunidade onde prevalece o amor e a alegria, nela, reina Deus. Nessa comunidade o Reino de Deus se fez próximo.

2.4.2 A pérola preciosa: O Reino de Deus se deixa encontrar por aquele que o procura (Mt 13, 45-46)

A parábola da pérola fina, a segunda da perícopes, começa com a mesma afirmação da parábola precedente: “o Reino dos Céus é semelhante a...”. Em ambas parábolas, o Reino de Deus é comparado não aos personagens, mas às realidades que os movem a uma ação.¹⁵¹ Após a comparação – “o Reino é semelhante a” – é colocada em destaque a atitude humana dos homens diante do achado. Para Moschner, “a semelhança entre as duas parábolas consiste em que é tão grande em ambas o objeto encontrado, que por elas se entrega de boa vontade tudo quanto se possui.”¹⁵² Na parábola anterior, o lavrador não procura o tesouro, mas o encontra, de repente, por pura sorte. Aqui, o comerciante de pérolas sai em busca da mais fina pérola. Ele

¹⁵⁰ CULLMANN, O. *Jesús y los revolucionarios de su tempo*, Madrid, 1973. p. 40. Citado em: (SOBRINO, 1978, p. 359).

¹⁵¹ GOURGUES, 2004, p. 61.

¹⁵² MOSCHNER, 1960, p. 90.

ainda não se encontra satisfeito com as que já achou, mas procura até descobrir aquela que desejava e pela qual vale a pena investir toda a vida para possuí-la. Conforme Moschner, “se, no primeiro caso, se acentua de forma mais clara que a descoberta é no fundo obra exclusiva da graça divina, no segundo caso, torna-se evidente o esforço do comerciante para encontrar o reino dos céus.”¹⁵³

Mesmo que o homem de nossa parábola procure pela pérola mais fina, a descoberta que faz não é menos surpreendente que a do primeiro que encontra, por acaso, o tesouro. A sua profissão consiste em negociar pérolas, seu ofício aspira algo valioso, por isso faz sentido a sua busca pela pérola mais bela. Segundo Gourgues, “o que ele encontra é, como designa o grego, uma (*hena*) pérola única, de valor excepcional, ‘muito preciosa’ (*polytimon*), e não somente ‘fina’ (*kalos*) como as que ele buscava e as quais tem o costume de comerciar.”¹⁵⁴ Quando encontra a mais preciosa pérola, sua reação, assim como a do homem que descobre o tesouro, é ir-se e vender tudo o que possui para comprar a pérola fina que acabara de encontrar. Em ambas parábolas a reação dos dois homens é a mesma. Tanto um quanto o outro decide despojar-se de tudo quanto tinha – eles vão e vendem tudo – para investir em um bem mais precioso, que coincidentemente tiveram a feliz sorte de encontrar. Sobre isso, afirma Gourgues:

É verdade que, no primeiro caso, o homem não tem que pagar pelo próprio tesouro, mas simplesmente pelo campo onde o encontrou, enquanto no segundo é a própria pérola que o negociante deve poder comprar. Mas as parábolas não parecem atentar para essa diferença. É sublinhado que, tanto em um caso como no outro, o preço a pagar exige toda a fortuna do personagem. Uma apropriação que requer uma total desapropriação.¹⁵⁵

Devemos considerar que o aspecto relevante nas duas parábolas é a reação dos dois homens. Eles consentem em abrir mão de tudo quanto construíram até o momento para investirem em algo novo que se lhes apresenta como valor absolutamente maior. O mercador de pérolas poderia ter dinheiro suficiente para comprar a tão buscada pérola, assim como o homem que encontrou o tesouro poderia ter dinheiro suficiente para comprar um campo, o que não vem a ser algo de grande valor. Mas nos dois casos se diz que foram vender todos os bens para investir, o que nos indica que os dois não eram ricos a ponto de fazer um investimento sem precisar abrir mão de tudo o que possuíam. Esse detalhe é o que surpreende e causa admiração. Para Gourgues, “a ‘extravagância’ da atitude, mobilizando assim a atenção, força a questão:

¹⁵³ MOSCHNER, 1960, p. 91.

¹⁵⁴ GOURGUES, 2004, p. 63.

¹⁵⁵ GOURGUES, 2004, p. 64.

que realidade pode motivar uma reação tão radical? E assim, indiretamente, ela faz compreender o valor sem preço dos bens descobertos e a sorte extraordinária dos descobridores.”¹⁵⁶ O que faz uma pessoa despojar-se de tudo que possui na vida para investir numa pérola fina? Se tal pessoa não enxergar claramente essa possibilidade como muito boa para sua vida, não seria capaz de fazê-lo. Quando a mensagem do Reino de Deus é acolhida e assimilada como Boa Notícia, então tudo mais torna-se relativo para a pessoa. O investimento é como um mergulho numa causa nobre pela qual alguém se sente realmente seguro e que faz sentido para sua vida.

2.4.3 O que essas parábolas nos ensinam?

Tendo presente o comum das duas parábolas, isto é, que as duas expressam a realidade do Reino dos Céus e que os personagens em questão abandonam tudo para possuir o objeto de grande valor encontrado, podemos entender que Jesus chama a atenção dos ouvintes da mensagem para a oportunidade de acolher o Reino que lhes é oferecido. O Reino de Deus apresenta-se como uma oportunidade única e grandiosa. Por isso, é necessário que o destinatário da mensagem esteja sempre atento para esta ocasião não lhe passar despercebida. Exige-se, contudo, daquele que se depara com essa oportunidade, uma liberdade interior muito grande e desapego dos bens terrenos para que possa acolher com alegria o Reino. Em última análise, exige vencer o egoísmo que leva a pessoa a fechar-se em si mesma para viver conforme as exigências do amor fraterno que não permite alguém guardar os dons para si, mas ensina a partilhar com alegria. De acordo com Gourgues,

As atitudes dos dois personagens, que não hesitam em vender tudo para adquirir, um deles o campo, e outro o tesouro, compreende-se então que elas devem reenviar às exigências ligadas ao acolhimento do Reino de Deus. E visto que, como observamos, é este segundo aspecto – reação dos personagens após a descoberta – que as parábolas acentuam, elas, portanto, falam primeiramente e antes de tudo, da resposta humana à oferta de Deus. [...] As parábolas podem ser lidas em relação com o querigma evangélico: a descoberta do tesouro e da pérola corresponderia à escuta da ‘Boa Nova vinda de Deus’ (Mc 1,14b): ‘*O tempo se cumpriu e o Reino de Deus está próximo...*’ (Mc 1,15a). Quanto à reação dos dois homens, colocada em relevo pelas parábolas, ela corresponderia à resposta do homem à Boa Nova de Deus: ‘*convertei-vos e crede no Evangelho*’ (Mc 1,15b1).¹⁵⁷

¹⁵⁶ GOURGUES, 2004, p. 66.

¹⁵⁷ GOURGUES, 2004, p. 67.

A passagem de Marcos em que Jesus afirma que “o Reino de Deus está próximo”, e convida à conversão – “convertei-vos e crede no Evangelho” – é a que melhor representa o sentido das duas parábolas em questão. Existem ainda outras passagens que podem ser relacionadas a estas duas. Outro exemplo deste caso é quando Jesus exorta seus discípulos à renúncia dos bens: “qualquer um de vós, que não renunciar a tudo o que possui, não pode ser meu discípulo” (Lc 14,33).¹⁵⁸ O Reino de Deus exige disponibilidade total para nele entrar. Não se entra parcialmente, nem se experimenta para ver se dá certo e depois abandoná-lo. É preciso estar inteiro, abraçar a causa do Reino com tudo o que ela comporta e, uma vez fazendo parte da comunidade do Reino, não se tornar insosso.¹⁵⁹ O amor a Cristo consiste no amor à sua causa, e sua causa é o Reino de Deus. Gourgues ressalta que:

Sem dúvida, como se vê no episódio do jovem rico (Mt 19,21), isso não significa que todos terão necessariamente de renunciar a tudo, mas as parábolas, forçando a linha até o extremo, mostram até onde deve estar pronto a ir alguém que se abre ao Evangelho. Elas reúnem, então, certos ensinamentos marcados pelo mesmo radicalismo; pensemos, por exemplo, nos ensinamentos que encerram o discurso de Jesus, em Mt 10: *‘Aquele que ama pai ou mãe mais do que a mim não é digno de mim... Aquele que não toma a sua cruz e me segue não é digno de mim. Aquele que acha a sua vida, vai perdê-la, mas quem perde a sua vida por causa de mim vai achá-la’* (Mt 10,37-39).¹⁶⁰

A conversão ao Reino de Deus exige renúncia e investimento. No atual contexto, em que a cultura do consumismo escraviza as pessoas e as mantém reféns do apego aos bens materiais, torna-se um desafio maior a deixar tudo por uma causa nobre. “O consumismo hedonista pode-nos enganar, porque, na obsessão de divertir-nos, acabamos por estar excessivamente concentrados em nós mesmos, nos nossos direitos e na exacerbação de ter tempo livre para gozar a vida” (GE, n. 108). É preciso ordenar os afetos e isso não se faz sem o acolhimento da Boa Notícia. A cultura do consumismo é uma força poderosa e contrária aos valores do Reino: “com efeito, o consumismo só atravanca o coração; pode proporcionar prazeres ocasionais e passageiros, mas não alegria” (GE, n. 128). A acolhida da Boa Nova do Evangelho provoca a alegria verdadeira, alegria que é dom de Deus e não risos passageiros. Somente uma pessoa afeiçoada à causa do Reino pode vencer as afeições desordenadas que desviam seu olhar do verdadeiro tesouro e a impedem de fazer uma opção de vida pelo Reino

¹⁵⁸ Cf. GOURGUES, 2004, p. 68.

¹⁵⁹ Cf. Mt 5,13; Mc 9,50 e Lc 14, 34-35.

¹⁶⁰ GOURGUES, 2004, p. 68.

de Deus, a exemplo dos homens das parábolas. Olhando a partir da realidade atual, de acordo com Gourgues,

Vender tudo o que possuímos: tal exigência dá medo, em uma cultura do conforto, que reclama menos esforços e sacrifícios. A exigência de vender tudo para possuí-los poderá mesmo fazer esquecer a pérola ou o tesouro. Os investimentos que ela exige em termos de conversão, de orientação nova da existência, de transformação consentida das maneiras de ver e das maneiras de viver poderão fazer perder de vista que o Evangelho é fundamentalmente uma boa nova, um tesouro apto a cumular as aspirações e as mais profundas sedes de sentido. Tal reação, ao contrário da reação dos personagens das duas parábolas, por ser talvez compreensível, também é testemunha de um desvio do olhar.¹⁶¹

A descoberta do tesouro provoca alegria. De imediato, aquele que o descobre, talvez, não saiba o que fazer com o tesouro. A alegria provém da consolação por meio do encontro com a Palavra. No entanto, é um impulso do coração, fruto da graça divina que move a pessoa, de acordo com Moschner, “a abandonar as suas antigas afeições para se entregar por completo àquele novo amor”¹⁶². Somente quem vislumbra a Boa Nova do Evangelho como valiosa para sua vida consente em abandonar-se a essa causa. Quem descobre a riqueza do Reino de Deus, muitas vezes oculta aos olhos dispersos, encontra o verdadeiro tesouro em sua vida. Esta riqueza não desaparece como as riquezas materiais (Mt 6,19-20). Por isso, o verdadeiro tesouro encontra-se no coração da pessoa apaixonada pela vida do Reino. Esse tesouro ninguém pode roubá-lo. Se quisermos ilustrar com um exemplo uma experiência de descoberta do tesouro escondido do Reino dos Céus, podemos mencionar a de Paulo quando fala a partir de uma ótica mais pessoal na carta aos Filipenses: “o que era para mim lucro tive-o como perda, por amor a Cristo. Mais ainda: tudo considero perda, pela excelência do conhecimento de Cristo Jesus, meu Senhor. Por ele, perdi tudo e tudo tenho como esterco, para ganhar a Cristo” (Fl 3,7-8).¹⁶³ O conhecimento de Cristo é o conhecimento da verdade, é conhecimento dos mistérios do Reino de Deus. Assim expressa o Papa Francisco em *Gaudete et Exsultate*:

O Evangelho convida-nos a reconhecer a verdade do nosso coração, para ver onde colocamos a segurança da nossa vida. Normalmente, o rico sente-se seguro com as suas riquezas e, quando estas estão em risco, pensa que se desmorona todo o sentido da sua vida na terra. O próprio Jesus no-lo disse na parábola do rico insensato, falando daquele homem seguro de si, que – como um insensato – não pensava que poderia morrer naquele mesmo dia (cf. Lc 12,16-21) (*GE*, n. 67).

¹⁶¹ GOURGUES, 2004, p. 69.

¹⁶² MOSCHNER, 1960, p. 84

¹⁶³ GOURGUES, 2004, p. 71.

Na lógica do Reino, a pessoa rica é a que tem o coração capaz de amar a Deus e ao próximo. Esta é condição indispensável para entrar no Reino de Deus. O apego aos bens materiais não garante a felicidade a ninguém. Muito pelo contrário, a pessoa apegada à riqueza sente-se escrava do dinheiro. A possibilidade de perder tudo torna-se uma ameaça angustiante acompanhada de tristeza. Existem muitos ricos tristes no mundo. A riqueza não cura a tristeza, não é capaz de trazer a verdadeira felicidade. “A nossa tristeza infinita só se cura com um amor infinito” (EG, n. 265), amor que se concretiza na Comunidade do Reino através da vida fraterna. A experiência de muitos cristãos mostra que o amor fraterno em todas as relações humanas, independentemente da religião, gera alegria e sentido de vida. Ninguém pode ser feliz fechado em si mesmo, a felicidade se dá nas relações. Esse é o espírito do cristianismo que cada cristão recebeu de Cristo para ser seus imitadores (1Cor 11,1). Um membro da comunidade do Reino que comunga da vida de Cristo sabe, por experiência, que “há mais felicidade em dar que em receber” (At 20,35).

Quando o Evangelho nos pede para buscar em primeiro lugar o Reino de Deus e sua justiça e o resto nos será acrescentado (Mt 6,33), é preciso ter presente o amor ao Reino, o amor à causa de Jesus, que não é outra coisa senão o amor ao próximo. O amor se manifesta no cuidado com todo aquele de quem me faço próximo. Na comunidade do Reino ninguém pode ser privado do necessário à vida, nem do respeito. O grande tesouro do Reino de Deus é o amor que se partilha para gerar comunhão e alegria. Assim, afirma Moschner, “todas as barras de ouro deverão ser convertidas em moeda, para levarem a alegria e o bem-estar a todos, para proverem às necessidades humanas e servirem assim a humanidade.”¹⁶⁴

Existem muitas pessoas que professam a fé no Cristo e a vive numa Igreja, defendendo princípios e doutrinas que lhes convêm. No atual contexto de uma cultura hedionda, onde a intolerância dá lugar à disseminação do ódio, é comum vermos ataques constantes de conservadores católicos contra a própria Igreja na qual professam a fé. Muitas vezes esse veneno da discórdia se dá por não aceitarem que a comunidade católica¹⁶⁵ mantenha uma atitude acolhedora daqueles que não se enquadram nos padrões do catolicismo que concebem.¹⁶⁶ Essas

¹⁶⁴ MOSCHNER, 1960, p. 87.

¹⁶⁵ Falamos a partir da visão das relações e vivência da fé no catolicismo. Contudo, outras igrejas cristãs não estão isentas de passarem por esses conflitos.

¹⁶⁶ A propósito deste tema podemos mencionar a polêmica em torno da Campanha da Fraternidade do ano de 2021, organizada pela CNBB juntamente com o CONIC. O tema escolhido para este ano foi “Fraternidade e Diálogo: compromisso de amor” e o lema: “Cristo é a nossa paz. Do que era dividido fez uma unidade” (Ef 2,14a). Muitos católicos conservadores não aceitam o diálogo ecumênico e, tampouco que a Igreja trate de assuntos referentes às questões de gênero, assunto que tem sido debatido pela moral cristã nos últimos tempos, não sem polêmicas. O grande desafio enfrentado pela Igreja é o fechamento desse grupo ao diálogo, sem, sequer, obter informações do que realmente é tratado. Diante das reações negativas e odiosas contra a CNBB, esta instituição lançou uma nota

peças não entenderam, de fato, a dimensão do amor misericordioso de Deus, “não penetraram ainda no interior do Reino”¹⁶⁷, conforme Moschner. É preciso muita conversão para tornar o Reino de Deus verdadeiramente próximo, para superar o rancor e a discórdia que provoca divisão e viver a verdadeira alegria do Evangelho. É necessário, por fim, continuar procurando pela pérola mais fina e desejando encontrar o tesouro.

Convém destacar, também, que o tesouro do Reino não é algo exclusivo, reservado para um grupo que professa a fé no Cristo. Todo aquele que se identifica como membro da Comunidade do Reino reconhece o amor incondicional de Deus para com todos, independentemente de qualquer relação com uma religião. Por isso mesmo, deve-se respeitar e amar a todos independente de seu credo. O amor ao próximo não exige pertença a uma religião. Deus dá a oportunidade de todos encontrarem o tesouro escondido do Reino dos céus, oferece a salvação a todos. A própria parábola do tesouro escondido expressa isso, como mostra Gourgues.

Ao lado da ideia de riqueza escondida, a própria evocação dos pagãos faz pensar na parábola. Em Mt 13,44, com efeito, a descoberta do tesouro sobrevém de maneira inteiramente inesperada e vem cumular um homem que não buscava nada nesse sentido ao contrário do negociante de Mt 13,45, que estava procurando pérolas finas e cuja descoberta da pérola única, representando também uma pura sorte, vem, entretanto, cumular a espera. Será forçoso ler assim as parábolas em relação ao dom de Deus em Jesus Cristo, tal como ele se manifestou aos pagãos e aos judeus? Manifestando-se para os dois como “aquele que é poderoso para realizar por nós em tudo infinitamente além do que pedimos ou pensamos” (Ef 3,20), Deus revelou a riqueza de seu desígnio e de sua salvação, tanto àqueles que não o conheciam e não podiam esperar nada dele como para aqueles que, no final de uma longa preparação, o desejavam de todo o coração.¹⁶⁸

Os que se encontram no Reino de Deus podem avançar constantemente no exercício do amor fraterno, na busca de maior identificação e comunhão com Cristo. Essa é a experiência que também vive Paulo, quando reconhece que mesmo tendo sido alcançado por Cristo, continua a correr para alcançar a meta, o prêmio que vem de Deus (Fl 3,12-14). No Reino podemos avançar constantemente. “Ninguém está imunizado contra a dúvida. São necessários grandes esforços para podermos penetrar no reino dos céus, mesmo depois de o conhecermos.

de esclarecimento sobre a missão da Igreja. Disponível em: <<https://www.cnbb.org.br/presidencia-da-cnbb-divulga-nota-sobre-a-campanha-da-fraternidade-ecumenica-2021/>>. Acesso: 04 mar. 2021.

¹⁶⁷ MOSCHNER, 1960, p. 88.

¹⁶⁸ GOURGUES, 2004, p. 71.

E mesmo depois de entrarmos, conhecemos tão pouco daquilo que ele encerra.”¹⁶⁹ Para finalizarmos, tomemos as palavras de Moschner que afirma:

O campo é propriedade de Deus, é a sua criação entregue aos homens para que nele trabalhem. Nesse campo ocultou Deus o seu reino, na simplicidade da vida de Jesus de Nazaré, no qual vive no entanto ‘a divindade em toda a sua plenitude’. [...] Encontrá-lo-á quem o procurar honestamente, quem nisso empenhar os seus melhores esforços, porque o tesouro não se há de revelar por si próprio.¹⁷⁰

2.5 À guisa de conclusão

No capítulo anterior fizemos uma leitura histórico-teológica da Comunidade Noiva do Cordeiro, uma comunidade que descobriu no seu seio que o tesouro mais valioso é a vida pautada no amor fraterno e na comunhão dos bens. No presente capítulo, procuramos mostrar como uma comunidade se concretiza como Comunidade do Reino. Para isso, foi necessário expor o fundamental do Reino de Deus, e quais imagens desse Reino são manifestadas na Mensagem de Jesus. O Reino de Deus é central em seu anúncio e manifesta, de maneira especial, o amor, a justiça e a misericórdia divina. O modo como Jesus falou do Reino toca a realidade de todos os povos, e procura fazer com que cada pessoa descubra na sua realidade o tesouro escondido do Reino dos Céus. Aquele que o descobre é chamado a nele entrar e viver o projeto de vida que Deus deseja para a Comunidade do Reino. Esse projeto consiste, sobretudo, no amor ao próximo e na comunhão com Deus e os irmãos. O discípulo do Reino não encontrará, entretanto, facilidade para viver a proximidade desse reinado, mas enfrentará as dificuldades do mal presente no mundo, que Sobrino chama de “Antirreino”; enfrentará a resistência dos inimigos do Reino. Mas para aquele que se identifica com a proposta de Cristo e a abraça, nenhuma força contrária o impedirá de ser fiel à causa d’Ele e caminhará na alegria da descoberta do Evangelho do Reino.

No capítulo seguinte mostraremos como a experiência de vida da Comunidade Noiva do Cordeiro se configura como Comunidade do Reino. Para isso faremos uma releitura de sua história e do seu modo de viver interpretado a partir deste capítulo, cujo objetivo principal foi mostrar o projeto de Vida da Comunidade do Reino. Alicerçado nesta interpretação, verificaremos se a comunidade corresponde, com seu projeto de vida, ao Reino que Jesus propôs a toda humanidade.

¹⁶⁹ MOSCHNER, 1960, p. 88.

¹⁷⁰ MOSCHNER, 1960, p. 84.

CAPÍTULO III

3 A COMUNIDADE NOIVA DO CORDEIRO E A EXPERIÊNCIA DO REINO MANIFESTADA EM JESUS COMO CAMINHO DE SALVAÇÃO

Depois de haver apresentado uma leitura histórico-teológica da Comunidade Noiva do Cordeiro no primeiro capítulo e mostrado os valores que levam uma comunidade a configurar-se como Comunidade do Reino no segundo capítulo, buscaremos constatar neste terceiro capítulo se a vida da Comunidade Noiva do Cordeiro corresponde à proposta da Comunidade do Reino de Jesus. Ainda que muitos autores tenham proposições distintas sobre o que foi o Reino de Deus para Jesus e como se concretiza na história do povo de Deus, todos reconhecem-no como centro da mensagem evangélica. Jesus não só anunciou o Reino, mas o encarnou, isto é, viveu com a prática de vida o que anunciou. O Reino de Deus não se identifica com a Igreja, nem pensa Jesus fora da realidade humana, onde se manifesta salvação de Deus. O Reino é ação permanente de Deus na história humana. Trata-se não apenas de questão de fé, mas do obrar humano a partir da vontade divina.¹ Em todo o capítulo anterior, enfatizamos que o Reino de Deus se manifesta na realidade humana. A caminhada do povo de Deus é uma “história de salvação”. Nessa história humana cheia de percalços, Deus quer salvar seu povo por meio de Jesus que anuncia o Reino como caminho de salvação. Nessa perspectiva, analisaremos os principais elementos presentes na vida da Comunidade Noiva do Cordeiro que a levam a identificar-se como Comunidade do Reino. Para isso, faremos uma releitura do seu modo de viver interpretado a partir da percepção do Reino de Deus apresentada no segundo capítulo, para, então, verificar se essa comunidade configura-se como Comunidade do Reino.

3.1 A religião e a fé na comunidade Noiva do Cordeiro

No primeiro capítulo mostramos todo o processo que levou a Comunidade Noiva do Cordeiro à decisão de viver sem religião. Alves destaca, no Documentário *Noivas do Cordeiro*, que a escolha da comunidade de viver sem religião não significou a renúncia da fé. “Foi nessa época, por volta de 1990, que decidimos não ter mais Igreja. Descobrimos que éramos um povo temente a Deus, mas que queria viver sem religião.”² Os motivos que levaram a comunidade à decisão, evidenciados no capítulo primeiro, refletem, ao mesmo tempo, o anseio por uma vida

¹ AQUINO JUNIOR, F. de. *A Dimensão Socioestrutural do Reinado de Deus*. Escritos de teologia social. São Paulo: Paulinas, 2011.

² ALVES. 2008, min. 12:14.

digna e feliz e, de algum modo, uma forma de protesto, como nota Schultz: “certamente Noiva do Cordeiro coloca-se na esteira da crítica e do protesto, mas só o é porque ressoa uma reivindicação universal-católica, no sentido de buscar aquele modo de existência como o que revela a essência do ser, toda a capacidade da humanidade.”³ Também Fazendeiro constata que “Noiva do Cordeiro pode ser considerada uma comunidade que conseguiu vencer as adversidades impostas pela exclusão a partir de um protesto com o trabalho e com o amor ao próximo.”⁴

A experiência da comunidade com a religião foi marcada pela tristeza e exclusão. Os membros mais antigos da comunidade padeceram diretamente a mordedura do sofrimento vivido como consequência da experiência negativa da religião, e os relatos dessas experiências ecoam entre os jovens das últimas gerações da comunidade que não vivenciaram a religião.⁵ Na comunidade, todos prezam pelo cuidado humano; cada pessoa do grupo deve ser tratada com respeito e dignidade. O desejo dos moradores é que os jovens de hoje e os de amanhã não sofram o que seus pais e antepassados sofreram. Por isso, se empenham para que, na vida da comunidade, todos sejam felizes e prevaleça o amor fraterno entre eles. De fato, “a dignidade inalienável de toda a pessoa humana, independentemente da sua origem, cor ou religião, é a lei suprema do amor fraterno” (FT, n. 39).

Abro aqui um “parêntese” para uma breve nota sobre a experiência com a religião do escritor russo, Leon Tolstói. Depois de muito êxito na vida literária, o escritor passa por uma crise espiritual e começa, então, a busca por uma fé viva que dê sentido à vida.⁶ Na experiência de inserção no meio dos pobres, pôde entender o sentido de sua fé. Tolstói passou por um processo de conversão no comprometimento com a causa dos pobres, exercendo incansavelmente a caridade, empenhando-se na luta contra a fome. Sua experiência de fé o levou a escrever *O Reino de Deus está em Vós*, que viria a ser uma de suas obras mais conhecidas. Nela, o autor critica veementemente a Igreja e o Estado totalitário. Sua experiência com a Igreja e com a política acontece num contexto específico. Entretanto, sua crítica estende-se à Igreja universal e a todo sistema político. Podemos dizer que sua postura em face à Igreja é também uma forma de protesto contra a religião, melhor dito, contra a discrepância que via entre a mensagem do Evangelho e o que a Igreja praticava. A forma de protesto da Comunidade Noiva do Cordeiro consistiu no rompimento com a instituição que causou opressão no seu povo

³ SCHULTZ, 2013, p. 121.

⁴ FAZENDEIRO, 2016, p. 86.

⁵ FAZENDEIRO, 2016, p. 54.

⁶ Na obra *Minha Confissão* publicada em 1982, o autor narra sua experiência de conversão.

sem, contudo, criticar a instituição, o que se deu somente com trabalho e amor ao próximo. Tolstoi, entretanto, passou a criticar a instituição.

A tese principal defendida em seu livro consiste em não resistir ao mal com o mal ou não resistir à violência com violência e fundamenta-se, sobretudo, no Sermão da Montanha. Para Tolstoi, a violência jamais pode ser legitimada no Evangelho. “Uma religião edificada sobre a concórdia e o amor ao próximo não poderia admitir a guerra.”⁷ As armas contra o mal devem ser a bondade, a mansidão e a caridade. O homem deve reger-se pela lei básica que é a “lei do amor”, essência da mensagem do Reino. Em Jesus, destaca Vitória, “se lhe cabe o título de Messias, sê-lo-á com a marca da não violência, da misericórdia e da paz, em consonância com o título isaiano ‘Príncipe da Paz’ (Is 9,5).”⁸ De fato, na sua entrada em Jerusalém, onde entregará a vida, Jesus escolheu, não um cavalo, símbolo de um Messias guerreiro, mas um jumentinho, representando a paz (Zc 9,9).⁹ O amor aos inimigos pregado por Jesus em nome do Reino de Deus também exclui a violência como forma de resolver os conflitos.¹⁰ A Comunidade Noiva do Cordeiro, durante muitos anos, sofreu a exclusão e a difamação. Contudo, seu povo aprendeu que nunca se paga o mal com o mal, mas resistiu a tudo praticando o bem ao próximo.¹¹

Apesar de ter sido chamado de anarquista, Tolstoi não se considera anarquista, mas um cristão. Pode-se dizer que foi um profeta da não violência e sua obra *O Reino de Deus está em vós* inspirou pessoas como Gandhi que seguiu o mesmo ideal pacifista. Nela, tece duras críticas à igreja, por ver na instituição atitudes contraditórias com o cristianismo. Considera que a Igreja corrompeu a mensagem de Cristo, não permitindo que os cristãos compreendam sua verdadeira essência. Uma questão que leva à incompreensão do cristianismo, para Tolstoi, “consiste na opinião de que o cristianismo é uma doutrina que se pode aceitar ou rejeitar sem mudar de vida.”¹² Para ele, a verdadeira conversão deve levar o ser humano a uma mudança radical, a dar testemunho do que pede o Evangelho. O autor insiste que a conversão das pessoas deve incidir na prática de vida. A causa de Cristo só pode ser difundida no mundo através do amor, do testemunho de vida e este deve ser o espírito do cristianismo.¹³

⁷ TOLSTOI, L. *O Reino de Deus está em vós*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1994. p. 31.

⁸ VITÓRIO, J. Uma nova humanidade: O horizonte messiânico de Jesus de Nazaré no Evangelho de Mateus. *Perspectiva Teológica*. Belo Horizonte, v. 52, n. 3, p. 564, set./dez. 2020.

⁹ CULLMANN, O. *Jesus e os revolucionários de seu tempo*. Petrópolis. Vozes, 1972. p. 41.

¹⁰ CULLMANN, 1972, p. 42.

¹¹ FAZENDEIRO, 2016, p. 54.

¹² TOLSTOI, 1994, p. 120.

¹³ TOLSTOI, 1994, p. 32.

De acordo com Clodovis Boff, na apresentação à edição brasileira da obra de Tolstói, em alguns momentos, o autor se contradiz na crítica à Igreja. Contudo, “a radical profecia antieclesiástica de Tolstói pode e deve ser ouvida. Seu extremismo tem a função singularmente catártica para as igrejas. É um apelo à conversão e à fidelidade às mais altas exigências do Evangelho.”¹⁴ Ainda de acordo com Boff, sua obra postula uma volta às fontes do cristianismo¹⁵, o que de certa forma, a Igreja tem procurado fazer nos últimos tempos.

Tanto a experiência de Tolstói, quando a experiência da Comunidade Noiva do Cordeiro, revelam uma forma de protesto que não deve ser tomada para deslegitimar a instituição religiosa, mas nos convida a uma séria reflexão a partir dessas realidades que gritam no clamor do povo. Há de se reconhecer que a postura da Igreja, seja a católica ou outras igrejas cristãs, em algum momento perdeu o foco da missão, enfraqueceu as relações, a partilha do pão. Deixou-se de buscar o bem comum e, com isso, o testemunho enfraqueceu. Se tomamos a sério o que nos pede a mensagem de Jesus sobre o Reino de Deus, está claro que sua proximidade se dá quando acolhido com alegria e vivido com o testemunho de vida, o que é possível de acontecer para além das fronteiras da instituição religiosa. Nesse sentido, o testemunho de muitas pessoas sem religião nos interpela como cristãos a revisarmos nosso testemunho de vida a partir da mensagem do Reino anunciada por Jesus.

No que diz respeito à religião institucional, Noiva do Cordeiro não mantém nenhum vínculo com qualquer igreja, atualmente. Do catolicismo restou a lembrança da maldição imposta ao casal excomungado que deu origem à comunidade.¹⁶ Do protestantismo, apesar das severas imposições do pastor Anísio que sufocava a vida de seu povo, sobrepondo sofrimento e pobreza extrema, algo interessante suscitou a memória daquela gente. Os moradores souberam filtrar o que lhes parecera ser a essência do cristianismo. O modo como o líder da Igreja Noiva do Cordeiro conduziu seus fiéis, de acordo com os relatos deles mesmos, causou opressão. Ressoa na memória a ideia de uma igreja, não da festa, mas do luto. As duras imposições feitas aos membros da Igreja nada tinha a ver com a Comunidade do Reino desejada por Jesus. Apesar de tudo, algo da mensagem de Cristo, ainda que transmitida somente por palavras desprovidas de ação, ecoava na memória e no coração dos que pertenceram à Igreja. Delina Fernandes, a matriarca da comunidade, conta que o modo como escolheram viver a partir do rompimento com a religião, a saber, tendo uma vida pautada no amor fraterno, no trabalho coletivo e na

¹⁴ TOLSTOI, 1994, p. 16.

¹⁵ TOLSTOI, 1994, p. 17.

¹⁶ Na comunidade, a excomunhão passou a ser chamada de maldição e foi imposta aos descendentes de Maria Senhorinha por até quatro gerações.

partilha dos dons, foi herdado da religião.¹⁷ Eles, na verdade, colocaram em prática o que captaram da essência da mensagem de Cristo, antes não vivido na Igreja Noiva do Cordeiro, como relata uma jovem entrevistada por Fazendeiro, em sua pesquisa de dissertação na comunidade: “o que a gente vive hoje é o que ele (o pastor Anísio) ensinava, mas na verdade a gente vive na prática e ele ensinava na teoria. Desculpa falar, mas era só gogó. Era só na teoria. A gente vive na prática.”¹⁸ Como podemos notar na fala da entrevistada da comunidade, o que eles vivem na prática é o que se ensinava na igreja, portanto, valores dos ensinamentos de Jesus que, como vimos, estão contidos na Mensagem do Reino de Deus. O fermento cristão agiu e a comunidade buscou a liberdade, apesar de tantas barreiras¹⁹, superando os preconceitos, o isolamento, a opressão e, assim, conquistou a vida digna que tanto desejou. Para o povo da comunidade, a essência da mensagem cristã é o amor uns aos outros, tão anunciado no Novo Testamento, como mostra o Papa Francisco na Carta Encíclica *Fratelli Tutti*:

No Novo Testamento, ressoa intensamente o apelo ao amor fraterno: “Toda a Lei se cumpre plenamente nesta única palavra: ama o teu próximo como a ti mesmo” (*Gl* 5,14). “Quem ama o seu irmão permanece na luz e não corre perigo de tropeçar” (*I Jo* 2,10-11). “Nós sabemos que passamos da morte para a vida, porque amamos os irmãos. Quem não ama, permanece na morte” (*I Jo* 3,14). “Aquele que não ama o seu irmão, a quem vê, não pode amar a Deus, a quem não vê” (*I Jo* 4,20) (*FT*, n. 61).

A experiência do amor fraterno na Comunidade Noiva do Cordeiro ajudou seus membros a superarem as dificuldades e conquistarem uma vida nova. Contudo, algumas marcas ficam na memória, por conta da grande influência que o imaginário popular exerceu sobre eles. Rosalee, moradora da comunidade, conta que a excomunhão chegou até ela que pertence à quarta geração. Interessante notar o poder que exercia um preceito católico na vida do povo de uma região onde a religiosidade popular teve e ainda tem muito força. Mesmo havendo passado pela experiência do protestantismo e chegado à liberdade do tempo “pós-religião”, a crença na maldição que sobreveio sobre os mais velhos ainda perdura, apesar de se verem livres dela.

No documentário de Moreyra, o repórter diz à moradora Vânia, que é tataraneta de Maria Senhorinha, a mulher excomungada que deu origem à comunidade: “então você está fora da maldição, porque a maldição era só até a quarta geração?” E Vânia responde sorridente: “Graças a Deus.”²⁰ Apesar de não terem relação com nenhuma igreja, atualmente, a fé em Deus permanece. A demonstração da fé está bastante presente nas conversas entre os moradores da

¹⁷ ALVES, 2008, min. 11:42.

¹⁸ FAZENDEIRO, 2016, p. 60.

¹⁹ COMBLIN, J. *O Povo de Deus*. São Paulo: Paulus, 2002. p. 219.

²⁰ MOREYRA, 2014, min: 22:23.

comunidade. A todo tempo, se ouve a expressão “graças a Deus”²¹, não por força do costume, mas porque cultivaram a fé herdada do cristianismo. Maciel, que era morador da região no município vizinho de Piedade dos Gerais, foi acolhido para morar na comunidade Noiva do Cordeiro. Em uma entrevista relata sua experiência: “morar aqui na Noiva do Cordeiro é mais que um privilégio, é um presente de Deus, é onde a gente aprende a querer ser uma pessoa melhor, melhor para o outro e não melhor do que o outro.”²² No evidente discurso de amor ao próximo e nas relações fraternas vividas entre os membros da comunidade, manifesta-se o reconhecimento de que seu projeto de vida é dádiva de Deus e seu modo de viver é fruto da observância do que captaram e absorveram como essencial da mensagem de Jesus.

A religião foi deixada de lado, mas o elemento da fé continua presente entre os membros da comunidade. Mesmo os mais jovens da última geração e os adolescentes cultivam a crença em Deus, como podemos constatar na pesquisa de Fazendeiro na comunidade, quando pergunta como eles entendem os valores espirituais. Um deles responde: “a gente acredita muito em Deus. Pra mim o valor é ser um ser humano bom.”²³ Uma outra entrevistada, também, responde a mesma questão da seguinte maneira: “eu acredito em Deus. Pra mim, eu demonstrar para Ele o meu valor e demonstrar o valor que sinto por Ele é ser uma pessoa amorosa. Eu acho que é o que eu sou. É tudo de bom que você está fazendo.”²⁴ Esses valores são plenamente contemplados na Mensagem de Jesus sobre o anúncio do Reino. O Deus a que se referem esses jovens é o Deus de Jesus Cristo e eles aprenderam com a experiência dos mais velhos que fizeram parte de uma igreja cristã, que a essência da mensagem de Cristo se transmite com testemunho, com a prática de amor ao próximo e não somente através de palavras. Eles têm muito presente o que na religião foi distorcido do verdadeiro ensinamento e o que realmente é fundamental para suas vidas. Vale mencionar ainda o relato de um jovem sobre a experiência de Deus que fez, morando na comunidade:

Eu nasci na comunidade vizinha, mas sou daqui. Meu coração é Noiva do cordeiro. Não sei se porque já fui seminarista, mas o que é maravilhoso para mim é ver Deus em todos os detalhes. Coisa que eu não via sempre lá no seminário. É algo fantástico.

²¹ Podemos verificar também na fala da moradora Rosalee Fernandes, entrevistada em uma reportagem de programa televisivo quando fala da excomunhão sofrida: “Isso veio até a gente, igual eu tô na quarta geração e a gente sofreu muito com isso. Mas graças a Deus estamos deixando isso no passado” (SBREEBOW, N. *A Comunidade Rural Noiva do Cordeiro*. Programa Triângulo das Geraes. [Uberlândia:] Close, 2014. Parte I, min 3:50. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=4w7hLHIqmWk>>. Acesso em: 12 mar. 2021).

²² SBREEBOW, N. *A Comunidade Rural Noiva do Cordeiro*. Programa Triângulo das Geraes. [Uberlândia:] Close, 2014, parte II, min. 11:20. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=6n6LKZYWOsw>>. Acesso em: 12 mar. 2021.

²³ FAZENDEIRO, 2016, p. 66.

²⁴ FAZENDEIRO, 2016, p. 66.

Eu nunca vi tão profundamente quanto eu vi aqui. Não que não tenha visto também fora. Hoje eu sou daqui. (Rodolfo – Nome fictício – Morador da comunidade Noiva do Cordeiro).²⁵

Notamos por meio desses relatos, bem como através de outros mostrados no primeiro capítulo, que a ausência da religião na vida da comunidade não significa a falta de fé em Deus. Os valores internalizados através da experiência cristã pelos mais velhos, não só permanecem, como também são transmitidos aos mais jovens. Isso acontece, sobretudo, por meio do testemunho, o que faz com que as pessoas sintam a presença de Deus nos gestos de cuidado, na preocupação com o próximo, na vida fraterna, no amor, no respeito mútuo, enfim, na atitude plenamente cristã de cada um.

3.2 A instituição religiosa é necessária para a salvação?

A questão teológica que levou a Comunidade Noiva do Cordeiro à decisão de abandonar a Igreja foi o questionamento sobre a necessidade da religião para a salvação. O cansaço, a tristeza e o sofrimento infligidos pela doutrina da igreja Noiva do Cordeiro, associados ao enfraquecimento de seu líder religioso, fez com que a comunidade questionasse a validade daqueles duros preceitos para alcançar a salvação. A experiência da festa e da alegria encorajou os membros da comunidade a se convencerem de que o mais importante na vida é a felicidade. Se reuniram e deliberaram sobre o rompimento com a Igreja, pois não acreditavam mais na necessidade de tanto sofrimento imposto a eles para serem salvos. E no limite da situação, argumentavam: “vamos cultivar uma vida de amor, de ser caridoso com os outros... vamos viver uma vida honesta e pronto.”²⁶

Ao decidir não ter mais religião, a Comunidade Noiva do Cordeiro não se pergunta o que é necessário para a salvação. Apenas se dá conta de que era desnecessário continuar a vida que levava para alcançar a salvação. Obtém-se a clareza de que não se justifica a fé sofrendo para manter um preceito da instituição religiosa. O amor ao próximo, o exercício da caridade, a honestidade para com todos, enfim, a escolha do que realmente torna as pessoas felizes, foi a opção feita em favor da vida de todos. Com isso, a comunidade fez a experiência da libertação. Era importante salvar-se da situação de miséria e sofrimento. A vida fraterna pautada no amor e na partilha dos dons tornou-se para a comunidade sinal tão grande de libertação, que já não

²⁵ FAZENDEIRO, 2016, p. 5.

²⁶ MOREYRA, 2014, min. 09.12.

cabe mais a pergunta sobre a necessidade da confissão de fé na instituição religiosa para a salvação.

Se lermos a Comunidade Noiva do Cordeiro na perspectiva do Reino de Deus apresentado no segundo capítulo desta pesquisa, damos conta de que seu modo de viver se identifica profundamente com o proceder da Comunidade do Reino. A identificação com o Reino é já acolhimento da ação salvífica de Deus, como expressa Konings:

A boa-nova que Jesus anuncia é esta: O tempo estabelecido (*kairós*) se completou: o Reino de Deus chegou perto. Convertam-se, dando crédito à boa-nova. O tempo de espera acabou. Durante séculos, o povo oprimido pela exploração e pela dominação esperou que se instaurasse o Reino (ou reinado) de Deus, ou seja, uma sociedade em que realmente vingasse a vontade de Deus, que é bom e justo (SI 11,7; 116,5).²⁷

Ainda que nesse grupo social não se conceba a necessidade da religião para a salvação, há na comunidade o consenso de que o testemunho de vida de seus membros realiza a vontade de Deus de maneira plenamente cristã, o que, muitas vezes, não acontece dentro de muitas igrejas institucionalizadas. “A Igreja não é sempre o único lugar onde acontecem esses sinais. Mais ainda, com frequência tem acontecido e acontecem fora da Igreja.”²⁸ Se se considera que o batismo e a profissão de fé numa instituição eclesial são necessários à salvação, esse grupo não se salvaria. Contudo, nem sempre, professar a fé numa Igreja significa que uma pessoa batizada viva a conversão ao Reino de Deus que Jesus anunciou. Sesboüé elucidada, através do NT, que a salvação oferecida por Jesus não é restrita a um grupo.

No Novo Testamento vemos também Jesus elogiando os pagãos: Corazin e Betsaida não se converteram, enquanto que Tiro e Sidônia, sim. (Mt 11,20-24). Em nenhuma parte de Israel Jesus encontrou uma fé tão grande como a do centurião romano (Mt 8,10). Elogia também a fé da cananeia (Mt 15,28). Evangeliza a Samaritana, que chega a crer n’Ele (Jo 4). Louva a ação do bom Samaritano, que se fez próximo do homem que haviam deixado quase morto no caminho (Lc 10,29-37). A fé não se detém, portanto, nas fronteiras de Israel. O publicano volta ‘justificado’ para sua casa, por causa da humanidade de seu coração (Lc 18,10-14), outro centurião, o que se encontrava aos pés da cruz, se converteu por meio de um ato de fé (Mc 15,39), a rainha do sul se encontrará em uma situação favorável no dia do juízo, porque ela veio escutar a sabedoria de Salomão (Mt 12,38-42). Muitas dessas afirmações se inserem na dialética da substituição dos judeus pelos pagãos na economia da salvação. Do mesmo modo, o versículo de Marcos ‘quem não está contra nós, está a nosso favor’ (Mc 9,40), levanta o princípio de um prejuízo favorável ante aquele que faz o bem, ainda que não forme parte do grupo de Jesus. Estes diferentes exemplos mostram que a pertença atual ao povo escolhido não se apresenta de modo algum como condição decisiva para a salvação.²⁹

²⁷ KONINGS, 2018, p. 17.

²⁸ PANNENBERG, 1974, p. 49.

²⁹ SESBOÜÉ, B. *Fuera de la Iglesia no hay salvación*. Historia de una fórmula y problemas de su interpretación. Bilbao: Mensajero, 2006. p. 36. Todas as citações referentes a esta obra são traduções feitas por nós.

Servindo-nos do material bíblico, podemos verificar ainda com Sesboüé que, para Deus, o critério da salvação não se restringe a um povo ou a uma religião, mas se dá na prática do amor e da justiça. Este ideal de justiça é, plenamente, contemplado na mensagem do Reino anunciado por Jesus.

Os demais livros do Novo Testamento se mostram uníssonos com esta atitude. Nos Atos dos Apóstolos, após o encontro com Cornélio, nos diz que ‘Deus não faz acepção de pessoas, mas que, em qualquer nação, quem o teme e pratica a justiça, lhe é agradável’ (At 10,34-35). Deus, portanto, não distingue entre pagãos e judeus.³⁰

Podemos afirmar, do mesmo modo, que Deus não faz distinção de pessoas “dentro” ou “fora” da Igreja, mas leva em conta a prática da justiça e do amor misericordioso. Não é nosso foco nesta pesquisa aprofundar a questão soteriológica, contudo, abre-se à necessidade de um tópico sobre o tema, uma vez que esta foi a questão teológica colocada pela Comunidade Noiva do Cordeiro quando decidiu abandonar a Igreja.

3.2.1 A compreensão do mistério salvífico no magistério da Igreja

Voltando um pouco mais na história da Igreja, mais precisamente ao Concílio Ecumênico de Florença, encontramos a promulgação da bula *Cantate Domino* de 1442, na qual se afirma:

A Igreja crê firmemente, confessa e anuncia que “nenhum dos que estão fora da Igreja católica, não só os pagãos”, mas também os judeus ou hereges e cismáticos, poderá chegar à vida eterna, mas irão para o fogo eterno “preparado para o diabo e para os seus anjos” (Mt 25,41), se antes da morte não tiverem sido a ela reunidos; “ela crê” tão importante a unidade do corpo da Igreja, que só para aqueles que nela perseveraram os sacramentos da Igreja trazem a salvação e os jejuns, as outras obras de piedade e os exercícios da milícia cristã podem obter o prêmio eterno. “Nenhum, por mais esmolas que tenha dado, e mesmo que tenha derramado o sangue pelo nome de Cristo, poderá ser salvo se não permanecer no seio e na unidade da Igreja católica (DZ, n. 1352).

O Contexto da Idade Média, em que a Igreja promulgou a bula, era bastante diferente do contemporâneo. A Igreja na época tentava manter a unidade combatendo os “separatistas”, impondo suas “verdades” sobre a fé. No decorrer da história precisou acompanhar os “sinais

³⁰ SESBOÜÉ, 2006, p. 37.

dos tempos” e reorientar seu proceder à luz da Palavra de Deus. Já no Concílio Vaticano II, por meio da Constituição Dogmática sobre a Igreja, *Lumen Gentium*, admitiu uma nova visão:

O desígnio da salvação estende-se também àqueles que reconhecem o Criador, entre os quais vêm em primeiro lugar os muçulmanos, que professam seguir a fé de Abraão, e conosco adoram o Deus único e misericordioso, que há de julgar os homens no último dia. E o mesmo Senhor nem sequer está longe daqueles que buscam, na sombra e em imagens, o Deus que ainda desconhecem; já que é Ele quem a todos dá vida, respiração e tudo o mais (cf. At 17,25-28) e, como Salvador, quer que todos os homens se salvem (cf. 1Tm 2,4). Com efeito, aqueles que, ignorando sem culpa o Evangelho de Cristo, e a Sua Igreja, procuram, contudo, a Deus com coração sincero, e se esforçam, sob o influxo da graça, por cumprir a Sua vontade, manifestada pelo ditame da consciência, também eles podem alcançar a salvação eterna. Nem a divina Providência nega os auxílios necessários à salvação àqueles que, sem culpa, não chegaram ainda ao conhecimento explícito de Deus e se esforçam, não sem o auxílio da graça, por levar uma vida reta (*LG*, n. 16).

De outro modo a Constituição sobre a Igreja no mundo atual, *Gaudium et Spes*, ao tratar o tema da salvação através do mistério Pascal de Cristo, afirma ainda:

E o que fica dito, vale não só dos cristãos, mas de todos os homens de boa vontade, em cujos corações a graça opera ocultamente. Com efeito, já que por todos morreu Cristo e a vocação última de todos os homens é realmente uma só, a saber, a divina, devemos manter que o Espírito Santo a todos dá a possibilidade de se associarem a este mistério pascal por um modo só de Deus conhecido (*GS*, n. 22 §5).

Esses últimos documentos do Magistério da Igreja Católica reconhecem que o caráter salvífico da fé não é algo restrito a um grupo que professa a mesma fé numa única Igreja, mas é um dom de Deus oferecido a todos. Em sua obra *O Dogma que Liberta*, Segundo mostra que no decorrer da história da salvação os dados de fé em forma de dogmas vão sendo estabelecidos na tentativa de responder e dar sentido às crises de fé. Diante de um conflito vivido pelo povo de Deus, por exemplo, em que não se enxerga a solução para a dificuldade, é onde se estabelece o dogma com o objetivo de solucionar um problema. Com o passar do tempo, o contexto muda e o que foi comunicado anteriormente pode não fazer sentido no contexto presente. Assim, surge a necessidade de nova resposta à dúvida de fé apresentada. Deste modo, o que Deus revela através do homem é um processo contínuo, o qual Segundo chama de “processo pedagógico” em que o ser humano se deixa conduzir por um caminho contínuo de “aprender a aprender”.³¹ Esse é o caminho feito pela Igreja em toda sua história, a qual busca responder aos apelos da realidade de forma sempre mais correspondente com a Palavra de Deus. Com respeito a este tema, Sesboüé conclui:

³¹ SEGUNDO, J. L. *O dogma que liberta*. Fé, revelação e magistério dogmático. São Paulo: Paulinas, 2000. p. 85.

A comparação entre a Bula de Florença e as constituições do Vaticano II quer elucidar um problema sério sobre o exercício do Magistério. Um grande princípio da hermenêutica magisterial assinala que o dogma se desenvolve de uma maneira homogênea, seguindo uma continuidade coerente. A Igreja nunca volta sobre o que ensinou de maneira irreformável. No entanto, delimita e expressa cada vez com maior precisão a verdade que apontam seus ensinamentos anteriores.³²

O material teológico, seja ele dos dados bíblicos ou da Tradição da Igreja, tem a intenção de transmitir uma mensagem que subjaz nas entrelinhas do que está escrito. Para Segundo, “um povo, igualmente uma Igreja, nunca se identifica pela exatidão de um fato material, mas por um sentido constitutivo, por algo no qual se crê.”³³ Assim, se faz necessário refletir o sentido da mensagem recebida para que se tenha consciência daquilo em que se crê. Por isso, não se pode absolutizar um ensinamento sem o conhecimento de seu contexto e fechar-se nele sem abertura para viver um processo de crescimento na fé por meio da mensagem recebida que a própria Igreja reconhece tratar-se de uma “pedagogia Divina e não de um ditado, e que, nessa pedagogia, é necessário admitir coisas imperfeitas e transitórias.”³⁴ O autor destaca que já no AT, a mensagem de Deus mostra um mesmo fato narrado em duas versões diferentes, de modo que uma não nega a outra, mas acrescenta algo novo para responder a uma problemática que, num contexto posterior, a mensagem anterior já não pode responder. Isso nos ajuda a entender o processo pedagógico no qual Deus ensina seu povo e, neste processo humano, o homem é responsável pela transmissão da mensagem e, assim sendo, o dado de fé que se transmite não pode ser infalível, mas é um material a serviço da pedagogia divina que continuamente conduz e ensina o povo a caminhar na busca de sentido. É por esse mesmo processo que a Igreja se deixa conduzir para transmitir a mensagem de salvação dada por Deus.

A revelação divina, afirma Segundo, está “sempre em processo”. Ambos os Testamentos passam por esse “processo educativo” no qual “a pedagogia bíblica não acumula informações, mas ajuda o homem a aprofundar em seus problemas e a resolvê-los através de uma experiência cada vez mais acertada.”³⁵ Tal processo requer abertura e reconhecimento de que, por diferentes caminhos, e em diversos momentos da história, Deus ensinou e continua ensinando seu povo. “O ensinado ‘antes’ e ensinado ‘depois’ constitui um processo, o reconhecimento profundamente pedagógico do processo a ser seguido.”³⁶ Para crescer na fé,

³² SESBOÛÉ, 2006, p. 15.

³³ SEGUNDO, 2000, p. 76.

³⁴ SEGUNDO, 2000, p. 83.

³⁵ SEGUNDO, 2000, p. 85.

³⁶ SEGUNDO, 2000, p. 108.

superando as crises, a Igreja deve mostrar-se aberta a fazer esse caminho disposta a levar os fiéis a caminharem ao lado de um Deus “pedagogo” que oferece a todos a salvação. Nesse sentido, a Igreja reconhece que o afirmado antes a respeito da salvação não é infalível, mas pode ser revisto à luz da Palavra, buscando sempre responder aos apelos do contexto presente.

3.2.2 A concepção de salvação na tradição protestante

De forma breve, recolhemos alguns pontos apresentado por Sesboüé sobre o caráter soteriológico na tradição protestante. Vários teólogos e pastores da Reforma tiveram presente a teologia dos Padres da Igreja nos seus inícios. No contexto da rivalidade com a Igreja Católica, após a separação, as teologias, tanto do lado católico, quando do lado protestante, tornaram-se, de certa forma, grandes disputas teológicas. Com o passar de séculos, assim como a teologia católica, também a protestante foi fazendo novas leituras da realidade.

De forma geral, a concepção da salvação se destina aos que são chamados à Igreja de Cristo e nela confessam a fé no Cristo.³⁷ De acordo com Sesboüé, ao longo de séculos, surgiram várias tendências nas igrejas cristãs.

A tendência das Igrejas chamadas ‘evangélicas’ (*evangelical*), pretende permanecer fiel, pelo menos em princípio, às afirmações mais rigorosas. Normalmente, não há salvação, senão, para aquele ou aquela que ouviu o Evangelho, acreditou e se batizou. Esta convicção se encontra na base de uma motivação missionária extremamente forte, em virtude da urgência da evangelização. Esta tendência se encontra hoje muito viva.³⁸

Ainda de acordo com Sesboüé, um outro informe da Comissão de diálogo sobre a missão, estabelecido entre a Igreja Católica e as igrejas evangélicas, afirma que, enquanto os católicos concebem que a misericórdia de Deus atua sobre a “maioria da humanidade de uma maneira eficaz em nome da benevolência e de sua graça, os evangélicos consideram que este ponto de vista carece de justificação bíblica explícita e que teria como consequência diminuir o zelo evangelizador da Igreja.”³⁹ Nesse sentido, a concepção evangélica se mostra menos aberta a crer na salvação dos que não confessam a fé em Jesus Cristo.

Numa outra declaração de outro comitê citado por Sesboüé, se afirma:

³⁷ Esta concepção vem de Calvino e exerceu bastante influência em muitas igrejas cristãs.

³⁸ SESBOÜÉ, 2006, p. 286.

³⁹ SESBOÜÉ, 2006, p. 287.

Uma declaração recente do Comitê Francês de Lausana (2001), que representa a maior organização de evangélicos de todo o mundo, intitulada *Un unique Christ pour tous. Les religions et le salut en Jésus-Christ* (Um único Cristo para todos. As religiões e a salvação em Jesus Cristo) recolhe as afirmações essenciais da Declaração de Lausana de 1974. Nela se reconhece que Jesus Cristo é o único mediador que salva pela graça mediante à fé. De acordo com a posição mais difundida, a fé explícita é absolutamente necessária. Entretanto, alguns admitem também que não se exclui, por causa do testemunho da fé dos crentes da Antiga Aliança, que os não cristãos possam alcançar a salvação fora dessa fé explícita.⁴⁰

Em geral, há certa convergência na concepção da salvação pelas igrejas cristãs, embora haja também divergências em admitir a salvação para os que não professam a fé em Jesus Cristo como salvador. Sesboüé destaca que as grandes dogmáticas protestantes, desde Karl Barth a Eberhard Jungel, não citam mais que fórmulas rápidas. Para Barth, por exemplo, “a Igreja não é mais que a forma de existência sob a qual Cristo sai ao encontro do mundo na história. Não é fora da Igreja, senão, fora da pertença de todos os homens a Jesus Cristo, onde a Igreja se reconhece, confessa e afirma que não há salvação.”⁴¹ Com o tempo, as igrejas da Reforma⁴² consideraram a dimensão salvífica na perspectiva da modernidade. “Ainda que, com relação à concepção do papel da Igreja na mediação da salvação não seja a mesma em ambas as partes, esta evolução se mostra bastante convergente com a que tem experimentado a Igreja católica.”⁴³

3.2.3 A salvação para além da concepção das Igrejas

Para Pannenberg, que foi um teólogo protestante, “a fé cristã na revelação leva consigo o perigo de que os cristãos, e em particular, os portadores dos mistérios cristãos, se achem ilusoriamente possuidores da verdade.”⁴⁴ Os exemplos citados anteriormente indicam que o “critério de fé ou não fé segue sendo muito mais decisivo do que o vínculo com uma comunidade religiosa,”⁴⁵ conclui Sesboüé. A fé cristã admite a salvação como dom da graça divina e esta se dá pela fé em Cristo. Contudo, a dimensão salvífica da fé vai além do que uma igreja possa determinar a partir de doutrinas; consiste, sobretudo, numa práxis, num viver de acordo com a vontade de Deus manifestada em Jesus, como bem expressa Aquino Junior:

⁴⁰ SESBOÜÉ, 2006, p. 287-288.

⁴¹ SESBOÜÉ, 2006, p. 290.

⁴² Não podemos afirmar que as correntes evangélicas neopentecostais da atualidade fundamentadas da teologia da prosperidade seguem o mesmo princípio da tradição protestante.

⁴³ SESBOÜÉ, 2006, p. 290.

⁴⁴ PANNENBERG, 1974, p. 38.

⁴⁵ SESBOÜÉ, 2006, p. 39.

A fé cristã designa “o ato pelo qual a salvação que teve lugar em Cristo alcança as pessoas e as comunidades, transformando-as e iniciando uma nova criação”. Essa salvação não consiste, primariamente, na entrega de verdades ou doutrinas sobre Deus nem em exigência de ritos religiosos, mas num dinamismo prático-salvífico (1Cor 4,20). Consequentemente, a fé, enquanto abertura e acolhida desse dinamismo, não consiste, primariamente, em aceitação e confissão de doutrinas ou em ritos religiosos, mas em participação nesse mesmo dinamismo (2Cor 5,17-21). Ela consiste, portanto, num jeito de viver a vida, numa práxis: viver como Jesus viveu! Numa palavra, ela consiste no seguimento de Jesus de Nazaré. E aqui não basta ter fé em Jesus (confessá-lo doutrinariamente e celebrá-lo ritualmente), é preciso ter a fé de Jesus (viver do que e como ele viveu), o iniciador e consumidor da fé (Hb 12,2): “uma fé ativada pelo amor” (Gl 5,6), que se mostra nas obras (Tg 2,18), que nos leva a passar “fazendo o bem” (At 10,38).⁴⁶

As igrejas, seguramente, têm muito a aprender no seguimento de Jesus, enquanto caminha “nas estradas do mundo” na esperança da salvação. Segundo insiste que “esta verdadeira ‘pedagogia divina’⁴⁷ tem ainda muito a nos dizer e ensinar. Existe aí um ‘magistério’ em ação.”⁴⁸ Deus, com sua pedagogia, tem sempre algo novo a comunicar ao ser humano. Aprender a aprender é condição fundamental nesse processo salvífico da caminhada do ser humano. A busca da verdade plena será sempre contínua como nos revela a teologia joanina no Quarto Evangelho: “tenho ainda muitas coisas a vos dizer, mas não podeis agora suportar” (Jo 16,12). Isso mostra que a revelação é contínua e continuará até o fim da humanidade. Dessa forma, a Igreja, ou melhor, “as igrejas” estão em contínuo aprendizado, no qual a pedagogia divina terá sempre algo a ensinar. Conforme Pannenberg, “se a Igreja é mediadora da salvação futura para o indivíduo, a vida eclesial deveria aparecer, já agora, como sinal da identidade e integridade do ser humano, que se antecipam eficazmente nela.”⁴⁹

Na concepção do pastor da extinta Igreja Noiva do Cordeiro, somente aquele grupo se salvaria. Isso passou a ser questionado pela comunidade e, assim, surgiu a pergunta: como pode um povo ter que viver uma vida inteira de sofrimento para ir para o céu? Nesse despertar-se para a realidade humana em que viviam, os membros da comunidade chegaram ao discernimento de que, independentemente de ir ou não para o céu, o mais importante seria a libertação da opressão. O processo de salvação passa pelo caminho da libertação. É importante que as pessoas, um povo ou uma comunidade se dê conta desse processo de redenção através do amor. Concordamos com Rodríguez quando afirma que:

⁴⁶ AQUINO JUNIOR, 2011, p. 20.

⁴⁷ Segundo, em toda sua obra “O dogma que liberta”, constantemente, volta a repetir que a pedagogia Divina é um processo contínuo de aprender a aprender. Por isso deve-se ter consciência de que a verdade não está numa informação exata, mas no processo educativo.

⁴⁸ SEGUNDO, 2000, p. 118.

⁴⁹ PANNENBERG, 1974, p. 61.

O processo de salvação se percebe com as capacidades que temos a nosso alcance, nosso mundo psíquico está a serviço da consciência de sermos seres humanos redimidos pelo amor. Daí a relação entre processos de resiliência e espiritualidade resiliente, pois esse deixar-se tocar pela graça de Deus, é fruto de uma abertura de fé a esse Deus que não envia males para comprazer-se de nossos sofrimentos.⁵⁰

De fato, em toda a história da salvação, Deus sempre se mostra favorável a seu povo e quer libertá-lo da opressão.⁵¹ O modo como o povo de Noiva do Cordeiro compreendeu a salvação pode não ter sido o concebido por nenhuma Igreja, mas, sem dúvida, entendeu que Deus não quer ver seu povo na opressão e, assim, encontrou uma espiritualidade resiliente e salvífica conforme expressou Rodríguez.

3.3 Ausência de “religião” e presença de valores cristãos

Uma das características da Comunidade Noiva do Cordeiro que mais chama a atenção é o fato de não ter nenhum vínculo com uma Igreja e, entretanto, compreende no seu seio valores profundamente cristãos. O modo particular de viver da comunidade despertou o olhar de gente no mundo inteiro. Contudo, o mais comovente é a história da comunidade, sua experiência de fé, o caminho percorrido até chegar ao que é hoje.⁵² A Igreja institucionalizada acabou e dela restou somente aquilo que faria da comunidade, uma comunidade diferente.⁵³ Embora não exerça nenhuma atividade religiosa, seu povo cultiva valores espirituais, os quais podemos distinguir facilmente na Comunidade do Reino querida por Jesus. Isso é um importante elemento a se considerar para ver que o Reino de Deus se concretiza em qualquer realidade nas quais se busca viver o desejo de Deus.

Castilho afirma que “o Reinado de Deus se realiza naqueles grupos de pessoas que compartilham e se solidarizam na igualdade e na felicidade compartilhadas.”⁵⁴ Não tem a ver, propriamente, com o ambiente religioso, isto é, não se trata de uma realidade particular das igrejas cristãs. É, antes de tudo, trabalhar para que os seres humanos, em qualquer grupo ou

⁵⁰ RODRÍGUEZ ARENAS, 2015, p. 90.

⁵¹ Ex 3,7-10; 14,30; Sl 34,17; Is 9,1-3; 14,1-2; 43,16-21 61,1-2; Mt 11,28; Lc 4,18-19.

⁵² “A comunidade Noiva do Cordeiro [...], num lento e intrincado processo de rupturas e reconstruções políticas, afetivas, religiosas e ideológicas, que já dura mais de um século, essa comunidade forjou um modo de vida alternativo e radical, que inclui partilha de bens e uso comum da terra, produção e gestão coletiva do trabalho, liderança política e espiritual de mulheres, abandono da igreja e qualquer outra forma de religião institucionalizada, fim do casamento civil e religioso. Mesclada ainda por uma série de episódios de perseguições e preconceitos a que esteve submetida, a história de Noiva do Cordeiro é um episódio fascinante.” (SCHULTZ, 2013, p. 105).

⁵³ ALVES, 2008, min. 11:12.

⁵⁴ CASTILLO, 2016, p. 24.

comunidade, se queiram, sejam solidários, vivam de tal forma que todos contribuam para que cada um se sinta bem e melhor. O Reino de Deus, continua Castilho, “é o desejo de amar e de sentir que há pessoas que nos apreciam, nos valorizam e nos amam, a aspiração a ser e viver como seres livres, pessoas que se sentem úteis na vida, que desfrutam da vida e contagiam de alegria.”⁵⁵ Esses sinais do Reino manifestam-se no testemunho dos membros da Comunidade Noiva do Cordeiro, como podemos constatar na entrevista de Fazendeiro, quando pergunta pelos valores da comunidade. Entre as respostas das pessoas entrevistadas destacam-se valores como a partilha, o amor, a confiança, o cuidado, a alegria, como podemos notar no seguinte relato:

“Eu não quero o melhor só para mim. Tem que ser para todo mundo. O pão tem que dividir” [...], “acho que o primeiro é o amor. Quando você usa ele para todas as coisas você se dá bem. Confiança e consideração” [...], “acho que o principal para você viver bem é não ter egoísmo, se tem egoísmo não tem lugar para mais nada” [...], “E antes mesmo de eu me preocupar comigo tem um tanto de gente que se preocupa comigo. Faz a gente se sentir muito especial. É muito gostoso ser e sentir amado o tempo todo. A coisa que a gente mais sente é que tem um tanto de gente que me cuida, que me ama” [...], a comunidade é feita de ação.”⁵⁶

Os moradores da comunidade, após a superação do preconceito sofrido, têm orgulho de dizer que são de Noiva do Cordeiro. Isso mostra o sentido de pertença⁵⁷, o amor pela comunidade que se manifesta no amor entre seus membros. Para Castilho, “alguém que é ‘pequeno’ fomenta a bondade, a ajuda entre todos, faz que todos sejam melhores. Isso é pôr em prática o Reino de Deus.”⁵⁸ Nessas atitudes podemos identificar valores profundamente cristãos que são traços peculiares da comunidade querida por Jesus. Esse deve ser o espírito da Comunidade do Reino, como mostra o Papa Francisco na Encíclica *Fratelli Tutti*: “nos dinamismos da história – independentemente da diversidade das etnias, das sociedades e das culturas – vemos semeada a vocação a formar uma comunidade feita de irmãos que se acolhem mutuamente e cuidam uns dos outros” (FT, n. 96). Esse deve ser o proceder da Comunidade do Reino que, de acordo com Castilho, para ser autenticamente cristã, todos devem praticar o que Deus manda.

⁵⁵ CASTILLO, 2016, p. 28.

⁵⁶ O referido trecho é um recorte de várias frases das respostas de diferentes pessoas da comunidade à uma pesquisa de dissertação. (FAZENDEIRO, 2016, p. 57).

⁵⁷ “Essa talvez seja uma das grandes marcas da comunidade. Um senso de pertencimento e orgulho de tudo aquilo que se construiu.” (FAZENDEIRO, 2016, p. 44).

⁵⁸ CASTILLO, 2016, p. 88.

O Reinado de Deus consiste na nova sociedade na qual as pessoas honradas (os verdadeiros crentes em Jesus) põem-se a compartilhar o que são e o que têm. [...]. O Reino de Deus começa a funcionar quando em um grupo de pessoas, em uma comunidade, todos se põem a fazer isso, ou seja, todos se sentem seguros, com as costas bem guardadas, ninguém se sente só nem menosprezado, não vai faltar nada para ninguém, porque todos estão dispostos a viver para os outros.⁵⁹

Muitas vezes, o que afasta as pessoas do Reino, mesmo que elas se declarem cristãs, é a absolutização da religião em detrimento do acolhimento da mensagem do Reino trazida por Jesus. Quando a imposição de normas e preceitos incoerentes com o Evangelho se torna uma carga pesada demais para ser suportada e causa opressão, já não há presença do Reino de Deus, pois esse reinado compreende relações transformativas, como bem expressa Rodríguez: “não se trata somente de ideias que se entendem, senão de entrar em relação com o outro para que se possa experimentar o Deus da vida. Por isso, o Reino de Deus não está aqui ou ali, mas é uma experiência concreta.”⁶⁰ Assim sendo, não se pode afirmar que o Reino de Deus se encontra na Igreja ou fora dela, mas se torna presente naquele grupo humano que internaliza a profundidade da mensagem de Jesus. O Reino, tal como o compara Jesus, necessariamente, não significa uma relação direta com uma religião, pois nem sempre a manifestação da fé numa igreja institucionalizada é fiel à sua proposta. Quando todos se queiram, se ajudem, fazendo-se solidários uns com os outros para que o próximo se sinta bem e melhor, o Reino de Deus torna-se realidade. Concordamos plenamente com Rodríguez quando afirma:

Não se pode falar de Deus à margem de seu Reino; só se pode aceder a Ele realizando sua vontade na história. Para Jesus não existe um espaço religioso privilegiado e autônomo à margem e por cima da relação inter-humana. Por isso, quando falamos de Reino de Deus, não devemos entender como um lugar ou espaço, mas como uma ação, um reinado.⁶¹

As relações inter-humanas da Comunidade Noiva do Cordeiro mostram como seus moradores se querem e isso porque cada um se sente cuidado e amado no grupo. Observamos no dinamismo da comunidade uma correspondência profundamente condizente com a mensagem do Reino apresentada por Jesus. Fazendeiro mostra que “a marca da espiritualidade dentro de Noiva do Cordeiro está nas relações com o próximo. Nas relações de amor, respeito e cuidado.”⁶² A Igreja acabou, mas a fé permaneceu. Roese nota que “o rompimento com a religião clássica não significou o fim da fé. A ruptura se dá com a forma, e não com o princípio.

⁵⁹ CASTILLO, 2016, p. 28-29.

⁶⁰ RODRÍGUEZ ARENAS, 2015, p. 61.

⁶¹ RODRÍGUEZ ARENAS, 2015, p. 33.

⁶² FAZENDEIRO, 2016, p. 48.

Abandona-se a igreja e a religião, mas não a fé.”⁶³ A fé se manifesta, sobretudo, no cultivo dos valores espirituais herdados da experiência cristã e se faz notar com grande força na prática de vida desse povo. A vida que tudo partilha não permite desigualdade ou indiferença. Ninguém se impõe sobre o outro. Os membros da comunidade não se cansam de repetir o lema: “a gente vive uns pelos outros.”⁶⁴ O modo de vida horizontal é já um novo modelo de espiritualidade constitutivo da Comunidade do Reino cuja força unificadora se sustenta no amor. Foi com esse espírito que a Comunidade Noiva do Cordeiro superou todas as desventuras enfrentadas até alcançar a vida desejada. Para Rodríguez, “a superação de adversidades é fruto de um encontro sanador com outros, é uma dinâmica humanizadora que permite, em muitos casos, descobrir um sentido novo na vida.”⁶⁵ De uma forma ou outra a igreja da comunidade teve seu papel nesse processo. Embora a comunidade, hoje, não tenha religião, a espiritualidade do Reino se faz fortemente presente na vida de seus moradores. Concordamos com Pannenberg que o poder do amor desinteressado que transforma a realidade não depende da religião, pois “o poder do amor não é nenhuma propriedade ou privilégio das igrejas. Mais bem, se propaga com frequência nas igrejas uma atmosfera sufocante que não dá margem ao livre alento da vida e do amor.”⁶⁶ O que, muitas vezes, sufoca a fé dos batizados é a imposição de moralismos que não levam à verdadeira conversão. A mensagem das igrejas deve ser libertadora e levar a superação de todos os obstáculos que impedem os fiéis de viverem a experiência do Reino de Deus.

Jesus, no Sermão sobre a Montanha, nos alerta que os verdadeiros discípulos do Reino não são os que o proclamam “Senhor”, mas os que realizam o que Ele pede. Por isso, nos diz que “nem todo aquele que me diz, ‘Senhor, Senhor’ entrará no Reino dos Céus, mas sim aquele que pratica a vontade de meu Pai que está nos céus” (Mt 7,21). É bastante comum encontrarmos entre os cristãos expressões como “a paz do Senhor!”, “amém, Senhor Jesus!”, “Jesus Cristo é o Senhor!”, mas nem sempre, se testemunha com a vida o que Jesus ensina. Aquino Junior nota também que “no seguimento de Jesus não basta andar com Jesus no peito (“Jesus é o Senhor”; “Jesus é 10” etc.), é preciso ter peito para andar com Jesus: Quem diz que permanece em Deus deve, pessoalmente, caminhar como Jesus caminhou (1Jo 2,6).”⁶⁷ O Reino de Deus torna-se presente quando as pessoas, verdadeiramente, testemunham os ensinamentos de Cristo com suas ações. Aos que proclamam Jesus Cristo, Senhor, mas não realizam com a vida a vontade de Deus, Jesus mesmo diz: “em verdade vos digo que não vos conheço” (Mt 25,12). Deus

⁶³ ROESE, 2010, p. 159.

⁶⁴ ALVES, 2008, min: 11:51.

⁶⁵ RODRÍGUEZ ARENAS, 2015, p. 67.

⁶⁶ PANNENBERG, 1974, p. 65.

⁶⁷ AQUINO JUNIOR, 2011, p. 20.

desconhece os que se servem de seu nome como se fosse um privilégio proclamá-lo Senhor de suas vidas, mas não vivem a vida do Reino oferecida por Jesus.

Uma comunidade que não se deixa conduzir pelo espírito de Jesus não forma a Comunidade do Reino. Para que Deus exerça seu reinado sobre a vida das pessoas, é necessário que elas testemunhem a mensagem do Reino anunciada por Jesus Cristo. Como bem nota Pannenberg, “uma ação que procede do espírito do Reino de Deus integra a vida do indivíduo em uma comunidade.”⁶⁸ Mesmo não tendo qualquer relação com a Igreja institucionalizada, a Comunidade Noiva do Cordeiro oferece um testemunho de vida comunitária provocador. Proporciona-nos elementos para refletirmos sobre nosso caminho como comunidade de fé e examinarmos o quanto vivemos ou deixamos de viver os valores da mensagem Reino de Deus. Nesse sentido, Sobrino nos chama a atenção para uma abertura da mente no intuito de aprender com o bom exemplo de outras confissões religiosas ou de qualquer grupo humano.

Não basta repetir rotineiramente que a Igreja não é o reino de Deus, senão sua servidora; que essa tarefa a Igreja (católica) não deve caminhar só, mas colaborar com e aprender de outras igrejas cristãs e de todos os homens de boa vontade que objetivamente servem também à proximidade do Reino e inclusive, estão a nossa frente. [...] A Igreja deve iluminar-se concretamente na realização do seguimento de Jesus. [...] A missão da Igreja tem que ser pensada e concretizada a partir da proximidade com o Reino de Deus. Isso, tanto hoje como no tempo de Jesus, toma formas concretas e verificáveis. [...] A práxis do amor é o fim último que pode realizar; esse amor tem de ser eficaz, realmente transformador.⁶⁹

Guiados por esse espírito unificador, os moradores da Comunidade Noiva do Cordeiro têm no horizonte uma grande preocupação com a transmissão dos valores vividos. Isso acontece com o testemunho de cada pessoa e, de modo particular, na educação das crianças, pois levam muito a sério a premissa de que as crianças de hoje serão líderes de amanhã.

3.3.1 A transmissão dos valores espirituais na vida da comunidade

Nas diversas falas e depoimentos de moradores da Comunidade Noiva do Cordeiro, fica evidente que Delina Fernandes⁷⁰ exerceu e exerce grande influência na vida dos moradores da comunidade. A comunidade renuncia a religião, como podemos constatar em Roesse, mas

⁶⁸ PANNENBERG, 1974, p. 102.

⁶⁹ SOBRINO, 1978, p. 363.

⁷⁰ A imagem de Delina Fernandes se institucionalizou com grande força como matriarca após o fim da Igreja e mudanças na comunidade. (MORAIS, L. P. R. de. *Comunidade Rural Noiva do Cordeiro: Estruturas de um Sistema econômico Baseado no Vínculo comunitário*. 2018. 102 p. Dissertação (Mestrado em administração) – Faculdade de Administração, UFV, Viçosa, 2018. p. 73.

“Delina não abandona os valores espirituais e humanos que aprendeu ao longo de sua vida. E agora ela reúne as pessoas no casarão e lhes ensina regras de convívio e comportamento, o amor ao próximo, o respeito e sobre a divisão de bens.”⁷¹ Ainda que a matriarca seja uma liderança forte na vida da comunidade, o senso de responsabilidade e a internalização dos valores espirituais recebidos se faz fortemente presente na vida de cada morador. Morais constata que “os membros da comunidade não criaram vínculos fortes somente com Delina, esses vínculos também se desenvolveram entre todos os membros, e também entre cada um deles com a própria ideia da comunidade.”⁷² Assim, Noiva do Cordeiro se tornou uma instituição com uma identidade fortalecida, não só internamente, mas também no ambiente externo. No seu contexto nos parece oportuna a definição de valores espirituais apresentada por Rodríguez que diz:

Comumente, quando falamos de espiritualidade nos focamos nas tradições religiosas; entretanto, esta não se reduz à linguagem religiosa. A espiritualidade, para ser sentida em todo o seu dinamismo, deve estar situada no âmbito das experiências humanas. A espiritualidade humana é muito mais que uma vocação, é o fluir da existência do homem e da mulher como criaturas espirituais. Não são as instituições que suscitam a espiritualidade, são os membros de uma instituição que a transmitem. Teófilo Cabestrero afirma que o fato de que uma pessoa possa viver uma ‘espiritualidade humana’ à margem das igrejas e de qualquer religião, não é somente uma possibilidade, mas uma realidade. Mais ainda: é a realidade cotidiana básica, universal e massiva na humanidade, e se generaliza a convicção de que as pessoas podem viver sem fé cristã e sem religião, porém não podem viver sem ‘espiritualidade humana’, porque sem ‘espiritualidade’ se desumanizam.⁷³

Observamos, contudo, que a espiritualidade vivenciada e transmitida na Comunidade Noiva do Cordeiro, como vimos, tem seu fundamento no cristianismo. Esse é um dos fatores que nos levam a identificá-la como Comunidade do Reino, visto que esses valores espirituais são traços expressivos da mensagem de Jesus sobre o Reino de Deus. Fazendeiro afirma que “os valores espirituais para os indivíduos da comunidade estão voltados para ações que representam o bem. Esses valores estão desvinculados de uma religião institucionalizada, são valores absorvidos por cada um a partir de uma experiência comunitária”⁷⁴ que, de acordo com Delina, a matriarca da comunidade, aprenderam na Igreja. Assim ela mesma diz: “pra mim, veio foi da religião mesmo.”⁷⁵ Se a consolidação e transmissão desses valores, no início, se deve a Delina, hoje, sua continuidade se dá através de todos os moradores, como mostra

⁷¹ ROESE, 2010, p. 155.

⁷² MORAIS, 2018, p. 96.

⁷³ RODRÍGUEZ ARENAS, 2015, p. 99.

⁷⁴ FAZENDEIRO, 2016, p. 66.

⁷⁵ ALVES, 2008, min: 11:45.

Fazendeiro: “na Comunidade Noiva do Cordeiro, podemos identificar esse ‘dentro de nós’ bem forte nas falas sobre as ações, sobre o que se aprendeu com os pais e o que se faz dentro da comunidade.”⁷⁶

Ainda, de acordo com Fazendeiro, há uma pedagogia na forma de transmissão desses valores espirituais na comunidade que se mostra muito presente em expressões de fé em Deus na vida das pessoas.⁷⁷ Cada pessoa se sente cuidada, valorizada e querida no que vive e faz. A máxima do grupo é o amor mútuo. Quando as pessoas se deixam mover pelo amor misericordioso, o Reino se faz próximo, pois está nas relações que produzem vida.

Deus reina onde cada um é ele mesmo e, por isso, é mais livre, sente-se mais à vontade, mais feliz e coloca essa felicidade a serviço da bondade, da misericórdia, de modo que haja mais harmonia, mais respeito, mais tolerância, mais transparência e mais sinceridade. O decisivo no Reino de Deus não está na religião, nem no clero, nem nas normas, nem nas verdades ou nos ‘dogmas’. No Reinado de Deus, o decisivo está na honra e na honestidade total de cada pessoa.⁷⁸

A Comunidade Noiva do Cordeiro se identifica plenamente com essa afirmação de Castillo. A identificação das pessoas com a proposta de vida da comunidade faz com que cada um sintam-se valorizado e feliz no ambiente em que vive. Assim, os valores são transmitidos com exemplos, como nos contam os próprios moradores ao responder a entrevista de Fazendeiro.

“A gente observa muito, se alguém está triste e eu percebo. Se não, a Clarisse percebe, ou qualquer outra pessoa e a gente faz algo para cuidar. Já buscamos fazer alguma coisa pela pessoa. É um cuidando do outro o tempo todo. Nunca acaba”. [...]; “Todo mundo aqui é muito parecido, tem o mesmo objetivo: o objetivo é viver bem e respeitar. O objetivo é amar, respeitar e fazer dessa vida o melhor para o outro e para si”. [...]; “Porque se eu falar com meu filho: Não faz isso. Mas se ele me vê fazendo você acha que vai adiantar? Agora se eu tô fazendo uma coisa boa, ele tá aprendendo com aquilo que eu tô fazendo. Então se ele vê a minha mãe amando as pessoas e respeitando... tendo carinho com os mais velhos...”. [...]; “Ser vale mais do que falar”.⁷⁹

Chama-nos a atenção, de modo particular, o exemplo do filho dado por uma mãe membro da comunidade: “se digo para meu filho: não faça isso, mas ele me vê fazendo, adiante alguma coisa? Mas se ele vê minha mãe amando as pessoas e respeitando...”. Nesse exemplo

⁷⁶ FAZENDEIRO, 2016, p. 67.

⁷⁷ FAZENDEIRO, 2016, p. 60.

⁷⁸ CASTILLO, 2016, p. 94.

⁷⁹ O trecho citado é um recorte de respostas de várias pessoas à pergunta: Como são transmitidos os valores na comunidade? (FAZENDEIRO, 2016, p. 62).

torna-se muito evidente e convincente que os ensinamentos, se não forem acompanhados de exemplos, isto é, com o testemunho de vida, de nada adiantam. Uma criança ou mesmo um adulto aprende a amar sendo amado, aprende a fazer o bem vendo os outros fazendo. Ensinar com o exemplo foi uma prática na vida de Jesus e esse ensinamento nos deixou: “dei-vos o exemplo para que, como eu vos fiz, também vós o façais” (Jo 13,15). Ao comentar o contexto da última ceia de Jesus, Castilho afirma:

O evangelho de João, que foi escrito depois, pontua o que aconteceu ali (no contexto da última ceia). Em vez de relatar a cerimônia do pão e do vinho, o que este Evangelho recorda é o mandato do amor mútuo, de modo que, para Jesus, “nisto conhecerão que sois meus discípulos” (Jo 13,34-35). Os cristãos são conhecidos e reconhecidos não pela prática de uma religião, nem porque são batizados ou vão à missa. Os cristãos são reconhecidos por serem pessoas que se querem tanto que esse carinho não tem outra explicação a não ser o fato desse amor, desse respeito, dessa tolerância, a delicadeza para com todos, tudo isso não tem outra explicação a não ser o seguimento de Jesus.⁸⁰

A transmissão da Boa Notícia do Reino pelos discípulos de Jesus foi testemunhal. O discípulo do Reino, também hoje, é chamado a viver e testemunhar o seguimento de Cristo com a vida, continuando o exemplo do Mestre. Somente assim é possível estabelecer a Comunidade do Reino. Podemos constatar no exemplo da Comunidade Noiva do Cordeiro a transmissão dos valores do Reino através do exemplo de cada pessoa. Mesmo não professando a fé numa Igreja institucionalizada, o testemunho de vida de seu povo corresponde ao que Jesus espera de seus discípulos. Isso nos aproxima ainda mais da constatação de que o dinamismo da comunidade se identifica intensamente com o proceder da Comunidade do Reino.

Sem sombra de dúvidas, estes são exemplos maravilhosos de vida e, sem duvidar tampouco, temos que afirmar que são inumeráveis os testemunhos de pessoas que têm percorrido caminhos de lutas e sofrimentos, onde puderam ler a presença de Deus e conseguido uma espiritualidade de fortaleza e de esperança em um futuro melhor.⁸¹

Não cabe dúvida de que tal afirmação de Rodríguez, se insere profundamente na história e na vida do povo de Noiva do Cordeiro, que enfrentou sofrimento, difamação, exclusão e miséria e superou tudo de forma resiliente até encontrar um profundo sentido para a vida. Seus moradores puderam identificar a presença de Deus nesse caminho e fazer uma Teografia na existência da comunidade.

⁸⁰ CASTILLO, 2016, p. 101.

⁸¹ RODRÍGUEZ ARENAS, 2015, p. 105.

3.3.2 Sinais do Reino na vida comum e na comunhão dos corações

Já mencionamos que uma das características marcantes da Comunidade Noiva do Cordeiro é a vida comum. Os moradores sentem orgulho em dizer que a vida partilhada é o mais bonito da comunidade, como podemos notar no relato de uma moradora: “a gente vive aqui em união, em harmonia, nada é de ninguém, tudo aqui é de todo mundo e ninguém aqui tem mais do que ninguém, é tudo igual. Isso é o que acho mais importante aqui, é ninguém se destacar uns dos outros.”⁸² Eles internalizaram de tal modo o senso de responsabilidade que não há uma obrigatoriedade na execução das tarefas. Cada pessoa busca realizar a tarefa que melhor sabe fazer. Podemos observar o modo como essa experiência é vivida na constatação de Moraes que diz:

A falta de formalização quanto ao trabalho indica a pouca preocupação da comunidade em definir a participação de cada indivíduo nas atividades. Porém, de nenhuma forma isso faz com que as atividades se tornem mais demoradas ou desorganizadas. Muito pelo contrário, a falta de obrigatoriedade parece estimular ainda mais o trabalho em grupo através de um sentimento constante de reciprocidade e de retorno do esforço e do trabalho despendido. Esse sentimento parece potencializar os dons dos indivíduos e acelera as atividades. Sua organização e participação são garantidas através de mecanismos sociais, muito relacionados à sensação de pertencimento.⁸³

O modo de se organizar da comunidade pode, em princípio, causar estranheza, pois, num grupo social, o comum é que cada pessoa tenha uma função específica para o bom funcionamento do grupo. Contudo, como nos mostra a citação acima, a liberdade que cada pessoa tem para realizar o que gosta estimula o trabalho do grupo e faz com que haja reciprocidade em tudo o que se faz. O sentido de pertença à comunidade e a liberdade que cada um sente no grupo geram comprometimento com o outro.⁸⁴ Aliás, já destacamos em depoimentos de moradores que tudo o que cada pessoa faz não é pensando em si própria, mas em vista do bem do outro e isso é o que motiva a pessoa a dar o melhor de si. Schultz constata que “o apelo coletivo da vida organizada em torno de bens em comum, educação partilhada, trabalho coletivo e responsabilização mútua manifesta um protesto contra a vida baseada no indivíduo isolado, sugerindo uma reorganização baseada na coletividade.”⁸⁵

⁸² ALVES, 2008, min: 42:14.

⁸³ MORAIS, 2018, p. 77.

⁸⁴ “Os vínculos observados entre os membros da comunidade vêm não só das dádivas ou dos princípios instaurados em meio ao grupo, mas também de aspectos muito mais compreensíveis como vínculos familiares, vínculos de vizinhança e vínculos de se compartilhar propriedade. Estes, somados aos aspectos da dádiva e aos princípios de todos, é o que define o amor como palavra central no discurso de todos os membros e que gera a vontade de permanência e de contribuição na reprodução do sistema.” (MORAIS, 2018, p. 88).

⁸⁵ SCHULTZ, 2013, p. 115.

Se forcarmos somente no modo de se organizar da comunidade, atualmente, poderia ser vista simplesmente como um grupo social bem organizado e estruturado. Todavia, nosso olhar vai além do que aparentemente se vê nesse grupo social. Na sua história há um grande “êxodo”, um caminho feito em meio a um deserto repleto de infortúnios até chegar à “terra” da esperança. Mesmo carregando a marca de comunidade pagã⁸⁶, a fé em Deus se faz muito presente na Comunidade Noiva do Cordeiro que se constituiu um grupo fortalecido na unidade com os laços do amor fraterno. Para Aquino Junior,

se a fé, enquanto dinamismo de vida ou modo de viver e configurar a vida, diz respeito à totalidade da vida humana, ela diz respeito, evidentemente, ao modo como nos vinculamos uns aos outros e inter-agimos e ao modo como organizamos e regulamos nossa vida coletiva.⁸⁷

Nesse sentido, foi através da experiência de fé que o grupo se consolidou como comunidade de partilha da vida e dos dons, tendo como fundamento a prática do amor fraterno que está na base do cristianismo. A dimensão do cuidado ganhou bastante força no seio da comunidade e tornou-se um preceito entre todos as pessoas, desde o exemplo dos mais velhos ao “cuidado dos mais jovens com as criancinhas, a vontade de ser multiplicador e bom exemplo”⁸⁸, como mostra Fazendeiro. É nessa prática do cuidado, da partilha e do amor uns aos outros que o Reino de Deus se manifesta. O Reinado de Deus, afirma Castilho, “é como um tesouro, uma pérola preciosa, é o Reino da liberdade no qual não há demônios que oprimem, nem correntes que atam, nem marginalização e as pessoas se comunicam e se entendem, se amam e se ajudam.”⁸⁹ Desse modo, a vida comunitária tornou-se para os moradores um valor espiritual, como podemos ver nas falas deles mesmos: “o coração tem que sentir vontade de fazer o bem para outra pessoa. O bem é um valor espiritual; fazer o bem sem esperar nada em troca.”⁹⁰

3.3.3 Partilha da mesa e dos dons, sinais da manifestação do Reino de Deus

Outra característica fortemente presente na Comunidade Noiva do Cordeiro é a partilha dos dons. Em todos os âmbitos a comunidade vive de maneira comunitária, desde o trabalho no

⁸⁶ Mesmo depois de superar o isolamento e o preconceito sofridos, o fato de Noiva do Cordeiro não ter mais religião, por opção do grupo, faz com que sejam vistos pelos vizinhos como um povo diferente e mesmo pagão.

⁸⁷ AQUINO JUNIOR, 2011, p. 22.

⁸⁸ FAZENDEIRO, 2016, p. 63.

⁸⁹ CASTILLO, 2016, p. 65.

⁹⁰ FAZENDEIRO, 2016, p. 66.

campo até as tarefas domésticas da casa, como relata uma moradora: “em vez de cada família plantar sua roça [...], a gente decidiu plantar em uma só área. Então todo mundo ajuda a preparar a terra, a capinar, plantar, colher. E tudo o que é produzido é para o consumo de todos.”⁹¹ A expressão mais comum presente nos depoimentos dos moradores e que todos sentem alegria em dizer é que na comunidade nada é de ninguém, mas tudo é de todos.⁹²

Para Gourgues, a comunhão de fé dos primeiros cristãos em “um só coração e uma só alma (At 4,32), naturalmente os conduziam à comunhão dos bens.⁹³ A unidade comunitária dos fiéis se fundamentava na justiça inspirada pela mensagem do Reino. A Comunidade do Reino vive a *koinonia* no seu interior para usufruto dos bens necessários à vida de todos. Isso não significa que os membros dessa comunidade não possam possuir algum bem. At 4,34 mostra que aqueles que possuíam bens excedentes vendiam-nos para ajudar a outros em suas necessidades e, assim, não houvesse entre os membros da comunidade nenhum indigente.⁹⁴

Na Comunidade Noiva do Cordeiro, acontece algo muito semelhante ao quadro apresentado no livro dos Atos dos Apóstolos sobre as primeiras comunidades cristãs. O trabalho é coletivo e tudo o que é produzido visa o sustento de todos, como observa Moraes: “o sentimento de usufruto coletivo garante o sentimento de posse e a apropriação unilateral dos recursos de forma ampla e consciente.”⁹⁵ Embora cada família tenha sua casa, todos comem na chamada “casa grande”, que é a casa de Delina.⁹⁶ Também chamada pelos moradores de “casa mãe”, existe no local um grande refeitório para onde se dirigem todos os moradores nos momentos das refeições. Ali, todos “repartem o alimento com alegria e simplicidade de coração”. Assim relata uma moradora entrevistada: “todo mundo toma café, almoça juntos, à noite tem a ceia.”⁹⁷ O gesto de partilharem na mesma mesa o que produzem juntos gera gratidão⁹⁸ e todos se sentem felizes e saciados de corpo e alma. Essa maneira de viver, de acordo com Rosalee, moradora da comunidade, causa admiração na sociedade, pois, segundo ela “o trabalho em comum, em mutirão, pelo bem de todos faz a diferença, tanto para a qualidade de vida quanto para o ego pessoal. Todo mundo se sente feliz de viver nessa harmonia.”⁹⁹ Na

⁹¹ ALVES, 2008, min: 30:37.

⁹² ALVES, 2008, min: 29:07.

⁹³ GOURGUES, 1990, p. 58.

⁹⁴ GOURGUES, 1990, p. 59.

⁹⁵ MORAIS, 2017, p. 79.

⁹⁶ ALVES, 2008, min: 31:54

⁹⁷ SBREEBOW, 2014, parte II, min: 07:26.

⁹⁸ ALVES, 2008, min: 31:02.

⁹⁹ SBREEBOW, 2014, parte I, min: 10:52.

mesma mesa os moradores compartilham a vida, o trabalho de cada dia, a alegria de tomar o alimento produzido com o esforço e trabalho de todos. De acordo com Castilho,

sentar-se à mesma mesa para comer com outras pessoas significava compartilhar a própria vida e solidarizar-se com os demais. Comer junto é compartilhar a mesma comida. É a comida que mantém a nossa vida e é fonte de vida. Por isso, comer junto significava que se compartilhava com os demais a própria vida; e que cada um era solidário com os outros.¹⁰⁰

Na Comunidade Noiva do Cordeiro, a partilha dos bens não significa, contudo, que seus moradores não possam possuir rendas. Como já mencionamos no primeiro capítulo, existem os que trabalham fora, em outros municípios, para complementar a renda da comunidade. Com o salário que recebem, esses moradores ajudam a comunidade e utilizam parte do ganho nas necessidades pessoais. Os que possuem alguma renda fixa, além de contribuir comunitariamente com a dinâmica da comunidade, ajudam outras pessoas que não possuem nenhuma renda a comprar alguma mercadoria de uso pessoal.¹⁰¹ A renda pessoal não fere o espírito da coletividade e da partilha, pois mesmo alguém tendo um ganho próprio coloca-se acima de tudo o amor ao próximo que se dá nas relações de respeito e cuidado entre seus membros.¹⁰²

Podemos, com segurança, afirmar que o modo de viver da comunidade Noiva do Cordeiro é o da comunidade da *koinonia*. Ainda que não exerçam nenhum ritual religioso, mesmo que não celebrem o rito da Ceia Sagrada ou da Eucaristia, é uma comunidade que vive a Eucaristia na dinâmica da *koinonia*. A vida da Comunidade do Reino desejada por Jesus exige desapego e, sobretudo, libertação do egoísmo para viver a fraternidade dos filhos de Deus, como bem expressa uma moradora da comunidade: “acho que o principal para você viver bem é não ter egoísmo, se tem egoísmo não tem lugar para mais nada.”¹⁰³ Esses exemplos nos interpelam a revisar nossa vida sacramental e a examinar o modo como testemunhamos os sacramentos nas nossas comunidades e no mundo que nos desafia a reorientar nossos padrões de valores pautados no ter, pois quanto mais se tem, mais se é reconhecido. O acúmulo de dinheiro fere a dinâmica de partilha que Jesus está ensinando como exigência do Reino.¹⁰⁴

3.3.4 A festa como dimensão celebrativa na comunidade Noiva do Cordeiro

¹⁰⁰ CASTILLO, 2016, p. 23.

¹⁰¹ MOREYRA, 2014, min: 13:45.

¹⁰² FAZENDEIRO, 2016, p. 82.

¹⁰³ FAZENDEIRO, 2016, p. 57.

¹⁰⁴ COLAVECCHIO, 2013, p. 90-91.

O evento determinante que convenceu a Comunidade Noiva do Cordeiro a abandonar a religião foi a festa, mais precisamente, uma festa de casamento.¹⁰⁵ Antes desse acontecimento, tudo lhes era proibido.¹⁰⁶ A partir da experiência da festa, seu povo encontrou sentido para a vida. A opressão e a tristeza dão lugar à liberdade e à alegria de viver. Desse modo, a festa tornou-se um evento que marca essa mudança na vida dos moradores da comunidade. É o lugar do encontro para celebrar a alegria, agradecer, conviver, além de ser um espaço de aprendizado.¹⁰⁷ É interessante a observação de Schultz ao constatar que “curiosamente, no local da igreja a comunidade decide fazer um local de encontro e alegria.”¹⁰⁸ A vida é celebrada não mais com ritos religiosos institucionalizados, mas através da festa. Taborda ao refletir sobre o sentido da festa, afirma:

A festa sempre inclui algum exagero, algum “desperdício”: fica-se mais tempo acordado, come-se e bebe-se algo extraordinário, gasta-se mais, veste-se melhor, fala-se mais alto, ri-se, canta-se. Não é mero efeito da bebida porventura excitante, mas a alegria que contagia, se exterioriza em gestos, quer aliciar outros para o mesmo gozo no acontecido. [...]. A festa congrega pessoas que em comum valorizam, da mesma forma, o mesmo acontecimento. A partir do acontecimento celebrado as pessoas se unem. Através de um gesto familiar ao grupo. Aqui entra, portanto, a comunidade. A pessoa individual celebra algo enquanto membro de um grupo, de uma comunidade. A festa é sempre fonte de solidariedade; cria e intensifica a vivência comunitária.¹⁰⁹

O encontro festivo na Comunidade Noiva do Cordeiro não é simplesmente para “farrear”. O objetivo de uma festa, como mostra Taborda, deve ser unir as pessoas, congregá-las e, assim, manter num mesmo espírito a unidade do grupo. A dimensão festiva é também um dos traços da mensagem do Reino. Nas parábolas sobre o Reino, afirma Castilho, “Jesus compara o Reino de Deus a várias situações, dentre elas, a festa, como podemos constatar nas bodas do filho de um rei. É a celebração de uma festa humana”¹¹⁰ para celebrar a alegria, uma realização importante. Desde a celebração do casamento que marcou o início de uma nova vida

¹⁰⁵ No primeiro capítulo da pesquisa explicitamos o contexto do acontecimento que marcou a mudança na vida da comunidade.

¹⁰⁶ ALVES, 2008.

¹⁰⁷ O espaço festivo da comunidade é para celebrar o encontro, agradecer, partilhar, dançar; é onde acontecem também apresentações culturais, teatrais. Essas apresentações estão voltadas para temas que abarcam a vida da comunidade no intuito de ensinar, trabalhar determinados assuntos que envolvem os dramas sofridos por membros da comunidade, no intuito de ajudá-los. Desse modo torna-se um espaço de crescimento na vida grupal. (RIBAS, C. *Noiva do Cordeiro*. Programa Viação Cipó, TV Alterosa, 2015, bloco 01, min: 6:50. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=wxU4Q3jjHZI>>. Acesso em: 26 abr. 2021).

¹⁰⁸ SCHULTZ, 2013, p. 108.

¹⁰⁹ TABORDA, F. *Sacramentos, práxis e festas*. Para uma teologia latino-americana dos sacramentos. Petrópolis: Vozes, 1987. p. 47.

¹¹⁰ CASTILLO, 2016, p. 21.

na Comunidade Noiva do Cordeiro, a festa tem como intenção celebrar o novo ciclo, as dádivas recebidas através do trabalho coletivo, da união e da partilha. O modo como seus moradores celebram a vida se identifica intensamente com a seguinte afirmação de Castillo:

O Reinado de Deus se parece com uma festa de casamento, festa de alegria e abundância. Porque onde os homens compartilham e são solidários uns com os outros há alegria e abundância. É isto o que têm de fazer os cristãos, isto é, o que tem de fazer cada comunidade, cada paróquia, cada cristão, cada sacerdote e cada bispo. Por conseguinte, o Reinado de Deus não é algo apenas (nem principalmente) religioso, não consiste apenas em que as pessoas rezem e vão à igreja. O Reinado de Deus consiste, antes de qualquer outra coisa, em que as pessoas se queiram bem e se ajudem tanto que isso as leve a compartilhar e a ser solidárias em tudo o que aconteça na vida. Apenas aqueles que fazem isso entram no Reinado de Deus. Quer dizer, Deus é verdadeiramente o Rei daqueles que vivem e se preocupam em conseguir que as pessoas que estão ao seu redor sintam-se cada dia melhor, desde que isso seja possível e dependa delas.¹¹¹

Assim, o Reino de Deus se faz presente na celebração da alegria, na união, na partilha dos dons, no amor fraterno vivido em comunidade. Essas são expressões da Comunidade do Reino e podemos observá-las na vida da Comunidade Noiva do Cordeiro. O espaço festivo é o ambiente onde os moradores expressam o sentido dessa realidade lá presente. É o espaço da “intercomunhão solidária”. Se falta isso, perde o caráter festivo da reunião.¹¹² Para haver a “intercomunhão solidária” é necessário comunhão, conexão e sintonia do grupo com o que se celebra. Se há uma pessoa alheia ao que acontece na festa, ela não celebra, mas assiste a um espetáculo; a festa não será para essa pessoa uma celebração.¹¹³ Desse modo, a comunidade celebra a comunhão fraterna de seus membros em torno da mesa partilhada. Ainda, de acordo com Taborda,

na festa o grupo que celebra encontra sua identidade, porque a festa valoriza determinados acontecimentos, aglutina em torno a gestos e narrações, constrói a comunidade a partir de suas raízes e de sua história em vista ao futuro. Compromete-a com o que ali se festeja. A festa torna público o horizonte social dos participantes. [...]. Se descobrem valores pessoais encobertos no cotidiano. Rompe-se o individualismo e a competição. O resultado da festa é a maior coesão grupal que, por sua vez, cria e reforça a identidade cultural do grupo. [...]. Identificada, legitimada, reorganizada a comunidade celebrativa sai da festa re-criada, revigorada. Fazendo a festa, a comunidade descobre que foi a festa que a fez.¹¹⁴

¹¹¹ CASTILLO, 2016, p. 24.

¹¹² TABORDA, 1987, p. 47.

¹¹³ TABORDA, 1987, p. 89.

¹¹⁴ TABORDA, 1987, p. 92.

Tendo presente a maneira de celebrar a vida da Comunidade Noiva do Cordeiro, notamos que a citação de Taborda acima se insere profundamente na identidade do grupo. A festa na comunidade não tem simplesmente a finalidade de alegrar o grupo, mas compreende toda essa gama de sentidos apresentadas que descreve bem seu modo de viver.

Uma das características de toda festa é o nome. Toda festa recebe um nome que já indica o que se quer celebrar. Em Noiva do Cordeiro, o dia em que a comunidade se reúne para celebrar a vida e a união entre seus membros recebeu o nome de sexta da viola como conta um morador: “a gente criou uma coisa, tipo um evento, que é a Sexta da Viola para cada um que quiser se desculpar, homenagear o outro, estar junto.”¹¹⁵ O evento¹¹⁶ passou a ser realizado semanalmente para reunir toda a comunidade, inclusive os que trabalham fora e retornam à comunidade nos fins de semana. Quando todos estão presentes, a comunidade se reúne para celebrar a união. Assim relata Flávia, moradora da comunidade: “toda semana a gente se reúne pra falar o que aconteceu, pra agradecer, é o momento mais importante pra gente, porque é nele que a gente trabalha e cultiva a união, o amor... porque a gente tá sempre junto... é onde a gente pede desculpa, agradece.”¹¹⁷ No encontro, são realizadas diversas apresentações e, ao final, acontece “uma terapia coletiva” que, do ponto de vista cristão, podemos chamar de “correção fraterna” (Mt 5,23-24). No final das apresentações, continua, Flávia, “depois que a gente alegrou bastante o coração, abriu o coração, é a parte mais importante [...]. Qualquer coisa que tiver precisando colocar pra fora, a gente usa esse momento.”¹¹⁸

Na Comunidade Noiva do Cordeiro não há uma igreja institucionalizada, não existem “ritos religiosos”, mas o evento “Sexta da Viola”, de certa maneira, configura-se como um ritual para a comunidade, um momento celebrativo que recolhe todo o vivido no grupo e, ao mesmo tempo, orienta seus membros no cultivo e transmissão dos valores espirituais. Para os membros da comunidade, a festa é carregada de sentido, como mostra Taborda.

A Festa é o lugar onde a vida se faz não só consciente (em seu mais amplo sentido), mas também querida e saboreada, e onde tudo isso se manifesta e se partilha”. [...]. A verdadeira celebração se dá não fugindo da realidade de injustiça e opressão, mas

¹¹⁵ FAZENDEIRO, 2016, p. 63.

¹¹⁶ “A sexta da viola é o principal ritual da comunidade. Esse evento é de extrema importância para seus membros, pois além de ser um momento de realizar uma integração coletiva, serve para alinhar expectativas quanto ao trabalho, consultar o grupo sobre decisões importantes das áreas, e principalmente, reafirmar a identidade local em meio aos membros e aos visitantes. Essa reafirmação da identidade do grupo é feita através de peças de teatro, músicas e danças que em sua maioria falam da própria comunidade, de seus momentos de dificuldade, e da superação de cada um desses momentos. É um momento de celebração, mas não deixa de ter o seu papel no que diz respeito ao estímulo à manutenção dos valores que o grupo construiu com o passar dos anos”. (MORAIS, 2017, p. 83).

¹¹⁷ RIBAS, 2015, bloco 01, min: 6:52.

¹¹⁸ RIBAS, 2015, bloco 01, min: 8:10.

reconhecendo-se superando-a na esperança. Festa não é frivolidade, mas manifestação do mais profundo da vida.¹¹⁹

Enfim, na festa se manifesta os sentimentos da vida humana, celebra-se a alegria de existir. O ser humano precisa regozijar-se com a dança, com o canto, com o lúdico¹²⁰. São elementos constitutivos da humanidade na qual Deus age e salva. Jesus mostrou-nos que o Reino de Deus se manifesta na nossa forma de viver, de trabalhar, de celebrar a vida nas relações humanas e fraternas.¹²¹ Assim, na Comunidade do Reino não pode faltar o que humaniza e torne as pessoas humanizadoras.

3.3.5 A peculiaridade da Comunidade Noiva do Cordeiro

Algumas características observadas na Comunidade Noiva do Cordeiro enfatizam suas peculiaridades, o que a leva a ser diferente. Uma delas é o ambiente rural, no qual a agricultura familiar é o alicerce econômico de seus moradores. Isso favorece o trabalho coletivo do grupo. Se, por um lado, há uma união e confiança extrema no grupo, de modo que não há nada que ameace as pessoas que lá vivem, por outro lado, a integração e relação com o mundo exterior poderia resultar desafiadora. Para entendermos melhor, tomemos o depoimento de uma moradora da comunidade que diz:

Eu não sei o que é você viver no mundo com medo das coisas, com medo das pessoas, eu vejo esses depoimentos, eu vejo isso na televisão, mas isso é uma coisa que eu não sei sentir. [...] a gente não tem essa preocupação aqui, a gente vive muito, assim, num mundo sem perigo, a gente isolou num mundo que não tem perigo nenhum. [...] gostaria muito que eles (as pessoas em geral) implantassem isso na vida deles, porque eles seriam muito felizes.¹²²

Na afirmação acima, notamos que entre eles não há “medo ou preocupação” e que a comunidade se “isolou num mundo sem perigo”. O depoimento expressa um bonito sentimento de reconhecimento do quanto é bom viver naquele lugar, pois lá todos encontram segurança e aconchego. O desejo da moradora para as pessoas de fora é que todos experimentem isso que os moradores de sua comunidade vivenciam. Em outro contexto, seria muito difícil viver no mundo sem ameaças. Aliás, Jesus alertou a seus discípulos sobre os perigos que enfrentariam, impostos pelos inimigos do Reino. No mundo, as forças do antirreino deverão ser enfrentadas

¹¹⁹ TABORDA, 1987, p. 56.

¹²⁰ TABORDA, 1987, p. 54.

¹²¹ CASTILLO, 2016, p. 106.

¹²² ALVES, 2008, min: 43:44.

e isso requer enfrentar adversidades. Toda comunidade, por mais particular que seja, deve preparar-se para enfrentar os infortúnios do mundo com coragem e determinação. Os moradores de Noiva do Cordeiro aprenderam que todas os conflitos, seja entre eles ou com os de fora, se resolvem com amor e que o mal se paga com o bem. É bonito ver essa dinâmica acontecendo na vida da comunidade e isso só é possível com a união do grupo. Todavia, num mundo complexo com grandes problemas sociais, os desafios são outros. Não podemos nos isolar dos problemas, mas enfrentá-los e descobrir no meio das provocações e conflitos os apelos da vontade Deus, sem permanecermos “distantes” do mundo, o que seria contrário ao projeto do Reino de Deus.

O fato de os membros da Comunidade Noiva do Cordeiro experimentarem um forte sentido de pertença, consolidado nas relações fraternas e pautado no amor aos irmãos, faz com que olhem o mundo com outro olhar. Transparece na fala de alguns o comparativo “nós” e “eles”, referindo-se à vida na comunidade e à vida fora da comunidade, como podemos constatar num outro exemplo:

Eu vejo a vida assim que nós temos a vida melhor desse mundo. Gosto demais de viver assim. Quando eu converso com pessoas de fora eu fico mais feliz de viver aqui. Eles sentem um vazio, uma busca por sei lá o que. Nós não temos isso aqui. Você não se sente sozinho aqui. Não é pela presença, é pela confiança. Confio em qualquer um deles.¹²³

Uma vez mais aparece o sentido de pertença, a mostra de satisfação por viver na comunidade onde as pessoas se sentem amadas, cuidadas e podem confiar em todos. Contudo, na comparação entre nós e eles, pode haver o risco de se conceber dois mundos distintos, a saber, o da comunidade e o de fora. Não podemos afirmar que isso seja assim, pois a comunidade, inclusive, é bastante aberta para acolher pessoas de fora. Uma de suas maiores conquistas foi vencer o isolamento que durou anos. Atualmente mantém relações afetuosas em todas as dimensões com a comunidade externa. É importante, contudo, conceber o mundo como a grande comunidade na qual se está inserido e integrar-se de tal modo na sociedade que se evite criar um mundo a parte. Esse fato pode ser um dos desafios que se apresenta para a comunidade. Algo semelhante soe acontecer na vida consagrada e, com frequência, ouvimos de religiosos a expressão “a vida lá fora é outra”, como se a consagração implicasse numa vida alheia ao mundo. Somos chamados a ser testemunhas do Reino no mundo.

¹²³ FAZENDEIRO, 2016, p. 52

3.3.6 O matrimônio e a concepção familiar na vida da Comunidade Noiva do Cordeiro

Outro ponto que vale destacar refere-se à instituição familiar e a vida matrimonial na Comunidade Noiva do Cordeiro. Aliás, o tema do casamento foi o fato que marcou o início da comunidade. A primeira fase, a da excomunhão, iniciou-se com um casamento desfeito. A segunda fase, que marcou o início da vida pós-religião, deu-se a partir de um casamento. A comunidade passou por rupturas, dentre elas o fim do casamento e uma nova concepção de modelo familiar, como mostra Roese:

A ruptura acontece no âmbito da família, casamento, da igreja e da religião. Nos três lugares se veem rupturas com sistemas de poder: fim do casamento civil (rompimento com o modelo de família); protagonismo e liderança de mulheres (questionamento do sexismo e poder masculino); abandono consciente da religião (fim do domínio religioso institucional). Em todos eles está a negativa à submissão irrestrita, seja à igreja, seja ao marido ou ao pai, seja à sociedade como um todo.¹²⁴

A comunidade rompeu com sistemas de poder que, de uma forma ou outra, limitavam, oprimiam ou se impunham sobre a liberdade das pessoas, sobretudo das mulheres. Os moradores da comunidade chegaram à liberdade¹²⁵ de abandonar a religião após se darem conta de que não podiam mais viver sob o jugo que impunha tanto sofrimento. O fardo era pesado demais para continuarem carregando-o. Jesus desaprova a atitude dos líderes religiosos que impunham fardos pesados sobre as pessoas. A religião deve ser um meio para ajudar o fiel a encontrar-se com Deus, a viver a experiência com o Transcendente e não um peso a mais a ser carregado na vida. Deus não impõe peso sobre a vida das pessoas, ao contrário, quer torná-las leves, oferecendo descanso e aconchego, como podemos compreender na seguinte afirmação de Vitório:

Dirigindo-se aos pequeninos cansados e curvados pelo peso do fardo, Jesus os convida para junto de si, em vista de receberem o devido descanso (gr. *anápausis*) (Mt 11,28). Quem poderia cansá-los e abatê-los, senão a religião dos legalistas e moralistas, carregada de exigências opressoras? Esses não suportam ver a convivência do Mestre com os pecadores e marginalizados para salvá-los, e não para ameaçá-los com castigos (Mt 9,10-13). O Mestre propõe-lhes que façam duas coisas: carregar sua carga e aprender dele (Mt 11,29-30). Sua carga pode ser compreendida como o projeto de religião desprovido de legalismo e moralismo, mas baseado na misericórdia e no

¹²⁴ ROESE, 2010, p. 159.

¹²⁵ “O ponto de partida de toda liberdade é a liberdade de pensamento. [...]. Uma das piores tragédias da cristandade foi que a liberdade de pensamento se afirmou contando, durante séculos, com a resistência implacável da hierarquia. Ela foi incapaz de entender o que acontecia. Ficou completamente cega. Invocou uma infinidade de razões – uma mais insustentável do que a outra – para defender a sua oposição radical à liberdade de pensamento. Não percebeu que a liberdade de pensamento nasceu dentro do povo de Israel e do povo cristão.” (COMBLIN, 2002, p. 220).

cuidado com próximo. Sendo assim, torna-se leve e suave, e oferece “descanso para suas vidas”. Voltar-se para ele corresponde a romper com os motivos de aflição em nome de Deus¹²⁶.

A Comunidade Noiva do Cordeiro chegou à liberdade para desvincular-se do legalismo, do moralismo, enfim de tudo aquilo que gerava aflição em seu meio. Para serem fiéis à mensagem de Jesus, seus moradores entenderam que era necessário romper com o que lhes fizeram crer como preceitos indispensáveis à salvação. Assim, a comunidade foi tomando nova configuração, uma vida nova começou a germinar em seu meio.

Já mostramos que a vida da comunidade é caracterizada pela ausência da religião. Isso implicou, também, no modo de viver o matrimônio. Como mostra Alves, “sem precisar de obedecer a dogmas e sacramentos, o casamento deixou de ser imposto pelos pais. Desde então os adultos têm livre escolha, casando ou não no papel e ficando juntos até que dure o amor.”¹²⁷ Vimos que no âmbito comunitário, o amor uns aos outros está no centro da vida da comunidade. Esse amor se identifica, certamente, com o amor evangélico, gratuito e poderíamos identificá-lo ao termo grego (αγάπη). Quanto às relações entre casais que, de acordo com o documentário de Alves, mantêm-se a união até que dure o amor, não podemos nos referir ao mesmo tipo de amor anterior, mas sim ao nível do desejo cujo termo grego é (έρως). O que poderíamos pensar é que, se “um casal fica junto até que dure esse amor”, haveria muitas famílias desfeitas se o desejo passar. Não obtivemos nenhum dado sobre a durabilidade do casamento na comunidade. Contudo, essa não parece ser uma preocupação na comunidade, pois os valores familiares são vividos e transmitidos com o testemunho de vida na relação entre pais e filhos e isso é muito valorizado entre eles, como vimos, anteriormente, ao falarmos sobre a transmissão dos valores espirituais na comunidade.

De acordo com o Código de Direito Canônico, o matrimônio acontece, primeiramente na ordem natural, isto é, quando o homem e a mulher decidem unir-se intimamente “ordenados por sua índole natural ao bem dos cônjuges e à procriação e educação da prole” (CDC, 1055). Assim foi elevado à dignidade de Sacramento. Contudo, não havendo quaisquer ritos religiosos na comunidade, o matrimônio se dá de forma natural. Quanto ao casamento civil que confere legalidade jurídica, fica à livre escolha do casal querer ou não oficializar o matrimônio. Mesmo diante da liberdade de realizá-lo ou não, há, em geral, o desejo dos casais de concretizarem o ato simbólico que marca o início de um compromisso que se constitui num vínculo familiar importante para eles.

¹²⁶ VITÓRIO, 2019, p. 137.

¹²⁷ ALVES, 2008, min: 13:05.

Uma das finalidades do casamento civil é garantir os direitos dos cônjuges. Assim também, quando Jesus insiste na indissolubilidade do casamento (Mt 19,6), está defendendo os direitos e a dignidade das mulheres¹²⁸, que na sociedade judaica sofriam as piores consequências ao serem abandonadas por seus maridos. Essa preocupação parece não haver na Comunidade Noiva do Cordeiro, pois as relações estabelecidas no grupo como um todo, geram em cada um a confiança, de tal modo que todos se sentem protegidos e cuidados, o que, de certa forma, reflete também na vida dos casais. Como podemos notar, a forma de viver a relação com a instituição matrimonial, ou se preferirmos, a forma de conceber a família rompe com os padrões da nossa sociedade. A liberdade de viver na unidade e sem o peso de preceitos traz leveza e satisfação ao grupo. Isso faz com que a vida, em todas as dimensões, não se torne uma rotina pesada, o que favorece as relações familiares e grupal. A comunidade que acolhe livremente a proposta do Reino, certamente, conquista a dignidade humana para todos.

3.4 Realidade humana como lugar de salvação¹²⁹

O apelo à humanização das pessoas num mundo em que as relações têm sido cada vez mais desumanizadoras nos interpelam como Igreja a reavivar o comprometimento com a causa de Jesus em formar autênticas comunidades do Reino. Deus quer nos salvar salvando nossa humanidade em toda sua essência. No seu Reino, devemos acolher nossa humanidade, pois ela é fonte de nossa salvação. Para Castilho, “o mais importante no Reinado de Deus não é a religião, mas o ser humano, sua vida, sua felicidade, seus direitos, sua liberdade, sua dignidade, tudo que o faz feliz e contagia de felicidade aqueles com quem convive.”¹³⁰ Não achamos, com isso, que a religião, ou se preferirmos, a Igreja, não seja importante, mas consideramos a importância de o cuidado com a vida humana ser uma prioridade na Comunidade do Reino. Num mundo onde as desigualdades sociais são notáveis e as pessoas são valorizadas pelo

¹²⁸ VITÓRIO, 2019, p. 134-135.

¹²⁹ “O mistério da Igreja torna-se real, visível, concreto dentro da realidade humana. Não é estranho que a realidade humana da Igreja, tão claramente manifestada na Bíblia e nas origens cristãs, tenha sido ocultada ou quase apagada pela penetração de representações de um mundo sacralizado como aconteceu na Idade Média e até nos séculos ulteriores. O redescobrimento da realidade humana da Igreja foi favorecido por novas circunstâncias históricas. Essa realidade humana foi o grande descobrimento e a grande afirmação da modernidade. Ela é como a essência da modernidade. Nas épocas anteriores o mundo sagrado escondia as dimensões da realidade humana. Tudo vinha de Deus ou dos deuses. O ser humano não tinha consistência própria, mas vivia como que conduzido ou animado por forças sagradas numa dependência vivencial total.”. Durante séculos esqueceu-se que Jesus havia realizado sua obra terrestre fora de qualquer sacralização em plena realidade humana profana, comum. Assim como a nova cristologia reabilitou a humanidade de Jesus, o conceito de povo de Deus inclui a reabilitação da realidade humana completa. (COMBLIN, 2002, p. 27).

¹³⁰ CASTILLO, 2016, p. 48.

acúmulo de bens, a mensagem do Reino urge em nosso meio, clamando pelo estabelecimento de uma humanidade mais solidária e livre do egoísmo. A partilha solidária é fundamental e sem isso, não se pode estabelecer a Comunidade do Reino, como podemos constatar com Vitório.

O duplo relato da multiplicação dos pães (Mt 14,13-21; 15,32-39) contém um dado relevante no modo de proceder da humanidade almejada pelo Messias Jesus: a partilha solidária, postura indispensável na vida do discípulo, decorrente da opção pelo Reino e seus desdobramentos.¹³¹

O exemplo de vida da Comunidade Noiva do Cordeiro, de acordo com Schultz, “fornece a todas as pessoas a perspectiva de um futuro, ou a possibilidade da essencialização do ser, onde a sociedade torna-se uma comunidade de iguais”.¹³² O amor ao próximo é a forma mais expressiva do Reino de Deus para vencer as adversidades do mundo que permeia a nossa vida. O amor fraterno é o que nos faz irmãos e a mensagem de Jesus é clara sobre a importância de se estabelecer essa relação como mostra Vitório: “Jesus formulou o princípio da fraternidade de maneira lapidar: ‘todos vós sois irmãos!’ (Mt 23,8-12). Esse será o distintivo da humanidade querida pelo Messias Jesus.”¹³³ Quando se ama o próximo e se faz de tudo para o bem dele, estabelece-se a relação humana desejada por Deus. Nesse sentido, na *Fratelli Tutti*, afirma Francisco:

A estatura espiritual duma vida humana é medida pelo amor, que constitui “o critério para a decisão definitiva sobre o valor ou a inutilidade duma vida humana”. Todavia há crentes que pensam que a sua grandeza está na imposição das suas ideologias aos outros, ou na defesa violenta da verdade, ou em grandes demonstrações de força. Todos nós, crentes, devemos reconhecer isto: em primeiro lugar está o amor, o amor nunca deve ser colocado em risco, o maior perigo é não amar (*1 Cor 13, 1-13*) (FT, n. 92).

Cada pessoa levará em si, por toda a vida, dificuldades próprias do humano. O discípulo do Reino é chamado a praticar o amor com todas as suas limitações, num exercício contínuo. Reconhecer a fragilidade humana e acolhê-la, aceitando a humanidade com que somos chamados a amar o próximo, é fundamental na vida da Comunidade do Reino. A vida comunitária carece desse exercício e, quando isso se torna uma prática na comunidade, todos percebem o fruto do esforço de cada um. Na Comunidade Noiva do Cordeiro, essa experiência se demonstra na vida de seus membros como podemos constatar no testemunho da moradora Flávia Emediato:

¹³¹ VITÓRIO, 2020, p. 575.

¹³² SCHULTZ, 2013, p. 115.

¹³³ VITÓRIO, 2020, p. 574.

É claro que cada um tem um gosto, tem os seus momentos, como que a gente consegue? As vezes eu tô estressada, as vezes eu acordei de mau humor, como que a gente consegue passar por cima disso? A única coisa que eu levo no meu dia-a-dia, assim, isso eu levo muito a sério, é falar: gente, a primeira coisa é pensar no amor que tenho com as pessoas, com os meus, com a minha família, todos são minha família, independente do sangue. Eu não falo uma palavra que vá magoar, porque a gente sempre se arrepende. É deixar o egoísmo de lado, de só pensar em você. Isso é um exercício que você tem que fazer, igual uma ginástica que você faz todo dia, é o que a gente procura fazer: exercitar o amor, porque ele tem que ser cultivado; se você não cultivar, ele morre.¹³⁴

O exercício contínuo do amor¹³⁵ é fundamental para combater o egoísmo e o orgulho que muitas vezes escraviza e impede o ser humano de acolher o Reino. Segundo Pannenberg, “o homem fica mais longe de Deus, precisamente, quando se acha mais seguro de si mesmo. O Reino de Deus não será estabelecido pelos homens. O Reino de Deus se dá a conhecer, a maioria das vezes, quando se derruba o orgulho humano.”¹³⁶ Esse amor manifesta-se no mais profundo do ser humano, mas não nasce do ato da vontade humana. É o amor que emana da fonte do Deus que cria o ser humano por amor e para o amor. Somente um amor reconhecido como dom de Deus é capaz de abrir mão do próprio querer e interesse (EE 189)¹³⁷ para que a vida seja um dom para o próximo. Ainda, conforme Pannenberg,

o amor como única comunidade verdadeira e definitiva entre os homens é o critério para refletir as incessantes mudanças nas formas de vida política e social. Quem tem em conta que em todas as formas de vida social se trata da convivência humana e que não é possível nenhuma forma verdadeiramente humana sem amor, chegará a formar-se um juízo muito distinto. Já não encontrará tão demasiado e estranho que Jesus fizesse do amor o critério válido da justiça. O amor pode ser norma da justiça, precisamente, porque não é um princípio abstrato.¹³⁸

Quando na convivência de uma comunidade prevalece o amor como fundamento de vida entre seus membros, nela o Reino de Deus se faz próximo. O amor que Jesus ensinou não torna seus seguidores “semideuses”, mas pretende humanizá-los para viverem relações fraternas. O messianismo de Jesus apresentado no Evangelho de Mateus consiste, precisamente, de acordo com Vitória, “no empenho em fazer nascer a humanidade almejada pelo Pai, radicada

¹³⁴ ALVES, 2008, min: 40:00.

¹³⁵ “Mateus tem em vista sua comunidade em crise, a quem oferece indicações para viver fielmente a fé e escapar à tentação de deixar ‘esfriar o amor’ (gr. *agápe*) (Mt 24,12) [...]. A perseverança no amor constitui-se no único caminho de salvação, pois será esse o critério de julgamento da humanidade, quando os ‘benditos de me Pai’ herdarão ‘o Reino preparado para vocês desde a criação do mundo’ (Mt 25,34).” (VITÓRIO, J. *Lendo o Evangelho segundo Mateus*. O caminho do discipulado do Reino. São Paulo: Paulus, 2019. p. 30).

¹³⁶ PANNENBERG, 1974, p. 56.

¹³⁷ SANTO INÁCIO DE LOYOLA, 2000, p. 78.

¹³⁸ PANNENBERG, 1974, p. 53.

na fraternidade, sendo a misericórdia o alicerce das relações interpessoais.”¹³⁹ O risco de muitas pessoas nas comunidades cristãs é acharem que para serem verdadeiramente fiéis a Deus, devem desprezar o que é próprio da nossa humanidade. Quando não se deixa humanizar pela Palavra de Deus, isto é, se a mensagem de Jesus não penetra na humanidade das pessoas fechadas em doutrinas e preceitos morais, levando-as a acolherem sua humanidade, elas se tornam duras de coração e passam a julgar o próximo com falta de compaixão. Essa concepção está impregnada de moralismos e, em muitos lugares, impõe pesados fardos sobre as pessoas (Mt 23,4), impedindo-as de viverem uma fé libertadora. A ação de Jesus denuncia tudo o que oprime, como mostra Vitório ao afirmar:

O messianismo de Jesus passa à margem das práticas propriamente religiosas, talvez pela consciência do perigo representado pela religião desumanizadora praticada pelas falsas lideranças religiosas. Seu olhar crítico desses grupos perpassa a catequese mateana (Mt 6,1-18). [...]. O Messias estabelece nítida distinção entre dois tipos de religião: a libertadora e a opressora, a humanizadora e a desumanizadora, a interessada no ser humano e a obcecada pela Lei (Mt 11,28-30).¹⁴⁰

Na prática, o que a extinta Igreja Noiva do Cordeiro fez, através de seu líder, foi desumanizar as pessoas, mantendo-as no isolamento e na opressão. Quando essa comunidade de fé, se deu conta de que era desumano o que passavam e precisavam viver dignamente e de forma humana, decidiu romper com a Igreja.¹⁴¹ Com isso, o deus da religião desaparece, e a humanidade permanece.¹⁴² Se internalizamos a mensagem do Reino trazida por Jesus, caímos na conta de que Deus não quer uma religião opressora, desumanizadora, antes se interessa pela dignidade humana em todas as suas dimensões. Por isso concordamos com Schillebeeckx quando afirma que Jesus, “no seu modo de viver, dá ao Reino de Deus um rosto concreto: dedica-se ao bem-estar, à integridade do ser humano. Com suas curas e exorcismos, Ele liberta a pessoa humana e a devolve a si mesma humana.”¹⁴³ O que, normalmente aprisiona uma comunidade de fé numa redoma, mantendo seus fiéis num moralismo que os impede de viver uma fé viva e libertadora, é a concepção do pecado carnal como um mal perverso. Nesse sentido, os discursos de muitas igrejas pretendem privar as pessoas de experimentarem

¹³⁹ VITÓRIO, 2020, p. 581.

¹⁴⁰ VITÓRIO, 2020, p. 566-567.

¹⁴¹ Os membros da Igreja Noiva do Cordeiro se reuniram e deliberaram sobre o rompimento com a Igreja que oprimia com a doutrina imposta. É necessário mesmo sacrificar nossa vida, nossa humanidade para ter a salvação? Essa pergunta foi fundamental para a comunidade chegar à decisão e optar por “cultivar uma vida de amor”, no exercício da caridade, vivendo de forma honesta. (MOREYRA, 2014, min: 8:58).

¹⁴² SCHULTZ, 2013, p. 120.

¹⁴³ SCHILLEBEECKX, 2008. p. 147.

sentimentos inerentes à condição humana. Jesus nunca agiu com atitude moralista. Ao contrário, criticava os fariseus por tal atitude e acolhia aqueles que eram colocados de lado por serem considerados imorais.¹⁴⁴ A respeito desse moralismo, Vitório afirma:

A semântica evangélica de pecado nada tem a ver com moralismo, tampouco significa ofensa a Deus. Seu forte é a desumanização! [...]. Entendido como desumanização, coincide com a decisão de se fechar à ação humanizadora do Espírito Santo e se enclausurar no egoísmo, tornando-se cego às necessidades do próximo. [...]. O pecado no âmbito da comunidade do Reino relaciona-se com o egoísmo, a falta de solidariedade e de cuidado com o outro, o desprezo das regras da boa-convivência, enfim, as posturas contrárias à fraternidade. São expressões da desumanidade de quem aderiu ao Reino, sem se deixar humanizar por ele (Mt 7,21-23; 25,31-46).¹⁴⁵

O que muitas vezes impede a comunidade de fé identificar-se com a Comunidade do Reino é o comportamento contrário ao que humaniza. Quando se encerra em “leis religiosas” e tudo o que transmite se restringe a dogmas e doutrinas¹⁴⁶, menosprezando a mensagem libertadora e humanizadora do Evangelho, o Reino de Deus fica distante dela. Nesses ambientes há uma urgência de refletir profundamente a mensagem do Reino anunciada por Jesus e internalizar a sua essência. A seu modo, foi o que fez a Comunidade Noiva do Cordeiro, no processo de dar-se conta do que havia de errado na vivência da prática cristã, isto é, percebeu a incompatibilidade da mensagem evangélica com o modo de vivê-la. Assim, escolheram viver a essência da mensagem cristã e abandonar a religião que não ajudava seu povo a viver de forma humana o que Deus deseja para seus filhos. No contexto dessa comunidade, esse foi o caminho encontrado. O exemplo de Noiva do Cordeiro chama a atenção de muitas pessoas de fé, seja negativa ou positivamente; causa admiração em uns pelo testemunho de vida e leva à reprovação de outros por não terem religião. Como bem questiona Rodríguez, “o que talvez ainda temos que pensar é se estamos dispostos a deixar de lado os protagonismos e permitir que as pessoas e as comunidades façam seus próprios processos de descobrimentos da ação de Deus nelas.”¹⁴⁷ Independentemente da opção feita pela Comunidade Noiva do Cordeiro ser ou não aceita pelas comunidades cristãs, esse caso nos interpela a aprofundar nossa experiência de fé no Cristo em sintonia com sua mensagem do Reino e a refletir nosso modo de proceder como comunidade cristã confessional. Concordamos com Schultz ao afirmar:

¹⁴⁴ Cf. Mt 9, 12b-13a; 12, 7; 15, 7-9; 23, 13-32; Mc 3, 4-5; Lc 11, 39b-40; 15, 4-32; 16, 15; Jo 8, 1-11.

¹⁴⁵ VITÓRIO, 2020, p. 568-569.

¹⁴⁶ VITÓRIO, 2020, p. 573.

¹⁴⁷ RODRÍGUEZ ARENAS, 2015, p. 88.

Abre-se aqui a necessidade de renovar a reflexão sobre a capacidade da religião de servir como veículo de reintegração da vida. A maldição lançada sobre Dona Senhorinha de Lima há quatro gerações finalmente chegou ao fim, e isso abre uma brecha de esperança. Parece mesmo que os deuses passam, e a Humanidade permanece.¹⁴⁸

O que permanece na vida dos moradores de Noiva do Cordeiro os torna mais humanos. Ao viverem essa experiência de humanidade, puderam entender em que consiste viver na prática o verdadeiro testemunho de fé e realizar a vontade de Deus.

3.4.1 Lugar onde o Reino se faz próximo

Ainda que não se possa definir precisamente em que consiste o Reino de Deus, tampouco que “está aqui ou está ali”, sabemos, através de Jesus, que o “Reino de Deus está próximo” (Mc 1,15).¹⁴⁹ Por meio de palavras e ações, Jesus nos leva a compreender que a proximidade do Reino de Deus não é uma realidade abstrata, mas se faz próximo, quando nossas relações humanas correspondem ao projeto de vida da Comunidade do Reino. Sua resposta ao projeto de Jesus resulta da consciência que Jesus despertou em seus membros e do testemunho de vida consolidado nas relações fraternas e no amor ao próximo. João nos alerta que não se ama o próximo “com palavras nem com a língua, mas com ações e em verdade” (1Jo 3,18). Assim, o Reino se faz próximo! Bem expressa Taborda: “quando as relações entre as pessoas se tornam mais simétricas, embora não esteja aí em plenitude.”¹⁵⁰ Quando, num grupo humano, numa comunidade ou numa sociedade a lei do amor transforma radicalmente a vida das pessoas¹⁵¹ e nesse lugar prevalece a comunhão e a alegria, aí Deus reina.

A Comunidade Noiva do Cordeiro, durante muitos anos, foi escrava de uma situação de opressão, como já evidenciamos anteriormente. Foi preciso alcançar uma liberdade interior para que pudesse superar o que a oprimia. Assim, seu povo sentiu-se livre para abandonar a religião e viver em comunhão e no amor fraterno. O despertar da nova vida não contemplava mais a presença da Igreja institucionalizada, mas, sem dúvida, a “comum unidade” vivenciada caracteriza-se como verdadeira Igreja, pois, conforme Comblin, “o que faz a unidade da Igreja são os trabalhos assumidos em comum, as lutas comunitárias, os confrontos assumidos em comum, as tarefas comunitárias.”¹⁵² Guiados por esse espírito, seu povo faz a experiência do

¹⁴⁸ SCHULTZ, 2020, p. 122.

¹⁴⁹ KASPER, 1978, p. 86.

¹⁵⁰ TABORDA, 1987, p. 38.

¹⁵¹ CULLMANN, 1972, p. 29.

¹⁵² COMBLIN, 2002, p. 148.

amor uns aos outros. A experiência de amar e sentir-se amado é fortemente vivenciada pelos membros da comunidade que fazem questão de compartilhar o que vivem, como vemos no relato seguinte:

Viver aqui, o significado de tudo, o mais grande de tudo é que você realmente é amado. Isso te dá uma segurança, te dá uma vida, te dá uma coragem. Te tira seus medos, te tira todos os sentimentos ruins que as pessoas lá fora sentem. Tira a insegurança e isso te dá uma certeza, uma vida. Para mim o mais importante aqui é o tanto que as pessoas me amam. O tanto que eu me sinto amada. Isso é um presente, um presente que em lugar nenhum eu vou ganhar. Aqui as pessoas preocupam com você antes de você. As pessoas fazem tudo por você.¹⁵³

No quarto capítulo da Primeira Carta de João, encontramos a expressão desse amor ao próximo nos seguintes versículos: “amados, meus, amemo-nos uns aos outros, pois o amor vem de Deus e todo aquele que ama, nasceu de Deus e conhece a Deus” (v. 7). “Se Deus nos amou, devemos, nós também, amar-nos uns aos outros” (v.11). “Se nos amarmos uns aos outros, Deus permanece em nós, e o seu Amor em nós é realizado” (v. 12b). O amor de que nos fala o discípulo amado é o amor “uns aos outros”. Se esse amor se realiza numa comunidade, o amor de Deus se cumpre nas pessoas que a habitam e, assim, na experiência desse amor manifestasse o Reino de Deus. Conforme Pannenberg, “o amor reconhece o outro como pessoa e, desse modo, como livre e igual. A comunidade pessoal só é possível na liberdade mútua. O pensamento do amor implica liberdade e igualdade como condições de integridade pessoal.”¹⁵⁴ A experiência desse amor é o que expressa a moradora da Comunidade Noiva do Cordeiro no relato acima mostrado por Fazendeiro. O testemunho dessa comunidade ensina que não é necessário ser um católico ou protestante para relacionar-se com Deus fazendo novas todas as coisas no amor uns aos outros. Em qualquer grupo humano, as pessoas podem, através dos ensinamentos de Jesus, criar relações que geram vida e tornar-se um ser humano melhor¹⁵⁵ e, unindo-se a outros no mesmo espírito de comunhão humana, construir uma comunidade onde o Reino acontece. O Reino de Deus, de acordo com Pannenberg, “não é, certamente, idêntico à igreja. Nunca se fala nesse contexto do templo e da igreja. É absolutamente possível representar-se o Reino de Deus entre os homens sem uma instituição religiosa.”¹⁵⁶

Por muito tempo, a pregação da Igreja condicionou os fiéis a obedecer a doutrinas e mandamentos. De fato, isso conseguiu manter o povo fiel à Igreja, porém, o conhecimento da

¹⁵³ FAZENDEIRO, 2016, p. 52.

¹⁵⁴ PANNENBERG, 1974, p. 102-103.

¹⁵⁵ RODRÍGUEZ ARENAS, 2015, p. 115.

¹⁵⁶ PANNENBERG, 1974, p. 47.

essência da mensagem do Reino, tão presente no anúncio de Jesus, permaneceu ofuscada. Prevaleceu a crença de que a Igreja é proprietária da salvação e muitos, até hoje, não conseguem ver a Igreja como Comunidade do Reino, onde a amor misericordioso de Deus deve ser o pilar das relações fraternas. O poder desse Reino ultrapassa as fronteiras da Igreja, como afirma Colavecchio:

Não é propriedade particular de nenhum grupo fechado. O Reino de Deus transborda as nossas delineações e os nossos preconceitos. A Comunidade de fé tem de discernir os sinais de boa vontade nos indivíduos e nos grupos da sociedade e estender a sua mão em colaboração com estes, no empenho de servir à vida de todos¹⁵⁷.

É preciso despertar a consciência de que a ação salvífica de Deus irrompe com a proximidade de seu reinado que acontece “com a total adesão de Jesus ao querer do Pai, com a determinação de lhe ser inteiramente fiel e obediente”¹⁵⁸ até o fim. Assim, acolher esse Reino implica na fidelidade a Jesus, no fazer a sua vontade que é a vontade do Pai. A praxe da vida de Jesus nos convida a viver como ele viveu, através de uma consequente praxe de vida que é a praxe do Reino de Deus.¹⁵⁹

3.4.2 A fidelidade ao projeto de Jesus constitui a Comunidade do Reino

A Comunidade do Reino não se constitui simplesmente comungando da mesma fé, dos mesmos sacramentos. A comunhão espiritual deve encarnar-se na comunhão humana, pois sem isso esvaziaria o sentido de comunhão.¹⁶⁰ A íntima união de Jesus com o Pai se dá numa relação de amor. Desse modo, nossa comunhão com Jesus expressa-se na comunhão com os irmãos. Não basta confessar Jesus como salvador. Como destaca, Vitório, “equivoca-se quem pensa que o simples ‘Senhor, Senhor’ garante a entrada no Reino dos Céus (Mt 7,21).”¹⁶¹ A Comunidade do Reino desejada por Jesus se constitui quando se ouve os ensinamentos do Mestre e se põe a praticá-los e isso não acontece, senão, nas relações humanas e comunitárias. Não se constrói a Comunidade do Reino com imposições de mandamentos e doutrinas, mas sim realizando a vontade do Pai expressa nos ensinamentos de Jesus, como mostra Vitório.

¹⁵⁷ COLAVECCHIO, 2013, p. 66.

¹⁵⁸ VITÓRIO, 2019, p. 65.

¹⁵⁹ SCHILLEBEECKX, 2008, p. 148.

¹⁶⁰ COMBLIN, 2002, p. 147

¹⁶¹ VITÓRIO, 2019, p. 95.

A acolhida no Reino dos Céus decorre do esforço do cumprir com fidelidade o querer do Pai sintetizado no Sermão da Montanha. Nele se encontram pautas de ação bem objetivas e claras, de modo a se evitarem mal-entendidos. Os tendenciosos desvirtuam os ensinamentos do Mestre e os contaminam com ideias enviesadas. Enganam-se por caminharem na direção oposta daquele a quem se dispuseram a seguir.¹⁶²

Diante de tudo que vimos, podemos afirmar que o Reino de Deus se torna realidade numa comunidade, não por meio de ritos, celebrações, invocações do nome do Senhor, mas pela fidelidade à vontade de Deus concretizada no amor fraterno. A vivência desse amor não se dá com palavras vazias, mas nas relações humanas, no trabalho coletivo, na solidariedade, nas partilhas, enfim, com testemunho de vida. Quando se tecem relações de amor e respeito ao próximo, a vontade de Deus se realiza nesse lugar e, assim, seu Reino se faz próximo. “De acordo com a mensagem de Jesus, na vinda do Reino de Deus se encerra tudo o que Deus deseja do homem e tudo que Ele lhe dá”¹⁶³, afirma Pannenberg. Deus comunica o amor a seu povo e deseja que todos se amem uns aos outros.

Na comunidade desejada por Jesus, não pode haver opressão, injustiça, desprezo, discórdia, falta de amor, mas o que gera unidade, comunhão entre os irmãos. Quando Jesus expulsa os demônios, liberta a pessoa daquilo que a oprime e devolve-lhe a dignidade humana. Em Mc 5,1-17, quando Jesus cura um homem com espírito imundo que o mantinha nos sepulcros, numa situação de morte, de aprisionamento, afastando-o do convívio social, Ele o liberta do mal que destrói o ser humano e o desumaniza. Conforme Segundo, “forças obscuras e inúteis, incapacidade de linguagem e comunicação, solidão e proximidade do morto, primeiro; em seguida, reintegração do trato, da linguagem, da vocação social. Alguém que estava perdido foi encontrado, como no caso do filho pródigo.”¹⁶⁴ Jesus deseja que esse mal seja extirpado de qualquer grupo humano. O Reino de Deus se torna presente e vivo quando a comunidade busca superar tudo o que gera morte, luta contra o sofrimento, viva o respeito mútuo, a tolerância, enfim cultiva o amor misericordioso.¹⁶⁵ Quando todos se unem num mesmo desejo, guiados pelo mesmo espírito de solidariedade e amor uns aos outros para tornar a vida mais agradável e feliz, aí o desejo de Deus se concretiza. É necessário, conforme Colavecchio, “que a comunidade cristã seja, antes de tudo, uma comunidade de compaixão. E sabemos que muitas pessoas fora da Igreja encontram este Pai e vivem com Ele.”¹⁶⁶ Se o desejo de Deus fosse que todas as pessoas tivessem uma religião para entrar no seu Reino, a Comunidade Noiva do

¹⁶² VITÓRIO, 2019, p. 96.

¹⁶³ PANNENBERG, 1974, p. 16.

¹⁶⁴ SEGUNDO, 1991, p. 254.

¹⁶⁵ CASTILLO, 2016, p. 46.

¹⁶⁶ COLAVECCHIO, 2013, p. 90.

Cordeiro estaria, certamente, excluída dessa possibilidade. Mas se seu Reinado se torna real na realização de sua vontade entre os irmãos, então, ela configura-se como Comunidade do Reino.

3.5 À guisa de conclusão

Ao confrontarmos os elementos constitutivos do Reino de Deus com os traços característicos da comunidade, verificamos que seu projeto de vida responde sobremaneira à concepção do Reino de Deus anunciado por Jesus. O Reino nos foi dado, cabe a nós identificá-lo no nosso modo de viver e isso exige mudança da mentalidade assim como exigiu dos discípulos um processo de transformação para serem fiéis à causa do Reino que Jesus lhes propôs. Os destinatários do Reino devem estar em sintonia com a proposta de Jesus para que o reinado do Pai aconteça no solo humano.¹⁶⁷ O processo de transformação vivido pela comunidade e sua profunda sintonia com a mensagem de Jesus dão credibilidade à sua identificação com a Comunidade do Reino.

Destacamos que a Igreja não é, necessariamente, o único caminho possível de acesso ao Reino de Deus, mas esse pode muito bem manifestar-se em grupos humanos para além das fronteiras da Igreja quando, na convivência do grupo, manifesta-se o sonho de Deus. O caminho feito pela Comunidade Noiva do Cordeiro até chegar à decisão de não ter mais religião, contudo, sem abandonar os valores espirituais, é muito particular e, sem dúvida, um testemunho de vida fascinante que tem muito a ensinar a nós que professamos a fé no Cristo numa Igreja. Isso não quer dizer, entretanto, que a Igreja seja empecilho para sermos fiéis ao projeto de Jesus. Todos necessitamos de conversão e o testemunho fiel depende da nossa resposta à vontade do Pai manifestada em Jesus. Para sermos fiéis ao Reino, não precisamos ser perfeitos, assim como os moradores da Comunidade Noiva do Cordeiro não o são. A fidelidade da comunidade à proposta de vida que abraçaram também enfrenta no seu seio dificuldades do cotidiano como a de qualquer grupo humano. O que mostramos sobre a comunidade se pautou nas fontes e documentos sobre sua forma de viver. O modo como seus moradores vivem é próprio deles, não se aplica em outra comunidade, pois cada uma tem sua particularidade e um estilo de vida tão peculiar que não funcionaria em outro grupo com características diferentes. Para que uma comunidade seja fiel à causa do Reino, terá de fazer seu próprio caminho inspirada pela essência da mensagem de Jesus. O modelo de outra pode, sim, servir de testemunho e exemplo, mas não ser copiado, pois uma realidade não corresponde à outra. Concordamos com Aquino Junior que

¹⁶⁷ SEGUNDO, 1991, p. 290.

o grande desafio de cada comunidade de fé, “consiste, pois, em discernir e escolher, em cada caso e em cada situação, entre as reais possibilidades disponíveis, as mais adequadas e mais fecundas para a configuração de nossa vida e de nosso mundo segundo o dinamismo suscitado por Jesus e seu Espírito.”¹⁶⁸

¹⁶⁸ AQUINO JUNIOR, 2011, p. 21.

CONCLUSÃO

O primeiro e terceiro capítulos da pesquisa evidenciam a experiência da Comunidade Noiva do Cordeiro, tendo presente sua história, sua relação com Deus, com a Igreja até chegar ao seu atual projeto de vida. Apresentam todas essas dimensões da vida da comunidade na perspectiva do Reino de Deus, tema ao qual dedica-se, de maneira exclusiva, o segundo capítulo da pesquisa. Certamente, no contexto em que vive a comunidade, existem outros elementos que a levam a ser o que é hoje. Contudo, a leitura restringiu-se à Teologia para mostrar sua configuração como Comunidade do Reino, mesmo sem qualquer vínculo com a Igreja institucionalizada, embora se possam fazer leituras a partir de outras ciências.

O intuito foi mostrar que essa comunidade, mesmo não sendo cristã confessional, vive os princípios do cristianismo de forma plenamente consciente e fiel à proposta da mensagem do Reino anunciada por Jesus de Nazaré. Não significa, com isso, que a Comunidade Noiva do Cordeiro se apresente como uma comunidade perfeita, mas sim, que o modo como vive pode e deve levar muitas comunidades confessionais a refletirem sobre seu testemunho de vida eclesial que, muitas vezes, se distancia do que Cristo pede no anúncio do Reino. Qualquer comunidade cristã, qualquer Igreja que queira permanecer fiel aos ensinamentos de Jesus, de acordo com Pannenberg, “deve compreender-se como comunidade em relação com o Reino de Deus anunciado por Jesus.”¹ Constata-se nesse estudo que a transmissão dos valores dentro da comunidade é, sobretudo, testemunhal. O testemunho cristão está na tradição da Igreja e não pode ser perdido. O caráter testemunhal configura a Igreja como Comunidade do Reino. Ao apresentá-la, enquanto comunidade não confessional, como modelo de Comunidade do Reino, pretende-se chamar a atenção para uma reflexão de como nós, enquanto comunidade de fé, vivemos o Reino de Deus em nosso meio. Em muitos contextos e lugares, constata-se faltar à Igreja o caráter testemunhal e, não é difícil perceber, em muitos casos, um contratestemunho cristão. Muitas vezes, prega-se a instituição em detrimento da mensagem do Reino de Deus.² O testemunho de vida fiel à mensagem de Jesus sobre o Reino de Deus é o que torna possível uma comunidade cristã identificar-se com esse Reino.

O estudo desse caso levou à constatação de que as comunidades confessionais não são portadoras exclusivas da mensagem do Reino anunciada por Jesus. O Reinado de Deus acontece

¹ PANNENBERG, 1974, p. 42.

² “A transfiguração triunfalista da Igreja no lugar do reinado de Cristo tem sido feita, quase sempre, em favor de uma legitimação superior dos direitos e atribuições dos líderes eclesiásticos, coisa que, realmente, tem muito pouco a ver com os interesses do Reinado de Deus”. (PANNENBERG, 1974, p. 48).

em qualquer grupo humano que toma consciência da riqueza da Boa Notícia e a coloca em prática. Conforme Pannenberg, isso “deveria ocorrer, precisamente, na Igreja e através de sua ação.”³ Porém, nem sempre é a realidade que se vê na Igreja institucionalizada. Assim, pode-se concluir que o Reinado de Deus não é propriedade da Igreja; é maior que ela. Portanto, a Igreja deve anunciar o Reino e não a si própria. Ao se mostrar a Comunidade Noiva do Cordeiro como um exemplo de fidelidade à Boa Notícia do Reino, pode-se perguntar até que ponto respondemos às exigências que o Evangelho nos faz para sermos fiéis à Boa Nova de Cristo.

Este estudo mostra como as relações que existiam no passado entre a Comunidade Noiva do Cordeiro, a comunidade católica local e a experiência com o protestantismo, revelam que tanto as atitudes dos católicos da região, quanto os preceitos da Igreja evangélica da qual fez parte, não testemunhavam o Reino de Deus. Ao contrário, havia um contratestemunho em relação à Boa Notícia do Reino para legitimar a instituição. Os membros da comunidade decidiram romper com a Igreja Evangélica, para serem fiéis ao que realmente o cristianismo propõe, porque se deram conta da incapacidade da Igreja para atender aos anseios de seus membros. O rompimento com a Igreja foi uma forma de protesto, algo que já marcou o passado da Igreja Católica com a Reforma protestante. O protesto é sempre uma forma de dizer que algo não está bem. Contudo, nessa comunidade a forma de protesto não foi um contra-ataque à instituição religiosa, mas a opção por viver o amor uns aos outros exigido por Jesus (Jo 13,36). Desse modo, a vida comum, a partir da experiência do amor fraterno, estabeleceu-se no seio da comunidade que se fortaleceu na comunhão, na partilha de vida e, assim, foi conquistada a alegria de viver a pertença a um grupo que dá sentido à vida. Ao se comparar o comportamento dessa comunidade com o de comunidades cristãs, não se tem a intenção de afirmar que ela está certa e as comunidades confessionais, erradas. O exemplo da Comunidade Noiva do Cordeiro pode e deve servir de espelho para se refletir, enquanto comunidade de fé, o caminho da Igreja de Cristo no testemunho da Boa Nova do Reino.

Ao mesmo tempo em que, nesse trabalho, se buscou constatar que uma comunidade não confessional pode se configurar como comunidade do Reino, colocou-se em questão o proceder das igrejas, enquanto portadoras da mensagem do Reino. Mais do que discursos e imposições de preceitos morais, o foco da ação eclesial deve estar centrado na Boa Nova do Reino anunciado por Jesus. Os documentos do magistério da Igreja Católica no atual pontificado insistem que a Igreja deve irradiar o amor misericordioso de Deus. Esse amor é indispensável para acolher o Reinado de Deus. O amor que une na comunhão fraterna é o fundamento da

³ PANNENBERG, 1974, p. 48.

comunidade do Reino. Se não se busca viver a vida eclesial com a prática desse amor, o Reino de Deus não se faz próximo. Não se ama, apenas, com palavras, mas com ações. Isso ficou bastante evidente nos depoimentos de membros da comunidade citados nesse trabalho. O mandamento do amor, no contexto do lava pés, parte de Jesus, que dá o exemplo para que se faça o mesmo que ele fez (Jo 13,15.17.34-35), com o testemunhado de vida. Não se pode buscar justificativas para não viver o amor entre os irmãos, sobretudo, na comunidade de fé. Isso seria distorcer a mensagem do Reino. Ou se ama de verdade, com o testemunho de vida ou não se é fiel ao mandamento do amor, exigência na vida da Comunidade do Reino.

O objetivo da reflexão centrou-se em mostrar que o amor e a fraternidade são os pilares de sustentação da Comunidade do Reino e que essa configuração reflete-se na vida da Comunidade Noiva do Cordeiro. Ele foi alcançado, pois, com o aporte teológico, pelo qual foi possível compreender que o Reino de Deus faz-se presente no cotidiano de nossas vidas, independentemente da religião, desde de que acolhamos a mensagem de Jesus e a vivamos com o coração, na fidelidade ao mandamento de amar o próximo. Ficou evidente que a experiência da comunidade corresponde a essa proposta e seus membros têm consciência de que o projeto de vida que escolheram proporciona uma vida feliz e com sentido. De acordo com a compreensão da dimensão do Reino de Deus no tempo presente, conclui-se que a proposta de vida da Comunidade Noiva do Cordeiro corresponde ao da Comunidade do Reino.

O estudo de uma comunidade não confessional, na perspectiva do Reinado de Deus e na ótica da eclesiologia, retoma os valores das primeiras comunidades cristãs, cuja marca era a dimensão da *koinonia*, que reflete o cuidado com as necessidades humanas na comunidade cristã. O ideal da Comunidade do Reino mostrou que as comunidades eclesiais são chamadas a testemunhar a fraternidade. A dissidência religiosa na Comunidade Noiva do Cordeiro forjou um modo de vida profundamente sintonizado com a mensagem de Jesus. Isso interpela os cristãos, de acordo com Schultz, para a “necessidade de renovar a reflexão sobre a capacidade da religião de servir como veículo de reintegração da vida.”⁴ O exemplo de vida desse grupo lança o desafio de se refletir sobre como as comunidades eclesiais de nosso tempo correspondem, com o testemunho de vida, à mensagem do Reino anunciada no Evangelho de Jesus Cristo.

Caberia, ainda, a possibilidade de um estudo aprofundado do aspecto sociológico na vida da comunidade. Certamente, essa área do conhecimento tem muito a dizer sobre o modo de vida forjado pela comunidade Noiva do Cordeiro e, sem dúvida, poderia contribuir

⁴ SCHULTZ, 2020, p. 122.

sobremaneira com a Teologia para aprofundar e sistematizar outras abordagens teológicas a partir de sua realidade. O fato de a comunidade ter atraído a atenção do mundo inteiro através de canais de televisões, jornais, revistas e despertado o interesse para a pesquisa sobre sua dinâmica de vida comunitária, mostra que algo de extraordinário se apresenta na vida desse povo, destacando-se positivamente a alegria de haver construído um ambiente onde prevalece o amor e a vivência em harmonia e união. Deve-se reforçar que a transmissão dos valores na comunidade é testemunhal e o testemunho, em toda a história da Igreja, foi o que atraiu a muitos ao seguimento de Cristo. Isso não quer dizer que a comunidade atraia pessoas de fora para lá viverem, até porque esse não é seu objetivo. Seu desejo é que seus membros permaneçam, motivados pelo exemplo de cada pessoa da comunidade, fiéis ao propósito de vida que construíram e que a comunidade continue existindo na sua atual configuração. Todavia, se o exemplo desse povo causa admiração em muita gente, é porque possui algo inspirador e atraente. Isso leva a pensar na capacidade de nossas comunidades eclesiais de atrair as pessoas com o exemplo de vida e levarem-nas a viver uma experiência profundamente cristã, em conformidade com o Reino de Deus.

Sem dúvida, o exemplo da Comunidade Noiva do Cordeiro pode ser aprofundado pela Teologia, de modo que continue a refletir a Igreja como caminho para Deus, atenta à realidade e ao cuidado humano. Sua história e exemplo oferecem muitos elementos para que se reflita a vida eclesial em seus diversos aspectos. Esse estudo conclui-se como grande aprendizado sobre o Reino de Deus e a Igreja. Contudo, como pretexto para se aprofundar a reflexão teológico-pastoral sobre os efeitos da vivência eclesial na vida dos fiéis.

REFERÊNCIAS

AQUINO JUNIOR, Francisco de. *A dimensão socioestrutural do Reinado de Deus*. Escritos de teologia social. São Paulo: Paulinas, 2011.

ALVES, Alfredo. *Documentário Noivas do Cordeiro*. [Rio de Janeiro:] Globo Filmes/GNT, 2008. Disponível em: <[Documentário NoivaS do Cordeiro](#)>. Acesso em: 21 de jun. 2021.

BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2002.

BLANCHARD, Yves-Marie. *et al. Evangelio y Reino de Dios*. C. B. 84. Navarra: Verbo Divino, 1995.

BORGHESI, Massimo. O pensamento de Jorge Mario Bergoglio. Os desafios da Igreja no mundo contemporâneo. *Cadernos de Teologia Pública*, São Leopoldo, v. 15, n. 132, p. 1-16, 2018.

CASTILLO, José Maria. *O Reinado de Deus*. São Paulo: Loyola, 2016.

CODINA, Víctor. Para Comprender la Eclesiología desde América Latina. Navarra: Verbo Divino, 1990.

COLAVECCHIO, Ronaldo L. *Jesus e a comunidade do Reino no Evangelho de São Lucas: O vendaval da misericórdia na vida dos discípulos e do mundo*. São Paulo: Loyola, 2013.

COMBLIN, José. *O povo de Deus*. São Paulo: Paulus, 2002.

CULLMANN, Oscar. *Jesus e os revolucionários de seu tempo*. Petrópolis. Vozes, 1972.

DENZINGER, Heinrich. *Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral da Igreja católica*. São Paulo: Loyola, 2006.

ELLACURÍA, Ignacio. La Teología como momento ideológico de la praxis eclesial. *Estudios eclesiásticos*. Madrid, v. 53, n. 207, p. 457-467, Oct/Dic. 1978.

FAZENDEIRO, Samuel Rodrigues. *Espiritualidade e subjetividade: um estudo sobre a transmissão dos valores espirituais na comunidade Noiva do Cordeiro*. 2016. 99 p. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião). Faculdade de Filosofia, PUC-MG, Belo Horizonte, 2016.

FRANCISCO, Papa. *Evangelii Gaudium. A alegria do Evangelho*. Exortação apostólica ao episcopado, ao clero, às pessoas consagradas e aos fiéis leigos sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. São Paulo: Paulinas, 2014.

FRANCISCO, Papa. *Gaudete et Exsultate*. Exortação Apostólica sobre a Chamada à Santidade no Mundo Atual. São Paulo: Paulinas, 2018.

FRANCISCO, Papa. *Carta Encíclica Fratelli Tutti: Sobre a Fraternidade e a Amizade Social*. Roma: 2020. Disponível em: <http://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20201003_enciclica-fratelli-tutti.html>. Acesso em: 21 de abr. 2021

FUMAGALLI, Aristide. *Caminhar no Amor: A Teologia Moral do Papa Francisco*. Brasília: CNBB, 2019.

GOURGUES, Michel. *Atos 1-12: Missão e comunidade*. São Paulo: Paulinas, 1990.

GOURGUES, Michel. *Fé, felicidade e sentido da vida: uma releitura atual das bem-aventuranças*. São Paulo: Paulinas, 1999.

GOURGUES, Michel. *As parábolas de Jesus em Marcos e Mateus: das origens à atualidade*. São Paulo: Loyola, 2004.

GUARDINI, Romano. *Dominio de Dios y Libertad del Hombre: Pequeña suma teológica*. Madrid: Guadarrama, 1963.

IVEREIGH, Austen. A opção de Francisco: como evangelizar um mundo em mudança? *Cadernos de Teologia Pública*, São Leopoldo, v. 15, n. 139, p. 1-19, 2018.

JOÃO PAULO II, PAPA. *Carta Encíclica Dives in Misericordia sobre a misericórdia divina*. (Roma, 30 de novembro de 1980). Disponível em: <https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_30111980_dives-in-misericordia.html>. Acesso em: 10 de jun. 2021.

JOÃO PAULO, papa. *Constituição apostólica Sacrae Disciplinae Leges*. (Roma, 25 de janeiro de 1983). Disponível em: <https://www.vatican.va/archive/cod-iuris-canonici/portuguese/codex-iuris-canonici_po.pdf>. 15 de out. 2020.

KASPER, Walter. *A misericórdia: condição fundamental do Evangelho e chave da vida cristã*. São Paulo: Loyola, 2015.

KASPER, Walter. *Jesús el Cristo*. Santander: Sal Terrae, 2013.

KONINGS, Johan. *Marcos: O Evangelho do Reinado de Deus: comentário-paráfrase*. São Paulo: Loyola, 2018.

MONTCHEUIL, Yves de. *As exigências do reino de Deus*. São Paulo: Duas Cidades, 1961.

MORAIS, Luiz Paulo Rigueira de. *Comunidade Rural Noiva do Cordeiro: Estruturas de um Sistema econômico Baseado no Vínculo comunitário*. 2018. 102 p. Dissertação (Mestrado em administração), Faculdade de Administração, UFV, Viçosa, 2018.

MOREYRA, Eugênia. *Fernando Gabeira, Visita a Noiva do Cordeiro*. Globo News Jornalismo, 2014. (23,53 min). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=nkyzWQ-k6M>>. Acesso em 04 de jun. 2021.

MOSCHNER, Franz M. *As parábolas do Reino*. Lisboa: Aster, 1960.

NEUTZLING, Inácio. *O Reino de Deus e dos Pobres*: São Paulo: Loyola, 1986.

PAULO VI. Papa. *Constituição pastoral Gaudium et Spes sobre a Igreja no mundo atual*. Roma: 1965. Disponível em: <http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651207_gaudium-et-spes_po.html>. Acesso em: 10 abr. 2021.

PAULO VI. Papa. *Constituição dogmática Lumen Gentium sobre a Igreja*. Roma: 1964. Disponível em: http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19641121_lumen-gentium_po.html>. Acesso em: 19 abr. 2021.

PANNENBERG, Wolfhart. *Teología y Reino de Dios*. Salamanca. Sígueme, 1974.

RIBAS, Carlos. *Noiva do Cordeiro*. Programa Viação Cipó. [Belo Horizonte:] TV Alterosa, 2015, bloco 01. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=wxU4Q3jjHZI>>. Acesso em: 26 abr. 2021.

ROESE, Anete; SCHULTZ, Adilson. Modos de vida alternativos: o caso da Comunidade Noiva do Cordeiro. *Revista Tecer*. Belo Horizonte, v. 3, n. 5, p. 156, nov. 2010. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/228520507_Modos_de_Vida_Alternativos_O_Caso_da_Comunidade_Noiva_do_Cordeiro/fulltext/000994e223463d040088c5d7/Modos-de-Vida-Alternativos-O-Caso-da-Comunidade-Noiva-do-Cordeiro.pdf>. Acesso: 21 jun. 2021.

RODRÍGUEZ ARENAS, María Stella. *La resiliencia como vivencia del Reino de Dios*. Bogotá: PUJ, 2015.

SANTO AGOSTINO. *Comentário da primeira Epístola de São João*. São Paulo: Paulinas, 1989.

SANTO INÁCIO DE LOYOLA. *Exercícios Espirituais*. São Paulo: Loyola, 2000.

SCANNONE, Juan Carlos. A ética social do Papa Francisco: O Evangelho da misericórdia segundo o espírito de discernimento. *Cadernos de Teologia Pública*. São Leopoldo, v. 15, n. 135, p. 1-16, 2018.

SCHILLEBEECKX, Edward. *A história de um Vivente*. São Paulo: Paulus, 2008.

SCHULTZ, Adilson. Pós-protestantismo: descrição e análise de um caso de dissidência religiosa na comunidade rural Noiva do Cordeiro, em Belo Vale, MG. *Protestantismo em Revista*. São Leopoldo, v. 30, p. 104-123, Jan./Abr. 2013. Disponível em: <http://periodicos.est.edu.br/index.php/nepp/article/view/745>>. Acesso: 21 de jun. 2021.

SBREEBOW, Nara. *A Comunidade Rural Noiva do Cordeiro*. Programa Triângulo das Geraes. [Uberlândia:] Close, 2014. Parte I, min 3:50. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4w7hLHIqmWk>>. Acesso em: 12 mar. 2021.

SBREEBOW, Nara. *A Comunidade Rural Noiva do Cordeiro*. Programa Triângulo das Geraes. [Uberlândia:] Close, 2014, parte II, min. 11:20. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6n6LKZYWOsw>>. Acesso em: 12 mar. 2021.

SEGUNDO, Juan Luis. *La historia perdida y recuperada de Jesús de Nazaret*. De los sinópticos a Pablo. Santander: Sal Terrae, 1991. P. 149-263.

SEGUNDO, Juan Luís. *O Dogma que Liberta*. Fé, Revelação e Magistério dogmático. São Paulo: Paulinas, 2000.

SESBOÛÉ, Bernard. *Fuera de la Iglesia no hay salvación*. Historia de una fórmula y problemas de su interpretación. Bilbao: Mensajero, 2006.

SOBRINO, Jon. La centralidad del Reino de Dios anunciado por Jesús. *Revista Latinoamericana de Teología*. San Salvador, n. 68, p. 135-160, Mayo, 2006.

SOBRINO, Jon. La centralidad del reino de Dios en la teología de la liberación. *Revista Latinoamericana de Teología*, El Salvador, n. 9 p. 247-281, s/m 1986, p. 260 <<http://www.redicces.org.sv/jspui/bitstream/10972/1017/1/RLT-1986-009-B.pdf>>

SOBRINO, Jon. Jesús y el Reino de Dios. Significado y objetivos últimos de su vida y misión. *Revista de Teología Pastoral*, Barcelona v. 66, n. 5, Maio. 1978.

TABORDA, Francisco. *Sacramentos, práxis e festas*. Para uma teologia latino-americana dos sacramentos. Petrópolis: Vozes, 1987.

TOLSTOI, Leon. *O Reino de Deus está em vós*. 2 ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1994.

TRIGO, Pedro. *Papa Francisco: Expressão atualizada do concílio Vaticano II*. São Paulo: Paulinas, 2019.

V CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO E DO CARIBE. *Documento final*. (Aparecida, 13-31 de maio de 2007). Disponível: em <http://www.dhnet.org.br/direitos/cjp/a_pdf/cnbb_2007_documento_de_aparecida.pdf>.

Acesso em: 28 de set. 2020.

VITÓRIO, Jaldemir. *Lendo o Evangelho segundo Mateus*. O caminho do discipulado do Reino. São Paulo: Paulus, 2019.

VITÓRIO, Jaldemir. Uma Nova Humanidade: O horizonte Messiânico de Jesus de Nazaré no Evangelho de Mateus. *Perspectiva Teológica*. Belo Horizonte, v. 52, n. 3, p. 559-583, Set./Dez. 2020.

WEGNER, Uwe. *Exegese do Novo Testamento, manual de metodologia*. 8 ed. São Leopoldo: Sinodal, 2016.